



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

ANA LUIZA SERRÃO COSTA

**OS EFEITOS DE DISTANCIAMENTO NO JORNALISMO INTERNACIONAL
TELEVISIVO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O JORNAL NACIONAL**

FORTALEZA
2022

ANA LUIZA SERRÃO COSTA

OS EFEITOS DE DISTANCIAMENTO NO JORNALISMO INTERNACIONAL
TELEVISIVO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O JORNAL NACIONAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Comunicação Social - Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de Graduado em Comunicação Social - Jornalismo. Área de concentração: Comunicação Social.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Rodrigues da Costa.

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- C87e Costa, Ana Luiza Serrão.
Os efeitos de distanciamento no jornalismo internacional televisivo : um estudo de caso sobre o Jornal Nacional / Ana Luiza Serrão Costa. – 2022.
105 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Comunicação Social (Jornalismo), Fortaleza, 2022.
Orientação: Prof. Dr. Rafael Rodrigues da Costa.
1. Jornalismo Internacional. 2. Telejornalismo. 3. Efeitos de Distanciamento. 4. Jornal Nacional. 5. Estudo de Caso. I. Título.

CDD 070.4

ANA LUIZA SERRÃO COSTA

OS EFEITOS DE DISTANCIAMENTO NO JORNALISMO INTERNACIONAL
TELEVISIVO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O JORNAL NACIONAL

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Comunicação Social - Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de Graduado em Comunicação Social - Jornalismo. Área de concentração: Comunicação Social.

Aprovada em: 15 / 07 / 2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rafael Rodrigues da Costa (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Kamila Bossato Fernandes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Me. Mariana Fontenele Braga de Sena
Universidade de Fortaleza (Unifor)

AGRADECIMENTOS

A Deus e à espiritualidade.

À minha família. Especialmente à minha mãe, Luciane Serrão, que se dedica tanto a mim com amor. Aos meus avós Antônio Livino e Maria dos Santos. Ao meu pai Ray Costa. A Vitória Queiroz e Rodrigo Ermeson, aos demais primos, tias, padrinho e madrinha.

À minha família de São Paulo por ter me fornecido oportunidades, incentivado e impulsionado os meus estudos durante anos. Jacqueline, Lourdes e Lauro Bozzoli, Bárbara e Giulio Destro, muito obrigada.

Aos amigos e pessoas queridas com quem compartilho inúmeras vivências e memórias. Em especial, Jean Dantas, João Vitor Paiva, Davi Sacramento, Gabriel Viana, Yan Celton, Letícia Serpa, Lara Montezuma, Arthur de Moraes, Larissa Dias, Amanda Santos, Lucas Machado e tantos mais na universidade; além de Alexandre Danton, Beatriz Nunes, Giovanna Praciano, Lívia Góis, Vitória Mendes, Rayanne Rolim, Beatriz Pezeta, Juliana Bittencourt, Nathália Pinho, Thayná Ariel, Yolana Bianchi, entre outros que estão comigo desde a escola.

Àqueles que me ajudam, me amam e me amparam todos os dias. Samuel, Dandara e Júlia, bem como Sophia, vocês fazem os meus dias mais felizes e amenos. O meu coração se enche de gratidão por ter vocês comigo.

Às empresas e projetos de comunicação que integraram a minha trajetória acadêmica e profissional até aqui, como TV Unifor, TV Diário, Banco do Nordeste, Comitê de Imprensa Internacional e Diário do Nordeste, além da monitoria na disciplina de Gêneros e Formatos Jornalísticos I.

Ao Prof. Dr. Rafael Rodrigues da Costa pela hábil orientação, paciência e confiança em mim e no meu projeto de pesquisa. Muito obrigada por embarcar nessa jornada comigo e por ter me instruído em tantas outras disciplinas e projetos.

Às professoras participantes da banca examinadora Profa. Dra. Kamila Bossato Fernandes e Profa. Me. Mariana Fontenele Braga de Sena pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões, além de terem contribuído também ao longo do meu percurso acadêmico.

Aos jornalistas Carolina Cimenti e Pedro Aquino Paiva, da Rede Globo de Televisão, pelo tempo concedido nas entrevistas em profundidade desse trabalho, pela troca de conhecimentos, pela atenção e pela gentileza comigo.

Aos colegas de turma, professores e demais funcionários da Universidade Federal do Ceará e da Universidade de Fortaleza, que me ajudaram nos meus caminhos acadêmicos durante os últimos anos.

A mim, que superei adversidades e consegui finalizar essa trajetória levando por fim apenas alegrias, amizades, aprendizados e muita gratidão por tudo e por todos(as) nesta vida.

RESUMO

Apesar do jornalismo ser uma das práticas mais eficientes para contextualizar os acontecimentos do mundo e para fomentar o senso crítico da população, a transmissão das notícias ainda lida com algumas limitações e problemáticas, especialmente no âmbito do jornalismo internacional feito por telejornais tradicionais, como a falta de aprofundamento nas temáticas mundiais e a ausência de características humanizadoras. Sendo assim, este trabalho buscou entender o modo de funcionamento e as especificidades dessa cobertura em um dos principais telejornais do país, o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão. A pesquisa trabalha a hipótese de que o jornalismo internacional, realizado por programas televisivos tradicionais brasileiros, possui efeitos de distanciamento que dificultam a conexão entre os telespectadores e o noticiário internacional. Com isso, o objetivo principal deste trabalho é categorizar esses efeitos e analisar, na prática, se eles estão presentes na cobertura internacional feita pelo JN. Para alcançar tais objetivos, a pesquisa utilizou-se da análise de conteúdo e do estudo de caso qualitativo e quantitativo, com inspeção das edições do telejornal, o uso de entrevistas com jornalistas internacionais da Globo e a consulta documental. A partir disso, a análise de dados averiguou que, dentro do jornalismo internacional feito pelo Jornal Nacional, os efeitos de distanciamento estiveram presentes, em maior ou menor nível, em todos os aspectos elencados pela definição da categoria, o que pode acabar ocasionando a banalização de temas mundiais complexos.

Palavras-chave: Jornalismo Internacional; Telejornalismo; Efeitos de Distanciamento; Jornal Nacional; Estudo de Caso.

ABSTRACT

Despite journalism being one of the most efficient practices to contextualize the events of the world and to promote the critical sense of the population, the transmission of the news still deals with some limitations and problems, especially in the scope of international journalism made by traditional television news, such as the lack of deepening in the world themes and the absence of humanizing characteristics. Therefore, this work sought to understand the mode of operation and the specificities of this coverage in one of the main news programs in the country, Jornal Nacional, from Rede Globo de Televisão. The research works on the hypothesis that international journalism, carried out by traditional Brazilian television programs, has distancing effects that hinder the connection between viewers and the international news. Thus, the main objective of this work is to categorize these effects and analyze, in practice, whether they are present in the international coverage made by JN. To achieve these objectives, the research used content analysis and a qualitative and quantitative case study, with inspection of the TV news editions, the use of in-depth interviews with international journalists from Globo and document consultation. From this, the data analysis found that, within the international news of Jornal Nacional, the effects of distancing were present, to a greater or lesser degree, in all the aspects listed by the definition of the category, which ends up causing the trivialization of themes complexes.

Keywords: International Journalism; Television journalism; Distancing Effects; Jornal Nacional; Case study.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa do livro Jornal Nacional: 50 anos de telejornalismo	24
Figura 2 - Armando Nogueira e Cid Moreira na bancada do Jornal Nacional	39
Figura 3 - <i>Script</i> da primeira edição do Jornal Nacional	40
Figura 4 - William Bonner e Renata Vasconcellos na bancada do JN	45
Figura 5 - Exemplo de arte no Jornal Nacional	70
Figura 6 - Cenário padrão atual do Jornal Nacional	74
Figura 7 - Cenário adaptado do Jornal Nacional para retratar conflito entre Rússia e Ucrânia em 2022	75

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Dados dos valores-notícia no Jornal Nacional	72
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Proposta de tabela de valores-notícia para operacionalizar análises de acontecimentos noticiáveis/noticiados	32
Tabela 2 - Critérios primários de valores-notícia no Jornal Nacional	34
Tabela 3 - Critérios secundários de valores-notícia no Jornal Nacional	35
Tabela 4 - Proposta de caracterização de efeitos de distanciamento no Jornalismo Internacional para operacionalizar análises telejornalísticas	59
Tabela 5 - Identificação das notícias da editoria internacional do Jornal Nacional no período analisado pela pesquisa	60
Tabela 6 - Análise dos efeitos de distanciamento na editoria internacional do Jornal Nacional entre 9 a 14 de maio de 2022	64

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TV	Televisão
Globo	Rede Globo de Televisão
JN	Jornal Nacional

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	METODOLOGIA	19
2.1	Delimitação do universo metodológico e obtenção dos dados	21
2.1.1	<i>Procedimentos de análise</i>	24
3	VALORES-NOTÍCIA	27
3.1	Valores-notícia no Jornal Nacional	33
4	TELEJORNALISMO	37
4.1	Jornal Nacional	40
4.2	Tonalização do discurso telejornalístico	42
5	JORNALISMO INTERNACIONAL	47
5.1	Agências de notícias e correspondentes	48
5.2	Jornalismo Internacional no JN	53
6	ANÁLISE DE DADOS	56
6.1	Os efeitos de distanciamento	57
6.1.1	<i>Os efeitos de distanciamento na cobertura internacional do JN</i>	60
6.1.2	<i>Os efeitos de distanciamento e os valores-notícia</i>	71
6.1.3	<i>Os efeitos de distanciamento e o tom telejornalístico</i>	74
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
	REFERÊNCIAS	80
	APÊNDICE A – ENTREVISTA COM CAROLINA CIMENTI	83
	APÊNDICE B – ENTREVISTA COM PEDRO AQUINO PAIVA	96

1. INTRODUÇÃO

20h30, horário de Brasília. Em todo o Brasil, de segunda-feira a sábado, é possível ouvir, vinda dos aparelhos televisores, a inconfundível melodia da vinheta de abertura do Jornal Nacional, o telejornal de maior audiência do país, exibido pela Rede Globo de Televisão, seguida de um clássico e recorrente “boa noite”, cumprimento dito pelo casal de apresentadores do programa. Tem sido assim há pelo menos 53 anos, quando esse telejornal entrou no ar pela primeira vez. No entanto, de lá para cá, muita coisa mudou — a começar pela própria vinheta, que hoje recebe um tratamento musical mais moderno, mas sobretudo o jornalismo que se faz no país, objeto de diversas transformações, como o advento da internet e das redes sociais, as mudanças estruturais da profissão e da audiência.

A passagem do tempo estabeleceu mudanças constantes que dinamizaram as redações jornalísticas (VIEIRA, 2015, p. 124), e isso inclui o âmbito do jornalismo internacional, que trabalha com assuntos deveras amplos, abrangendo desde temas políticos até culturais. Entretanto, apesar dessa amplitude, os correspondentes internacionais estão dentro de um turbilhão constante de transformações da atividade jornalística e de seus modelos de negócios, incluindo a diminuição do quadro de profissionais no exterior (VIEIRA, 2015, p. 125). No cotidiano, esses profissionais da comunicação realizam o seu trabalho da forma que lhes é possível, já que, frequentemente, é inalcançável fazer o ideal sob a pressão dos prazos, o acúmulo de tarefas, as cobranças variadas, a impossibilidade de locomoção e, até mesmo, a falta de recursos (SOUTO, 2010, p. 89).

Essas questões podem ser ainda mais assíduas na realização da cobertura internacional pelos veículos de comunicação brasileiros, visto que, dificilmente, os jornalistas do país têm acesso direto aos fatos que noticiam ou às fontes que vivenciam tais acontecimentos de perto. Conforme complementam Bistane e Bacellar (2021, p. 74), a maior parte do noticiário internacional transmitido no Brasil não é produzido por equipes brasileiras, em especial dentro do telejornalismo tradicional, o qual costuma ainda destinar um tempo curto para as notícias mundiais. “Com frequência os repórteres fazem o texto com base nas informações das agências e gravam a passagem do local onde estão sediados, longe dos acontecimentos. Quando muito, fazem uma entrevista complementar”, descrevem as autoras (BISTANE; BACELLAR, 2021, p. 74).

Tente contar em um ou dois minutos o que aconteceu em sete horas. Experimente resumir nesse curto espaço de tempo o que ouviu numa palestra, numa reunião ministerial, ou procure explicar a nova política industrial. Esse é o desafio diário do repórter de TV: relatar com precisão e síntese. Uma coisa é ouvir uma história; outra, é entender o suficiente para contá-la, transmitindo a relevância da informação de forma atraente e inteligível (BISTANE; BACELLAR, 2021, p. 13).

Neste sentido, esta pesquisa considera que a gama de aspectos anteriormente citados geram algumas problemáticas na transmissão das notícias, que podem ser mais notáveis no jornalismo internacional televisivo feito no Brasil, como a falta de aprofundamento dos assuntos abordados e a ausência de características humanizadoras nesse noticiário. Sendo assim, este trabalho buscou entender o modo de funcionamento e as especificidades do jornalismo internacional dentro da cobertura televisiva feita por um dos principais telejornais do país, o Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão, que é considerado um programa de referência. Isso significa que, no momento em que seleciona os acontecimentos que vão ao ar, a cobertura do JN transforma-se em um alicerce referencial para outros meios de comunicação (ZAMIN; DAL MAGRO, 2019, p. 3).

Além disso, de acordo com o que é relatado no livro *Jornal Nacional: 50 anos de telejornalismo*, a prova mais evidente do prestígio do telejornal entre a população em geral é a sua audiência altíssima (MEMÓRIA GLOBO, 2019, p. 23). O programa integra, desta forma, um grupo de jornais que tem grande influência sobre a opinião pública nacional e serve de parâmetro para os outros países sobre o que acontece no Brasil, o que justifica a sua escolha para compor o escopo de análise desta pesquisa, devido ao grau de sua amplitude e importância. Por conseguinte, o Jornal Nacional — assim como outros jornais de referência — tende a apresentar seriedade em sua composição e estética, possuir linguagem culta e apelo cosmopolita, conforme o que é elencado no jornalismo de referência por Zamin e Dal Magro (2019, p. 4), que também é conhecido por grande imprensa.

Quem mais tem condições de praticar o jornalismo como uma forma de conhecer a realidade, com as características que procurei detalhar até aqui, é a chamada grande imprensa. É a única que, de maneira organizada, consegue reunir os recursos tecnológicos e humanos capazes de decodificar a realidade imediata e recodificá-la de modo a ser entendida pelo público. É a única que investe grandes somas de dinheiro em tecnologia de ponta, para que o jornalismo possa cumprir uma de suas obrigações básicas: informar com rapidez. É também a única capaz de atrair

peçoal qualificado e, na ausência dele, de qualificar peçoal de modo a torná-lo apto a desempenhar a sua tarefa (MEMÓRIA GLOBO, 2019, p. 34).

Conforme reforçado por Memória Globo (2019, p. 46), a divulgação de uma informação pelo Jornal Nacional, como órgão influente da imprensa brasileira, representa a necessária confirmação de sua veracidade em um universo infinito de boatos e mensagens falsas, sendo um dos mais importantes arquivos audiovisuais no Brasil da história contemporânea mundial. Ao sugerir uma matéria, o JN não foca apenas nas pessoas que vão se informar naquele dia, mas também nos pesquisadores que vasculharão o acervo da Rede Globo no futuro (MEMÓRIA GLOBO, 2019, p. 264). “Por isso, diante do volume avassalador de informações a que somos expostos diariamente, a cobertura internacional do JN se torna ainda mais relevante. Ela explica o presente e funciona como uma lente para nos ajudar a enxergar o futuro” (MEMÓRIA GLOBO, 2019, p. 252).

Nessas tratativas, ressalta-se a notoriedade que as notícias possuem. Elas são um complexo objeto de estudo, de natureza diferenciada em relação a outros fenômenos, e pensar sobre elas implica construir um novo lugar de saber nas ciências humanas (FRANCISCATO, 2013, p. 9). Assim, compreender a notícia demanda refletir sobre um campo prático e significativo de relações do universo comunicacional, no qual a notícia seria ou, pelo menos, deveria ser a expressão humanizada do ato de conhecer e experimentar o mundo através dos relatos jornalísticos (FRANCISCATO, 2013, p. 8). Todavia, conforme foi exposto até aqui e explorado ao longo dos capítulos deste trabalho, a cobertura internacional televisiva tem transmitido acontecimentos sem, possivelmente, exercer esse olhar humanitário e aprofundamento dos fatos, o que configura uma problemática para alcançar o exercício da profissão, isto é, contar histórias.

O repórter é um contador de histórias. Histórias com personagens reais, que nem sempre terminam bem. Há enredo, protagonistas, hora e local onde se desenrolam os fatos, e também um motivo. Trata-se do lead, com as perguntas indefectíveis: como, onde, quando, quem e por quê. [...] Buscar pessoas que possam exemplificar uma situação humaniza uma reportagem (BISTANE; BACELLAR, 2021, p. 13-14).

Diante dessas questões, a pesquisa pressupõe que o jornalismo internacional, realizado por programas televisivos tradicionais brasileiros, possui efeitos de distanciamento que podem dificultar a conexão entre os telespectadores e o

noticiário internacional. Destarte, o objetivo principal deste trabalho é definir esses efeitos por meio de critérios e fundamentos estabelecidos ao longo dos capítulos, bem como analisar, na prática, se esses efeitos estão presentes na cobertura internacional feita pelo Jornal Nacional. Além disso, os objetivos específicos abrangem o modo como os valores-notícia das pautas internacionais incidem sobre esses efeitos de distanciamento; buscam identificar como a noção de tom telejornalístico — detalhada no capítulo sobre telejornalismo — corrobora com tais efeitos; e discutem de que maneira a cobertura internacional do JN contribui para esses efeitos de distanciamento.

Para alcançar tais objetivos, foi estabelecido o período de uma semana de análise da editoria internacional do Jornal Nacional, através da plataforma on-line do *Globoplay*, entre os dias 9 a 14 de maio de 2022, baseando-se na atualidade dos fatos e no recorte temporal onde a pandemia de Covid-19 não ocupasse tanto espaço do noticiário como antes. Para isso, a metodologia da pesquisa utilizou-se da análise de conteúdo e do estudo de caso qualitativo e quantitativo para atingir o que foi proposto; com o uso de entrevistas dos jornalistas internacionais da Rede Globo Carolina Cimenti e Pedro Aquino Paiva, os quais auxiliaram a entender, na prática, a forma que a emissora constrói as suas narrativas internacionais. Além disso, obras bibliográficas serviram para fornecer suporte à análise e embasar a fundamentação teórica do trabalho. Em especial, o livro *Jornal Nacional: 50 anos de telejornalismo* (MEMÓRIA GLOBO, 2019), que foi responsável por elucidar grande parte da hipótese e da problemática da pesquisa.

Dessa maneira, o trabalho estrutura-se em três capítulos teóricos para embasar e contextualizar esta pesquisa, sendo eles: valores-notícia, telejornalismo e jornalismo internacional, respectivamente. O capítulo dos valores-notícia procura explicar acerca da definição das notícias e dos seus critérios de noticiabilidade, dentro e fora do Jornal Nacional, apoiando-se na Tabela 1 de Gislene Silva (2005) e nas Tabelas 2 e 3 de Memória Globo (2019). Já o capítulo de telejornalismo contextualiza o jornalismo televisivo brasileiro, focando também na história do Jornal Nacional e na teoria da combinatória tonal, elaborada por Duarte e Curvello (2009). Por fim, o capítulo de jornalismo internacional fornece um contexto histórico da área ao redor do mundo e, especificamente, dentro do JN, trazendo detalhes sobre a utilização das agências de notícias, o trabalho dos correspondentes e o acesso à tecnologia atrelado aos altos custos de produção fora do país.

Tudo isso serviu para apoiar o que foi exposto no capítulo de análise de dados, que apresentou os efeitos de sentido e buscou descrever os efeitos de distanciamento, verificando se eles estavam ou não presentes na cobertura internacional do Jornal Nacional durante o tempo de investigação da pesquisa. As consequências destes resultados foram reveladas nas considerações finais do trabalho, bem como possíveis indicações para novas investigações no campo do jornalismo. Desta forma, a relevância desse estudo transparece-se nas nuances dos efeitos de distanciamento, os quais podem banalizar assuntos complexos do noticiário internacional devido à falta de aprofundamento e humanização das notícias. Assim, o trabalho busca contribuir com os estudos sobre telejornalismo a partir da proposição de um esquema para análises telejornalísticas desses efeitos, podendo servir como método de consulta para nortear futuras pesquisas na área.

2. METODOLOGIA

Caracterizada como um conjunto de decisões e opções particulares feitas ao longo do processo de investigação (LOPES, 2005), a metodologia escolhida para atingir adequadamente aos objetivos propostos por esta pesquisa é uma junção entre o estudo de caso qualitativo e quantitativo e a análise de conteúdo. Para iniciar a discussão, esta última se destina a classificar e categorizar qualquer tipo de conteúdo, reduzindo suas características a elementos-chave, de modo com que sejam comparáveis a uma série de outros elementos (CARLOMAGNO; ROCHA, 2016, p. 175). Sob influência de Harold Lasswell, a AC iniciou grande parte do seu desenvolvimento científico durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), no intuito de sintetizar e compreender os argumentos utilizados por jornais e propagandas da época. Após isso, passou também a ter aplicações em estudos acadêmicos de comunicação política e, desde então, esse método tem sido especialmente relevante para pesquisas na área de comunicação social, jornalismo, marketing, mídias sociais e áreas afins, podendo ser realizado sobre qualquer tipo de mensagem, em qualquer meio (CARLOMAGNO; ROCHA, 2016, p. 174).

Segundo Moraes (1999, p. 2), o método de investigação utilizado na Análise de Conteúdo possibilita o processamento de dados científicos como uma ferramenta de investigação, sendo considerada como um instrumento único, mas marcado por uma grande variedade de formas, adaptável a um campo de aplicação muito vasto em qualquer comunicação. Além disso, o autor relata que, ao longo do tempo, as abordagens qualitativas têm sido cada vez mais valorizadas dentro da AC, um dos aspectos trabalhados durante esta pesquisa. Essas abordagens utilizam, especialmente, da indução e da intuição como estratégias para atingir níveis de compreensão mais aprofundados dos fenômenos que se propõe a investigar. “Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum” (MORAES, 1999, p. 2), representando, assim, mais do que uma simples técnica, trata-se de uma abordagem com características e possibilidades próprias, partindo de uma investigação tanto teórica quanto prática.

Desse modo, a análise de conteúdo pode recolher e analisar textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas de forma eletrônica ou digital, a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetos estudados (HERSCOVITZ, 2007 apud REIS; REIS; FERREIRA, 2016). Ainda de acordo com Reis, Reis e Ferreira (2016), neste sentido, cabe ao pesquisador a função de manusear as mensagens e fazer as deduções lógicas a partir da análise de dados, sendo importante realizar a pré-análise, a exploração do material, o tratamento, a interferência e a interpretação dos resultados (apud BARDIN, 2011), que analisados adequadamente abrem as portas ao conhecimento de aspectos e fenômenos da vida social de outro modo inacessíveis (OLABUENAGA e ISPIZÚA, 1989 apud MORAES, 1999, p. 2), sem deixar de considerar que, de certo modo, a AC é também uma interpretação pessoal por parte do pesquisador com relação aos dados, não sendo possível realizar uma leitura inteiramente neutra, toda leitura se constituiria de uma interpretação, conforme complementa Moraes (1999, p. 3).

Além disso, a fim de abranger da melhor forma o intuito do trabalho, esta pesquisa irá se delimitar ainda em um estudo de caso qualitativo e quantitativo, que se volta, comumente, para as particularidades e para as diferenças que tornam os fenômenos únicos, averiguando o que os distinguem ou os aproximam dos demais fenômenos (DUARTE, 2015), sendo também uma estratégia comum de pesquisa na psicologia, na sociologia, na ciência política, na administração, no trabalho social e no planejamento. “Em todas essas situações, a clara necessidade pelos estudos de caso surge do desejo de se compreender fenômenos sociais complexos” (YIN, 2005, p. 21). Para isso, a metodologia investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos, complementa o pesquisador.

Em geral, os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo "como" e "por que", quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real. Pode-se complementar esses estudos de casos "explanatórios" com dois outros tipos - estudos "exploratórios" e "descritivos". Independentemente do tipo de estudo de caso, os pesquisadores devem ter muito cuidado ao projetar e realizar estudos de casos a fim de superar as tradicionais críticas que se faz ao método (YIN, 2005, p. 19).

Neste contexto, apesar de muitos pesquisadores demonstrarem um certo desprezo com o estudo de caso — porque o consideram uma forma menos desejável de investigação do que experimentos ou levantamentos ou devido à preocupação com a possível falta de rigor do método de pesquisa, à possível demora na obtenção dos dados e à pouca base para realizar generalizações científicas —, essa metodologia vem sendo altamente difundida ao longo dos anos por tentar esclarecer um conjunto de decisões; o motivo pelo qual foram tomadas; como foram implementadas e com quais resultados, por exemplo (SCHRAMM, 1971 apud YIN, 2005, p. 31). Além disso, a investigação em torno do estudo de caso enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, baseando-se em várias fontes de evidências — como detalhado a frente neste capítulo — e beneficiando-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados (YIN, 2005, p. 32-33), o que se adequa aos objetivos desta pesquisa.

2.1 Delimitação do universo metodológico e obtenção dos dados

Salienta-se que as escolhas metodológicas descritas até aqui foram selecionadas para alcançar adequadamente o objetivo geral do trabalho, que é o de categorizar e de analisar, na prática, os efeitos de distanciamento nas coberturas televisivas feitas na área do jornalismo internacional, bem como se esses efeitos estão inseridos no Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão e, se sim, de que maneira eles ocorrem. Alguns objetivos específicos também foram contemplados, como: (a) mostrar como os valores-notícia incidem sobre os efeitos de distanciamento na cobertura internacional; (b) identificar como o tom telejornalístico corrobora com os efeitos de distanciamento; e (c) discutir como a cobertura feita pelo Jornal Nacional contribui para os efeitos de distanciamento no jornalismo internacional. Neste contexto, reitera-se que a escolha do JN se deu devido ao seu grande alcance no país, sendo reconhecido e assistido por grande parte da população brasileira, bem como por exercer um jornalismo de referência há mais de 50 anos, conforme foi detalhado pelo capítulo de telejornalismo.

Dessa maneira, para alcançar os objetivos do trabalho e responder aos questionamentos da pesquisa, as estratégias metodológicas presentes aqui foram definidas na pretensão de utilizar mais de um mecanismo para obter a coleta e a

análise dos dados. Em primeiro lugar, através da plataforma on-line da Rede Globo, denominada como *Globoplay* (GLOBO, 2022), foram escolhidas seis edições do JN no período de uma semana, de segunda-feira a sábado, entre os dias 09 a 14 de maio de 2022. O recorte temporal considerou a atualidade dos temas e o fato de que a pandemia de Covid-19 não estava mais tão presente no noticiário como antes, fazendo com que, teoricamente, sobrasse mais tempo para o fomento de assuntos da editoria internacional.

A priori, o intuito desta pesquisa era analisar os efeitos de distanciamento em notícias exclusivas do jornalismo de conflito, por acreditar que a incidência desses elementos se faria mais presente nesses assuntos devido às dificuldades e perigos de realizar coberturas humanizadas nessas zonas. Todavia, notou-se que seria inviável fazer a coleta específica de notícias com essa temática no Jornal Nacional através do site *Globoplay*, porque a plataforma limita os seus mecanismos de busca, dificultando a pesquisa e a coleta a partir de programas, temas e datas detalhadamente. Desse modo, optou-se por analisar esses critérios na editoria internacional do JN em sua completude, já que era mais prático e viável assistir à íntegra do telejornal em uma semana corrida. No entanto, não foi possível armazenar essas edições do programa, pois o *Globoplay* não disponibiliza a função de *download* em seu site, assim, as coletas foram feitas on-line na própria página.

Ademais, relacionadas aos objetivos do trabalho, foram elaboradas ainda entrevistas com jornalistas internacionais para compreender melhor o cenário da profissão fora do país e dos possíveis empecilhos que esses profissionais enfrentam para cobrir notícias em diferentes nações. Yin (2005, p. 112) considera que uma das mais importantes fontes de informações para um estudo de caso são as entrevistas, e é comum que estas ocorram de modo espontâneo. Para Duarte (2005), durante a entrevista em profundidade, os questionamentos feitos pelo pesquisador ou pesquisadora permitem explorar um assunto ou aprofundá-lo, descrever processos e fluxos, compreender o passado, analisar, discutir e fazer perspectivas através das interpretações e vivências dos entrevistados com o objeto de estudo. No caso deste trabalho, as entrevistas possibilitaram um contexto maior do cenário de produção das notícias pela Rede Globo no exterior, apontando as dificuldades, rotinas, processos e outros pontos pertinentes aqui.

Assim, nesta pesquisa, foram realizadas duas entrevistas com os jornalistas internacionais Carolina Cimenti e Pedro Aquino Paiva, da Rede Globo de Televisão,

por meio da plataforma de transmissão virtual *Zoom* — devido à distância física que os entrevistados se encontravam da pesquisadora e do período pandêmico no qual o trabalho foi realizado —, com duração média de 45 minutos. O roteiro de perguntas foi criado no intuito de responder alguns questionamentos dos objetos de análise, começando com um panorama sobre a carreira internacional dos profissionais e do cenário jornalístico no exterior para, posteriormente, abranger questões específicas relacionadas ao tempo de duração ou ao espaço destinado a notícias internacionais no *Jornal Nacional*; a quantidade de membros por equipes no exterior; os critérios de noticiabilidade incidentes; o uso das agências de notícias; entre outros. Por se tratar de uma técnica dinâmica e flexível, ela é útil para tratar de questões diversas envolvendo os entrevistados, seja de percepções íntimas ou de processos complexos que estiveram envolvidos (DUARTE, 2005).

No geral, as entrevistas constituem uma fonte essencial de evidências para os estudos de caso, já que a maioria delas trata de questões humanas. Essas questões deveriam ser registradas e interpretadas através dos olhos de entrevistadores específicos, e respondentes bem-informados podem dar interpretações importantes para uma determinada situação. Também podem apresentar atalhos para se chegar à história anterior da situação, ajudando-o a identificar outras fontes relevantes de evidências. As entrevistas, no entanto, devem sempre ser consideradas apenas como relatórios verbais. Como tais, estão sujeitas a velhos problemas, como preconceito, memória fraca e articulação pobre ou imprecisa. Novamente, uma abordagem razoável a essa questão é corroborar os dados obtidos em entrevistas com informações obtidas através de outras fontes (YIN, 2005, p. 112).

Em seguida, outra parte importante coletada por esta pesquisa foi a documentação a partir da revisão bibliográfica, a qual passou por teorias relacionadas, principalmente, aos valores-notícia, ao telejornalismo e ao jornalismo internacional, utilizando de autoras e autores como Gislene Silva (2005), Elizabeth Bastos Duarte e V. Curvello (2009), Ângela Maria Zamin e Reges Toni Schwaab (2007), Iluska Coutinho (2012), Carlos Franciscato (2013), Itania Maria Mota Gomes (2005), João Batista Natali (2019), A. Zamin e J. Dal Magro (2019), entre outros. Neste sentido, é provável que as informações documentais sejam relevantes a todos os tópicos do estudo de caso, pois esse tipo de informação pode assumir muitas formas, e “devido ao seu valor global, os documentos desempenham um papel óbvio em qualquer coleta de dados, ao realizar estudos de caso. Buscas sistemáticas por

documentos relevantes são importantes em qualquer planejamento para a coleta” (YIN, 2005).

Um dos pontos cruciais trabalhados na parte de documentação foi o livro *Jornal Nacional: 50 anos de telejornalismo* (MEMÓRIA GLOBO, 2019), no qual conta meio século de história sobre o telejornal desde a sua criação até a atualidade, passando por fatos que marcaram a história do Brasil e do mundo, das técnicas e especificidades do jornal, de suas rotinas de produção, aparatos tecnológicos, cenários, apresentadores, áreas temáticas, enfim, um compilado do que é o Jornal Nacional e de como ele é feito. Por conta disso, por si só, essa fonte de evidências foi fundamental para a execução deste trabalho.

Figura 1 - Capa do livro *Jornal Nacional: 50 anos de telejornalismo*



Fonte: Memória Globo (2019).

2.1.1 Procedimentos de análise

Neste cenário, a escolha específica do Jornal Nacional, da Rede Globo, para compor a prática da análise dos efeitos de distanciamento nesta pesquisa ocorreu

devido ao grande alcance desse produto em meio ao jornalismo brasileiro e a diversas regiões do país, podendo ser classificado como um jornal de referência, conforme detalhado no capítulo de Telejornalismo. E, nesta conjuntura, o trabalho optou por analisar o jornalismo na televisão pelo fato de este possuir um escopo de imagens atreladas à informação, o que abrange uma gama de possibilidades quanto à classificação dos efeitos de distanciamento, visto que alguns elementos visuais podem colaborar com o sentido de distanciamento dos telespectadores, o que foi detalhado no capítulo de análise dos dados. Logo abaixo, exemplifica-se quais técnicas de coleta e procedimentos de análise foram atribuídos para cumprir cada objetivo do trabalho.

Para alcançar o objetivo geral do trabalho de categorizar e de analisar os efeitos de distanciamento nas coberturas internacionais televisivas, especificamente no Jornal Nacional, esta pesquisa apoiou-se, primeiramente, em uma fundamentação teórica em torno dos valores-notícia, do telejornalismo e do jornalismo internacional, no intuito de entender as particularidades do cenário e, assim, poder construir o escopo da pesquisa. Além disso, as entrevistas com os jornalistas internacionais da Globo foram deveras úteis para auxiliar também nesse embasamento, bem como a documentação fornecida pelo corpo bibliográfico do trabalho e pelo livro de Memória Globo (2019). Assim, com a junção desses aspectos aos dados coletados na plataforma do *Globoplay* — detalhados mais abaixo —, foi possível avançar na categorização dos efeitos de distanciamento e na sua análise.

Já para atingir o objetivo específico de: (a) mostrar como os valores-notícia incidem sobre os efeitos de distanciamento na cobertura internacional, este trabalho contou, em grande parte, com a proposta de valores-notícia de Gislene Silva (2005) — coletada através de análise bibliográfica —, a qual elenca alguns pontos para operacionalizar análises de acontecimentos noticiáveis, como impacto, proeminência, conflito, entretenimento/curiosidade, governo, conhecimento/cultura, raridade, proximidade, surpresa, polêmica, tragédia/drama e justiça. Inclusive, o valor-notícia de proximidade, por si só, gera efeitos de distanciamento caso seja relacionado a fatos que ocorreram longe do Brasil, por exemplo. Além disso, valores intrínsecos ao JN, especificamente, foram vistos na obra *Jornal Nacional: 50 anos de telejornalismo* (MEMÓRIA GLOBO, 2019) e nos relatos dos entrevistados Carolina Cimenti e Pedro Aquino Paiva. A partir disso, este trabalho separou as

notícias internacionais, veiculadas no telejornal na semana analisada, com os seus respectivos títulos e valores-notícia mais proeminentes, já que cada tema pode conter mais de um valor-notícia, sendo possível chegar ao objetivo específico.

Além disso, no intuito de (b) identificar como o tom telejornalístico corrobora com os efeitos de distanciamento, primeiramente, o capítulo de telejornalismo detalhou nuances sobre a prática jornalística na TV e no Jornal Nacional. Todavia, a principal questão abordada nesta circunstância foi sobre a teoria de Duarte e Curvello (2009) relacionada ao tom telejornalístico ou combinatória tonal, presente em diversos programas televisivos. No caso dos telejornais, esses produtos audiovisuais realizam uma série de práticas que geram tons específicos que afastam a audiência muitas vezes, mesmo que de modo involuntário. Isso pode ser relacionado à postura dos apresentadores, aos temas tratados no jornal, ao cenário, entre outros. Tendo em vista como operam os tons telejornalísticos a partir desta coleta de referência bibliográfica, é possível notar como os efeitos de distanciamentos estão vinculados a eles no caso dos telejornais, especialmente do Jornal Nacional, que é um jornal tradicional formal. Assim, ao assistir às edições do JN, algumas práticas relacionadas à combinatória tonal foram vistas e elencadas por esta pesquisa.

Por fim, para cumprir o objetivo específico de: (c) discutir como a cobertura feita pelo Jornal Nacional contribui para os efeitos de distanciamento no jornalismo internacional, coletou-se dados da íntegra das edições durante a semana analisada a partir de técnicas do estudo de caso tanto qualitativas quanto quantitativas, como a verificação do número de notícias internacionais veiculadas no período; o tipo de notícia; o tempo de duração delas; se havia presença de imagens de apoio, passagens, OFFs e sonoras; bem como se possuíam relação com o Brasil e se contavam com artes, infográficos ou adaptações do cenário do telejornal. Isso tudo colaborou no procedimento de averiguação do objetivo específico. Afinal, são pontos diretamente vinculados aos efeitos de distanciamento e à cobertura internacional do JN, elencando o que é mais incidente ou não nesse telejornal, por exemplo. Ademais, as entrevistas em profundidade também auxiliaram a embasar esse objetivo específico junto do processo de documentação feito por este trabalho.

3. VALORES-NOTÍCIA

Neste capítulo, foram abordadas questões como as definições de notícia, a importância das notícias para o meio social enquanto representação da realidade, o papel e a responsabilidade do jornalismo ao retratar os fatos dentro e fora do Brasil e os critérios de noticiabilidade de acontecimentos, tanto de modo geral quanto especificamente no Jornal Nacional, a partir de perspectivas trazidas pela coleta bibliográfica documental. Dessa forma, em primeiro lugar, é necessário entender que o cenário de produção do jornalismo, em qualquer meio, acontece por meio da seleção dos acontecimentos, que irá determinar aquilo que é ou não relevante para virar notícia. Isso vai depender de uma série de fatores, incluindo a especificidade do veículo de comunicação e da sua linha editorial. No âmbito das teorias do jornalismo, há uma busca incessante para definir como os acontecimentos se transformam em notícia, o que tem propiciado que fundamentos importantes sobre o tema sejam elaborados (SILVA, 2005). “Nesse processo, há várias etapas de decisão (gatekeeping) que, muitas vezes, obedecem a padrões viciados devido a uma pressão fundamental: o tempo (deadline)”, explica Moreira (2006). Mas, então, o que poderia ser enquadrado como notícia?

A notícia é, talvez, um dos fenômenos mais visíveis que dão reconhecimento público ao jornalismo nas sociedades, pois carrega todas as marcas dos processos de produção, dos sentidos do mundo aplicados a ela pelos jornalistas e dos sentidos que a ela serão atribuídos pelos seus leitores. A notícia materializa o vínculo social que o jornalismo produz, ligando pessoas a fatos, situações e temas propostos à apreciação pública. Em decorrência, ela se tornou rapidamente um objeto prioritário de reflexão e pesquisa por aqueles investigadores interessados em compreender questões centrais nas transformações da vida pública nas sociedades modernas (FRANCISCATO, 2013, p. 6).

De acordo com Erbolato (2008), “as notícias são comunicações sobre fatos novos que surgem na luta pela existência do indivíduo e da própria sociedade”, e o noticiário, dessa forma, deve possuir utilidade pública para o seu público-alvo receptor, ou seja, ele deve despertar interesse pelos assuntos divulgados, provocando comentários e discussões posteriores. Porquanto, para se considerarem plenamente cidadãos na contemporaneidade, as pessoas devem dispor de fontes informativas que lhe permitam conhecer o que ocorre no mundo para que, em seguida, possam formar opiniões sobre os acontecimentos (BENEYTO, 1974 apud

ERBOLATO, 2008). Dessa forma, o profissional do jornalismo atua como um mediador entre os fatos e o público, captando e retransmitindo os episódios do cotidiano, como um espelho que reflete a realidade (TRAQUINA, 2005), conforme é explicado na Teoria do Espelho pelo autor, que não a defende.

Pode-se dizer que é coerente e necessário que pesquisadores voltem os seus esforços para analisar e entender a notícia, pois ela “cria uma nova práxis de construção do mundo, é uma ação social de novo espectro, uma amálgama que presentifica a experiência temporal impressa no texto, no evento e nas apropriações e usos sociais por seus públicos” (FRANCISCATO, 2013, p. 8). Ainda segundo esse autor, a notícia é ou, pelo menos, deveria ser a expressão humanizada e humanizadora do ato de conhecer e experimentar o mundo por meio dos relatos jornalísticos, sendo classificada como um fenômeno complexo não redutível e nem igualável a outros fenômenos sociais.

A visitação aos estudos sobre notícia permitiu também identificar uma fluidez nas fronteiras disciplinares. Este vigoroso objeto de estudo que é a notícia demanda abordagens diversificadas, formulação de conceitos que disciplinam e outros que transpõem ou surgem nas intersecções entre fronteiras. [...] Importante lembrar que a notícia como objeto de estudo é um forte sinalizador de demandas e possibilidades de seu tratamento, em tensão com o sujeito pesquisador e a operação dos quadros teórico-metodológicos (FRANCISCATO, 2013, p. 15).

Curado (2002, p. 16) comenta que a importância da notícia é geralmente julgada de acordo com a sua abrangência, isto é, segundo o universo de pessoas às quais pode interessar: “esse é o critério mais utilizado em jornalismo de televisão que, dando ênfase ao aspecto da amplitude, pode tender a transformar a notícia em entretenimento ou em espetáculo, tratando apenas de questões amenas ou desprovidas de polêmica”. No entanto, é importante pensar na notícia para além do que pode ser classificado como ‘aquilo que é relevante’, e, a partir disso, estudos sobre o jornalismo demonstram que os profissionais da área têm dificuldades para explicar o que é notícia e quais são os seus critérios de noticiabilidade (TUCHMAN, 1972 apud TRAQUINA, 2005), o que pode ser observado pela variabilidade de classificações no meio.

Conforme Moreira (2006), o espaço limitado que as notícias disputam com um número cada vez maior de informações disponíveis, por exemplo, aumenta a importância e a responsabilidade dos jornalistas ao fazerem a seleção do que é

tornado público. Sendo assim, a notícia é identificada como um registro da realidade social e, ao mesmo tempo, um produto dela, acredita-se, assim, que as rotinas produtivas representem os conteúdos da informação. Já as notícias são responsáveis por mostrar ao público o modo de observar e interpretar a realidade (MARTINS, 2009 apud TUCHMAN, 1983).

De acordo com Erbolato (2008), desde a seleção da notícia — bem como a maneira de apresentá-la — até os editoriais, tudo deve constituir preocupação constante dos jornais, afinal, “melhorar e conquistar, cada vez mais, a massa é o objetivo que deve ser alcançado”, ou seja, levar em consideração o que possa interessar ao público. No entanto, geralmente, as pessoas são diferentes e possuem múltiplos interesses, sendo o(a) jornalista pressionado tanto pelo tempo, para dar conta da produção diária de notícias no ritmo industrial, quanto pela abundância de informações, tendo que decidir rapidamente o que é ou não notícia (ALMEIDA, 2018).

O jornal é uma espécie de caixa escura, cuja estrutura interna não pode ser diretamente observável. Toda redação é, simultaneamente, um receptor de mensagens (despachos de agências, notícias escritas pelos repórteres locais ou originárias de sucursais e de outros) e um emissor de parte do que recebe (a matéria publicada). No intervalo de tempo que separa a recepção da emissão, a informação é tratada, preparada e acondicionada na caixa escura (ERBOLATO, 2008).

Devido à quantidade de acontecimentos que ocorrem todos os dias ao redor do mundo, nem tudo se transforma em notícia. “A maior parte das atividades dos homens não são registradas pelos jornais. Milhares de pessoas vivem semanas, meses e anos sem tomar parte em acontecimentos noticiáveis” (GAILLARD, 1966 apud ERBOLATO, 2008), e saber escolher entre os milhares de acontecimentos cotidianos é o primeiro trabalho do jornalista, sendo também, na verdade, um dos principais trabalhos contínuos dentro do âmbito jornalístico, pois a notícia materializa o vínculo social que o jornalismo produz, ligando pessoas a fatos, situações e temas propostos à apreciação pública (FRANCISCATO, 2013).

Dessa forma, dentro dos estudos de jornalismo, foram elaborados sistemas de classificação dos fatos: os valores-notícia, os quais “constituem referências claras e disponíveis a conhecimentos práticos sobre a natureza e os objetos da notícia; referências essas que podem ser utilizadas para facilitar a complexa e rápida elaboração das notícias” (GOLDING; ELLIOTT, 1978 apud TRAQUINA, 2005). Os

estudos sobre os processos de produção da notícia ganharam rápida expansão na segunda metade do século passado, gerando uma extensa bibliografia, e o resultado mais comum disso tem sido a identificação de certas qualidades ou aspectos recorrentes que geram, a partir daí, a formulação de classificações sobre a noticiabilidade (FRANCISCATO, 2013).

Para Hall, os valores-notícia são uma das estruturas mais opacas do jornalismo. [...] No entanto, uma conclusão geral dos estudos sobre os conteúdos dos media noticiosos é que as notícias apresentam um 'padrão' geral bastante estável e previsível. [...] A previsibilidade do esquema geral das notícias deve-se à existência de critérios de noticiabilidade, isto é, à existência de valores-notícia que os membros da tribo jornalística partilham (TRAQUINA, 2005).

De acordo com Traquina (2005), o conceito de noticiabilidade é definido como um conjunto de critérios que merecem um tratamento jornalístico, ou seja, “determinam se um acontecimento ou assunto é suscetível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo valor-notícia”. Martins (2009) explica que “a noticiabilidade e os valores-notícia não surgem apenas no momento de seleção de notícias, mas durante todo o processo de produção, inclusive nas fases de feitura e apresentação dos fatos”. Essas seleções dentro dos veículos jornalísticos são de suma importância e devem ser tratadas com seriedade, pois as instituições jornalísticas cumprem uma função relevante na construção da sociedade (MARTINS, 2009 apud PEREIRA JÚNIOR, 2003).

Os valores-notícia são usados de duas maneiras. São critérios para selecionar, do material disponível para a redação, os elementos dignos de serem incluídos no produto final. Em segundo lugar, eles funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser enfatizado, o que deve ser omitido, onde dar prioridade na preparação das notícias a serem apresentadas ao público. (...) Os valores-notícia são a qualidade dos eventos ou da sua construção jornalística, cuja ausência ou presença relativa indica para a inclusão num produto informativo. Quanto mais um acontecimento exibe essas qualidades, maiores são suas chances de ser incluído (SILVA, 2005, p. 99).

Segundo Gislene Silva (2005, p. 97), “a necessidade de se pensar sobre critérios de noticiabilidade surge diante da constatação prática de que não há espaço nos veículos informativos para a publicação ou veiculação da infinidade de acontecimentos que ocorrem no dia a dia”. Neste sentido, a autora relata que a

primeira etapa dentro das redações jornalísticas é a seleção, que difere dos valores-notícia — apesar de ambos serem componentes da noticiabilidade —, pois não é suficiente apenas escolher entre os acontecimentos que irão virar notícia, mas, “entre os selecionados, será preciso escolher novamente quais deles merecem entrar nas chamadas dos telejornais ou quais ganharão as primeiras páginas dos impressos, ou mesmo quais ocuparão mais espaço nas páginas internas” (p. 98), havendo a necessidade de não apenas selecionar, mas de hierarquizar os fatos. “Nessa etapa, que poderíamos nomear como seleção primária, os valores-notícia funcionam como critérios de boa orientação, consolidados na prática histórica; uns mais persistentes e outros mais mutáveis” (p. 98), recomendando-se estudar os conceitos de seleção e valores-notícia de modo distinto, conforme defende a pesquisadora.

Estudar a seleção implica, inclusive, rastrear os julgamentos próprios de cada seletor, as influências organizacionais, sociais e culturais que este sofre ao fazer suas escolhas, os diversos agentes dessas escolhas postados em diferentes cargos na redação, e até mesmo a participação das fontes e do público nessas decisões — aqui vale lembrar os estudos de agendamento (agenda setting), que complexificam as investigações sobre o processo de seleção das notícias (SILVA, 2005).

De acordo com a autora, os valores-notícia consideram a origem do fato, fato em si, acontecimento isolado, características intrínsecas, características essenciais, atributos inerentes ou aspectos substantivos do acontecimento, estabelecendo conjuntos diferenciados de noticiabilidade, descritos a seguir e utilizados também como conceito norteador para basear esta pesquisa. Em suma, a origem dos fatos é a seleção primária (valores-notícia) e considera “atributos próprios ou características típicas, que são reconhecidos por diferentes profissionais e veículos de imprensa”. Já o tratamento dos fatos centra-se na seleção hierárquica destes, considerando, para além dos valores-notícia, fatores inseridos dentro da organização — formato do produto, qualidade do material jornalístico apurado, prazo de fechamento, infraestrutura, tecnologia, entre outros —, como também fatores extra-organizacionais vinculados à atividade jornalística - relações com fonte e com o público. Atrelado a esses conjuntos, está também a visão dos fatos, que compreende conceitos de verdade, objetividade, interesse público e imparcialidade a partir de fundamentos éticos, filosóficos e epistemológicos do jornalismo, orientando,

inclusive, as ações e intenções das instâncias ou eixos anteriores (SILVA, 2005). Nota-se, detalhadamente, tais valores na tabela a seguir, estabelecida por Silva (2005).

Tabela 1 - Proposta de tabela de valores-notícia para operacionalizar análises de acontecimentos noticiáveis/noticiados

<p>IMPACTO Número de pessoas envolvidas (no fato); Número de pessoas afetadas (pelo fato); Grandes quantias (dinheiro).</p>	<p>PROEMINÊNCIA Notoriedade; Celebridade; Posição Hierárquica; Elite (indivíduo, instituição, país); Sucesso/Herói.</p>
<p>CONFLITO Guerra; Rivalidade; Disputa; Briga; Greve; Reivindicação.</p>	<p>ENTRETENIMENTO/CURIOSIDADE Aventura; Divertimento; Esporte; Comemoração.</p>
<p>GOVERNO Interesse Nacional; Decisões e Medidas; Inaugurações; Eleições; Viagens; Pronunciamentos.</p>	<p>CONHECIMENTO/CULTURA Descobertas; Invenções; Pesquisas; Progresso; Atividades e Valores Culturais; Religião.</p>
<p>RARIDADE Incomum; Original; Inusitado.</p>	<p>PROXIMIDADE Geográfica; Cultural.</p>
<p>SURPRESA Inesperado.</p>	<p>POLÊMICA Controvérsia; Escândalo.</p>
<p>TRAGÉDIA/DRAMA Catástrofe; Acidente; Risco de Morte e Morte; Violência/Crime; Suspense; Emoção; Interesse Humano.</p>	<p>JUSTIÇA Julgamentos; Denúncias; Investigações; Apreensões; Decisões Judiciais; Crimes.</p>

Fonte: Silva (2005).

Em concordância com a classificação abrangente proposta por Silva (2005), a qual reúne atributos apontados por diferentes autores da área ao longo de várias décadas, esta pesquisa adota a tabela acima de valores-notícia para operacionalizar análises de acontecimentos noticiáveis ou noticiados, que deve colaborar para fins

comparativos — no capítulo de análise dos dados deste trabalho — sobre como esses valores podem incidir nos efeitos de distanciamento, visto que os valores-notícia servem também como referências para a instrumentalização de análises de notícias, podendo identificar similaridades e diferenças na seleção e hierarquização dos fatos nos veículos de comunicação, o que possibilita um maior entendimento sobre o processo de produção dessas notícias.

3.1 Valores-notícia no Jornal Nacional

Na esfera do Jornal Nacional, objeto de estudo desta pesquisa, o livro *Jornal Nacional: 50 anos de telejornalismo* detalha como ocorre a rotina, quase que diária, de seleção de notícias para o jornal noturno e como essa rotina mudou ao longo das décadas, tendo em vista que o JN surgiu na década de 1960, época que o acesso à tecnologia não era comum, e “a notícia importante de agora poderá ser comparativamente desimportante daqui a meia hora” (MEMÓRIA GLOBO, 2019), o que não acontecia de modo recorrente no passado. Dessa maneira, hoje em dia, a sua rotina de produção começa “por volta das sete da manhã, sempre no horário de Brasília, [onde] um produtor da chamada ‘mesa de produção da Rede’ faz ‘a ronda’. Por e-mail ou telefone, consulta colegas de emissoras afiliadas sobre os assuntos que têm a oferecer naquele dia” (MEMÓRIA GLOBO, 2019).

No JN, os assuntos factuais costumam ocupar mais tempo do que os não factuais, mas “as duas categorias de temas não têm a ver com o valor deles, apenas com a urgência que exigem para não caducar” (p. 49), isto é, para não ficarem desatualizados com o passar do tempo. Após a consulta matinal, tudo é reunido em um relatório e distribuído aos participantes de uma videoconferência, que tem início ainda pela manhã, com equipes de Brasília, São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Recife, Nova York, Londres, com o coordenador dos correspondentes internacionais e integrantes da editoria de Arte e da área de Esportes, bem como com o produtor que preparou o relatório das afiliadas e o editor-chefe do JN, que preside a reunião (MEMÓRIA GLOBO, 2019).

Os assuntos obrigatórios em uma edição do JN são os que têm importância absoluta. Aqueles que se impõem no cardápio de notícias, mesmo que o mundo venha a desabar na próxima meia-hora. Nessa condição, entram grandes catástrofes, mortes de expoentes de alguma área de atividade humana, notícias que você não teria a menor dúvida de que são realmente

dignas de nota. Mas os assuntos não obrigatórios segundo esses critérios podem ser recomendáveis quando sua veiculação, em companhia de outro tema contido no jornal, faz sentido como informação complementar. E deixar de exibi-los naquela edição não compromete, necessariamente, a relevância e a fidelidade do JN ao retrato jornalístico daquele dia (MEMÓRIA GLOBO, 2019).

Além disso, Memória Globo (2019) relata que o imediatismo é um dos principais componentes da boa prática jornalística, sendo de onde surge a necessidade de haver agilidade de informações nas edições do jornal: “a informação jornalística tem valor justamente porque é imediata [...], diz-se que o jornalismo é um primeiro conhecimento de fatos e pessoas. Primeiro porque é imediato, ágil. E primeiro porque forçosamente menos completo” (p. 27), do contrário seria feito por historiadores. Neste sentido, para aprofundar os estudos sobre a noticiabilidade dentro das edições do Jornal Nacional, os critérios primários de valores-notícia do programa foram expostos na tabela abaixo. Eles que irão ajudar a decidir quais são os assuntos que serão escolhidos como fundamentais para entrar ou não no cardápio de matérias do jornal (MEMÓRIA GLOBO, 2019).

Tabela 2 - Critérios primários de valores-notícia no Jornal Nacional

<p>ABRANGÊNCIA</p> <p>Quanto mais gente for afetada pelas consequências ou desdobramentos de um fato, maior será a probabilidade de esse fato estar no JN.</p>
<p>GRAVIDADE DAS IMPLICAÇÕES</p> <p>Quanto pior ou melhor for um dado estatístico relevante; quanto maior for a dimensão de um cataclismo; quanto mais grave for uma crise política, econômica ou diplomática, mais provável será que o JN aborde o tema.</p>
<p>CARÁTER HISTÓRICO</p> <p>Tudo o que se apresenta com importância para registro nos livros de história concorre fortemente para ocupar tempo em uma edição do Jornal Nacional.</p>
<p>O PESO DO CONTEXTO</p> <p>Uma notícia pode ter peso relativo menor quando comparada a outra. O contexto em que elas ocorrem vai determinar se estarão ou não em uma edição do JN.</p>

A IMPORTÂNCIA DO TODO

Certos assuntos entram em uma edição do JN porque ajudam a equilibrar o ‘sabor’ quando algum ‘ingrediente’ se sobrepõe demais na noite, seja esse ingrediente a violência, a política, a economia ou o combate à corrupção.

Fonte: Memória Globo (2019).

Já os critérios secundários de valores-notícia do JN, detalhados na tabela abaixo, vão auxiliar a decidir como os fatos escolhidos serão apresentados na edição, sejam por meio de uma nota simples ou de uma longa reportagem editada com recursos de arte gráfica que ilustrem o que se quer noticiar do modo mais claro possível (MEMÓRIA GLOBO, 2019).

Tabela 3 - Critérios secundários de valores-notícia no Jornal Nacional

COMPLEXIDADE

Habitualmente, quanto mais complexo for um assunto a se abordar em um JN, mais tempo ele ocupará. No entanto, há exceções quando a complexidade de um assunto atinge um patamar tão alto que não é viável atingir o pleno didatismo.

O TEMPO

Dentro da programação diária da Rede Globo, o tempo reservado para a edição do Jornal Nacional pode ser variável, e, também, irá regir as edições editoriais do jornal a cada edição.

Fonte: Memória Globo (2019).

Um diretor de jornalismo não ‘decide’ o que vai ou não ser noticiado, mas é responsável por garantir a qualidade do noticiário (e nessa tarefa é auxiliado por muitos companheiros). E qualidade implica noticiar os fatos com isenção, correção e agilidade. Daí por que não se trata de ‘decidir’, já que a missão do jornalista é informar sobre o que de mais relevante acontece no Brasil e no mundo. Notícia é notícia, sem tabus, sem preferências, sem idiosincrasias (MEMÓRIA GLOBO, 2019).

Nota-se que os critérios de noticiabilidade do Jornal Nacional, apesar de menos complexos do que aqueles citados por Gislene Silva (2005), correspondem de certo modo àquilo que foi mencionado pela autora. Nos critérios primários do JN, a abrangência se aproxima do valor de impacto; gravidade das implicações se

aproxima de tragédia/drama; caráter histórico comporta vários critérios, como conflito e impacto; o peso do contexto não se trata propriamente de um valor intrínseco às notícias, mas algo relacional, visto que é determinado em razão dos outros fatos noticiados na edição, por exemplo; e a importância do todo também não é um valor-notícia propriamente dito, mas um sistema de seleção que considera fatores internos ao telejornal, buscando fomentar uma regulação para que não haja desequilíbrio. De modo geral, percebe-se que os valores do JN estão ligados tanto aos acontecimentos em si quanto às rotinas de produção do programa, como o tempo elencado nos critérios secundários da Tabela 3.

Além disso, as decisões das notícias a serem veiculadas no Jornal Nacional ocorrem de maneira coletiva entre a equipe que realiza o programa. “Trata-se da consciência de que ninguém sabe tudo sozinho, de que o faro para o que é notícia muitas vezes é o fato para saber ouvir as opiniões daqueles que ali estão ao redor” (MEMÓRIA GLOBO, 2019), no intuito de corroborar com o aumento do compromisso de isenção do jornalismo, conforme é detalhado no livro *Jornal Nacional: 50 anos de telejornalismo*, onde fica claro que o processo produtivo do jornal tenta abrir espaço para quem pensa diferente, mesclando assuntos que podem, inclusive, serem desgostosos pelos jornalistas, assim como é previsto nos manuais da área de comunicação.

Tudo é decidido rapidamente, mas sempre de uma maneira coletiva. Decidido que um assunto ‘vale’, inicia-se um processo de ‘como’ publicá-lo: com destaque ou sem destaque, grande ou pequeno, com imagem ou sem imagem, com ou sem espaço na escalada (nas manchetes do telejornal)? O assunto deve abrir a edição? Tudo isso vem acompanhado de uma discussão entre cabeças diferentes (MEMÓRIA GLOBO, 2019).

Tendo em vista o que foi exposto até aqui, nota-se que, dentre os critérios propostos por Gislene Silva (2005) na Tabela 1, o Jornal Nacional, a priori, tende a explorar, principalmente, o valor-notícia de impacto dos acontecimentos, isto é, aquilo que poderia afetar ou envolver o maior número de pessoas, especialmente se o fato tiver ligação ou consequência para o Brasil diretamente. Afinal, como o seu nome mesmo já diz, ele é nacional, apesar de também fornecer um parâmetro sobre temas internacionais, o que ocorre, em geral, no jornalismo tido como de referência, algo que será detalhado no próximo capítulo, o de telejornalismo.

4. TELEJORNALISMO

No cenário brasileiro, especialmente dentro do jornalismo, a televisão caracteriza-se como uma das principais ferramentas de comunicação de massa. Segundo o IBGE (2019), ela está presente em 96,3% das residências brasileiras, sendo, para uma parte significativa da população, uma das mais relevantes fontes de informação junto com a internet, além de alcançar praticamente todos os municípios nacionais. “Por onde quer que se olhe, estão as antenas para captar as transmissões: nos gabinetes e botecos; às margens de rios da Amazônia e nos barracos das favelas” (BISTANE; BACELLAR, 2021).

Dessa forma, de acordo com Coutinho (2012), as razões para estudar o telejornalismo brasileiro estariam diretamente ligadas à importância da veiculação das informações na televisão e à maneira como se daria a relação da população com esse meio de comunicação em um país subdesenvolvido como o Brasil. Para a pesquisadora, essa relação dos(as) brasileiros(as) com os telejornais deveria reforçar a responsabilidade dos(as) jornalistas e dos demais profissionais envolvidos com a informação na televisão. “A televisão garantiria um acesso mais universal ao conhecimento dos fatos, nas notícias, sem limitações de grau de escolaridade”; uma prova disso é que, em 1988, 90% dos telespectadores já sintonizavam no Jornal Nacional porque achavam fácil de entendê-lo (SQUIRRA, 1993 apud COUTINHO, 2012). Para Duarte (2004), a televisão vem significando, no cotidiano contemporâneo, a única possibilidade de participação em um tempo histórico muitas vezes, isto é, de acesso às mais diversas experiências da realidade, da informação e da comunicação.

Vale lembrar que em uma sociedade como a brasileira, em que a leitura ainda é um fator de exclusão social, o telejornalismo, a oferta de informações jornalísticas em televisão ganha relevância ainda maior, como salientou Morán: ‘A informação na televisão é um produto - vista do lado da indústria cultural - e é um bem social - vista do lado da população (MORÁN, 1986 apud COUTINHO, 2012).

Apesar da familiaridade de grande parte das pessoas com a televisão nos dias atuais, nem sempre ela foi um objeto tão comum no cotidiano social. Na obra *Jornalismo de TV*, as autoras Bistane e Bacellar (2021) narram os principais acontecimentos históricos envolvendo o veículo desde a sua criação. No ano de

1935, a Alemanha foi o primeiro país a oferecer um serviço de televisão pública, e inaugurou-se também a British Broadcasting Corporation (BBC) em 1936 na Inglaterra, que teve suas atividades suspensas durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), retornando em 1946. Neste contexto, “o poder da televisão para disseminar informações, ideias e ideais já desencadeava discussões quando ela dava seus primeiros passos na Europa. [...] Depois do conflito, o papel cultural e social da televisão passou a ser discutido no continente”, a partir da demonstração do seu grande impacto, que segue sendo notório para grande parte das pessoas, mesmo com o avanço de outros tipos de tecnologia, como a internet.

Foi depois da ascensão do facismo e do nazismo que os meios usaram e abusaram de estratégias de comunicação. Época em que a União Soviética demonstrava os efeitos do controle do Estado sobre a televisão, enquanto os Estados Unidos revelavam como a busca de audiência para atrair patrocinadores influenciava as programações. Na Europa, muitos países decidiram adotar o sistema de serviço público de televisão (BISTANE; BACELLAR, 2021).

Segundo as autoras, no Brasil, a televisão já nasceu preocupada em garantir audiência quando Assis Chateaubriand inaugurou a TV Tupi, em São Paulo, em setembro de 1950. Na época, Bistane e Bacellar (2021) comentam que ninguém tinha televisão em casa, um artigo considerado um luxo, pois custava quase tanto quanto um carro. No dia seguinte da estreia da TV Tupi, foi ao ar o primeiro telejornal intitulado “Imagens do Dia”. Depois disso, alguns telejornais foram aparecendo na época em que patrocinadores batizavam o nome dos programas, como em 1952, quando surgiu o *Repórter Esso*, telejornal que marcou época no horário nobre, partindo de uma adaptação de um programa de sucesso no rádio e permanecendo no ar até 1970. No período, as notícias eram lidas pelos locutores no estúdio e haviam pouquíssimas imagens para ilustrar as informações, contando com material de agências de notícias dos Estados Unidos — algo comum de acontecer até hoje no jornalismo internacional, o que será exposto no decorrer desta pesquisa —, conforme complementam Bistane e Bacellar (2021).

À medida que as tecnologias foram ganhando força com o passar dos anos, a televisão foi, cada vez mais, se aprimorando e sendo popularizada no território nacional. Em 1960, chegaram as máquinas de videoteipe no Brasil, que foram usadas pela primeira vez na inauguração de Brasília e, depois, ficaram restritas aos

estúdios e às gravações de shows e jogos de futebol devido à falta de praticidade em seu manuseio. “Na época, as máquinas de videoteipe tinham dois metros de altura, e as fitas, enormes, mediam duas polegadas de largura. Nada práticas para coberturas jornalísticas, que exigiam agilidade”. Já em 1969, ocorre a primeira transmissão oficial via satélite para os(as) brasileiros(as), e, no mesmo ano, estreia o Jornal Nacional - primeiro telejornal exibido em rede e ao vivo - da Rede Globo de Televisão, a qual passou a funcionar em 1965 (BISTANE; BACELLAR, 2021).

Figura 2 - Armando Nogueira e Cid Moreira na bancada do Jornal Nacional



Foto: Acervo Globo.

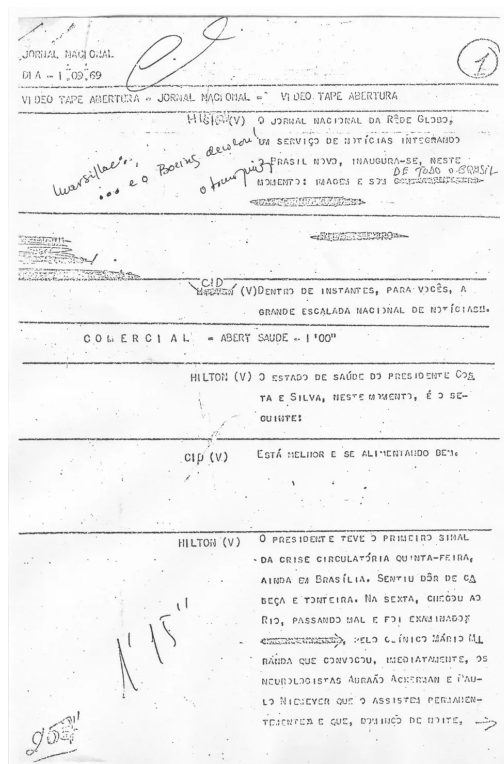
Desde então, o telejornalismo sofreu diversas mudanças até os dias atuais. A linguagem radiofônica, presente nos antigos telejornais, foi dando espaço às falas mais informais dos apresentadores, na medida do possível. As mudanças do cenário também foram notórias com o avanço tecnológico, mas não só isso, as emissoras têm tentado dinamizar mais a relação entre os apresentadores e repórteres.

Entretanto, essa busca pela humanização dos telejornais tradicionais ainda parece ser negligenciada no âmbito do jornalismo internacional.

4.1 Jornal Nacional

Conforme informações da Globo (2022), o JN foi idealizado por Armando Nogueira — diretor da Central Globo de Jornalismo entre 1966 a 1990 — para competir com o Repórter Esso, da TV Tupi, na pretensão de transformar a Globo na primeira rede de televisão do Brasil, gerando uma programação uniforme para vários estados e diminuindo os custos de produção. “O Jornal Nacional da Rede Globo, um serviço de notícias integrando o Brasil novo, inaugura-se neste momento: imagem e som de todo o Brasil”: assim foi a abertura da primeira edição do programa feita pelo apresentador Hilton Gomes, às 19h45, no dia 1º de setembro de 1969. “Dentro de instantes, para vocês, a grande escalada nacional de notícias”, anunciou o também apresentador Cid Moreira em seguida. “Logo na estreia, uma inovação no *script* despertou o interesse do telespectador. Enquanto o Repórter Esso deixava a notícia mais impactante para o fim, o JN abria com informações quentes, o factual”, consoante aos detalhamentos abaixo:

Figura 3 - Script da primeira edição do Jornal Nacional



Fonte: Acervo Pessoal Alice-Maria (GLOBO, 2022).

Na edição de estreia, uma reviravolta na política era o principal assunto. O país seria entregue a uma junta militar por causa de um problema de saúde do presidente Costa e Silva. O anúncio foi feito pelo ministro Delfim Neto e exibido, em filme, durante 46 segundos. Outros fatos se destacaram na estreia do JN. Milhares de brasileiros assistiram a imagens inéditas das obras de alargamento da Praia de Copacabana, da morte do campeão mundial dos pesos pesados Rocky Marciano e do gol de Pelé que garantiu a classificação do Brasil para a Copa de 1970, no México. Em pouco tempo, conquistou a preferência do público (GLOBO, 2022).

De acordo com depoimento de Armando Nogueira no livro *JN: 50 anos de telejornalismo* (MEMÓRIA GLOBO, 2019), a criação do Jornal Nacional foi uma imposição do mercado da época, como uma necessidade técnica, tecnológica e mercadológica. “A ideia era transformar a Globo em uma estação nacional [...]. Não havia laboratório melhor do que um telejornal que não só distribuía imagens para várias partes do Brasil, como recebia e selecionava [...] conteúdos do país inteiro”. O diretor comenta que, durante o período, os apresentadores foram treinados para memorizar as notícias antes do *teleprompter*, a fim de não perder a ligação com o(a) telespectador(a) e de simplificar o máximo possível as mensagens para o público, adequando o texto — preferencialmente na ordem direta e com orações sucintas — à imagem, no intuito de que não houvesse conflito ou redundância entre ambos. No entanto, desde a sua estreia até os dias atuais, os avanços tecnológicos e sociais foram de grande impacto para determinar o modo de fazer desse telejornal ser considerado consagrado, e “a definição do que é o Jornal Nacional passa pelo fato de ele ser ao mesmo tempo um programa jornalístico e de televisão” (BONNER, 2009 apud TEMER; LEITE JUNIOR, 2020).

Por ser jornalístico, apresenta temas comuns aos jornais impressos, aos programas jornalísticos de rádio, aos sites da internet voltados para notícias e, em parte, às revistas semanais de informação. Por ser um programa de televisão, procura apresentar esses temas com a linguagem apropriada ao veículo: com um texto claro, para ser compreendido ao ser ouvido uma única vez, ilustrado por imagens que despertem o interesse do público por eles - mesmo que não sejam temas de apelo popular imediato (TEMER; LEITE JUNIOR, 2020 apud BONNER, 2009).

Atualmente, mais de 50 anos após sua criação, “o JN conquistou a preferência do público e se firmou como um dos mais respeitáveis do país” (GLOBO, 2022), sendo líder de audiência no horário nobre, com cerca de 45 minutos de

duração, e fazendo a cobertura completa “das principais notícias no Brasil e no mundo”, conforme cita a Globo (2022). “Quem trabalha no JN sabe que participa de um produto que faz parte da vida de milhões de brasileiros, e a convivência de tantos anos entre público e o telejornal gera uma intimidade” (TEMER; LEITE JUNIOR, 2020 apud BERNARDES, 2009). Ele é apresentado por William Bonner — que também é editor-chefe do programa — e Renata Vasconcellos — também editora-executiva do noticioso —, e transmitido de segunda-feira a sábado, das 20h30 às 21h15.

Segundo Temer e Leite Junior (2020), todo(a) brasileiro(a) conhece o Jornal Nacional, considerado um símbolo do jornalismo da televisão brasileira por sua ampla audiência e seu longo período no ar, enquadrando-se ainda no jornalismo de referência, que é “aquele que serve interna e externamente de referência – tanto para a elite formadora de opinião, como para os meios de comunicação – sobre uma parcela do mundo público, qual seja, o país ao qual se dirige”, visto que, no momento em que os veículos de referência selecionam os acontecimentos, eles fazem de sua cobertura um alicerce referencial para os outros meios de comunicação dentro e fora do Brasil (ZAMIN; DAL MAGRO, 2019 apud ZAMIN, 2014). Além disso, o JN representa o conjunto mais bem-acabado de marcas que caracterizam um telejornal no Brasil, com sua temática, formato, cenário, apresentadores: tudo contribui para a identificação do programa com o gênero (GOMES, 2005), o que pode ser relacionado ao processo de tonalização do discurso telejornalístico, proposto por Duarte e Curvello (2009), e que será detalhado a seguir.

4.2 Tonalização do discurso telejornalístico

Conforme a hipótese elaborada por Duarte e Curvello (2009), existe um dispositivo sintático-semântico, denominado pelas autoras tonalização do discurso, que confere um tom ou combinatória tonal ao discurso enunciado no meio comunicacional televisivo “de um ponto de vista a partir do qual sua narrativa quer ser reconhecida”, indo além do tempo, espaço, aspecto e atores — perspectiva semiótica defendida por Duarte e Curvello (2009) pela qual nem todos os pesquisadores da área trabalham com esses elementos do discurso televisual. Segundo as autoras, o tom normalmente se apresenta de forma difusa nos produtos

televisuais, fazendo uso da articulação dos diferentes níveis de linguagens para marcar sua presença, como a harmonização de cores, formas e sons, jogo de câmeras e edição, registros de fala, figurinos, cenários, encenação, entre outros. E a seleção do tom nunca é neutra ou inocente, oscilando entre aspectos ligados à subjetividade e à objetividade dos seus enunciadores (DUARTE; CURVELLO, 2009).

Embora o processo de tonalização seja uma decisão estratégica da instância da enunciação, ele atualiza a presença dos enunciatários na medida em que essa deliberação se refere aos traços indicadores do tipo e forma de interação que um produto televisual pretende manter com seus interlocutores. [...] Assim, o tom dirige-se, necessariamente, ao meio social. Sua escolha pressupõe um interlocutor virtual ou atual, o telespectador, que, na medida que é capaz de [...] detectar o tom conferido a um produto televisual, torna-se cúmplice dos enunciadores, aderindo ao convite que lhe é feito pela instância de enunciação [...], cuja intenção estratégica é manter o telespectador cativo (DUARTE; CURVELLO, 2009).

As pesquisadoras ressaltam que, nesse processo comunicativo, há diferentes níveis de sujeitos enunciadores — responsáveis pelas deliberações concernentes ao tom —, os quais não devem ser confundidos com a figura dos atores discursivos, que podem ou não assumir essa tarefa de enunciação. Dentre esses níveis, há uma (a) instância enunciativa institucional, onde há a responsabilidade institucional do enunciador pelas informações veiculadas; (b) uma instância de realização, composta pelos membros da equipe de produção do programa, onde o enunciador é coletivo; (c) uma instância discursiva, que pode conter enunciadores enunciados: “são os atores discursivos, figuras de discurso que operam, no texto televisual, como apresentadores, animadores, âncoras, repórteres e/ou entrevistadores e que, no interior do programa, representam o papel de enunciadores”; e, por fim, há a presença da (d) instância de representação simbólica do universo inscrito, pertencente aos telespectadores, que validam os conteúdos e os valores assumidos pelos programas, os quais podem ou não responder à combinatória tonal proposta (DUARTE; CURVELLO, 2009), sendo as duas primeiras instâncias advindas da enunciação, ligadas à realidade socioeconômica e/ou às lógicas de realização, como é o caso da missão e da imagem a serem construídas ou mantidas pela instituição perante o(a) telespectador(a). Assim, através da programação e de outros meios, as emissoras transmitem “a forma como querem interagir com o telespectador em um dado programa, ou seja, do ponto de vista a partir do qual seu texto quer ser lido, dos valores colocados em pauta”, complementam as autoras.

Neste cenário, os atores discursivos condutores de um programa televisual, podem ser apresentadores, âncoras, repórteres ou entrevistadores, que realizam a função de mediação, sendo encarregados, em grande parte dos casos, da enunciação, proposição, modulação, gradação e manutenção do tom a ser conferido no produto televisivo; “a configuração do ator discursivo que acumula essas funções, condutor e mediador, [...] faz dele um instrumento muito eficaz na expressão do tom que se pretende conferir ao produto televisual”. No entanto, as emissoras não delegam a função de mediação tonal somente aos condutores no caso dos telejornais tradicionais, já que o tom deve ser mantido mesmo com a troca de apresentadores, sendo a própria emissora responsável por essa enunciação: “os apresentadores se revezam, fazem incursões de uma emissora a outra, [...] sem que os telespectadores reclamem e, menos ainda, que o telejornal saia do ar” (DUARTE; CURVELLO, 2009).

Trata-se de uma distinção sutil: eles agem e comportam-se, é verdade, de forma compatível com a combinatória tonal. Mas, tudo leva a crer que a emissora, no caso dos telejornais tradicionais, não abdica de seu papel de enunciadora, não lhes delega essa função, reservando-se o direito de controle e manutenção do tom, o que lhe permite, entre outras coisas, substituir esses apresentadores, quando necessário, sem prejuízo da manutenção do programa (DUARTE; CURVELLO, p. 69, 2009).

Neste cenário, ao continuar na análise dos telejornais, as autoras citam a presença da veridicção, isto é, o relato objetivo do real a partir de diferentes perspectivas, já que as TVs selecionam, focalizam e montam as matérias com diversas abordagens, mesmo tratando-se do mesmo tema. Para manter a veridicção, os telejornais utilizam várias estratégias discursivas — como a combinatória tonal — e mecanismos expressivos, que visam garantir efeitos de sentido de verdade, autenticidade e credibilidade às suas edições, os quais podem ser conferidos através de um tom principal de seriedade unido a tons complementares de formalidade, neutralidade, contração, profundidade, entre outros (DUARTE; CURVELLO, 2009).

Com o objetivo de fomentar essa combinatória tonal, os telejornais tomam bastante cuidado na escolha do cenário, dos âncoras, das posturas e dos comportamentos em suas edições. Duarte e Curvello (2009) descrevem que a seriedade, no caso dos apresentadores, traduz-se por meio da aparência física, da

postura corporal, do penteado, do vestuário, do comportamento contido, da voz pausada e do uso impecável da linguagem verbal — o que pode ser modulado em telejornais de cunho mais descontraído e gerar outros tons —; “a apresentação é feita em dupla, o que, em princípio, implica a divisão de funções e do poder catalisador do apresentador, desviando a atenção dos telespectadores”. Além disso, normalmente, os cenários dos telejornais colocam os apresentadores em local alto, sentados em uma bancada, com fundo de mapas de globo terrestre e telões. “Essa posição de superioridade já assinala de antemão quem, nesse contexto, detém a informação e, conseqüentemente, o poder”, continuam as pesquisadoras:

O fundo do cenário aponta para o domínio que a emissora e o programa detêm sobre a informação de acontecimentos em nível planetário. Mais ainda, completando esse cenário, muitas vezes, ao redor desse platô central, mas em plano mais baixo, há uma série de mesas de trabalho com pessoas, todas em movimento, operando computadores, algumas até mesmo caminhando apressadamente de um lado para o outro. Essa complementação do cenário com a redação em plano mais baixo garante os efeitos de atualidade do noticiário. É como se a notícia estivesse chegando quentinha, pronta para entrar no ar, mesmo quando na verdade se tratam das ‘requeentadas’ (DUARTE; CURVELLO, p. 70, 2009).

Figura 4 - William Bonner e Renata Vasconcellos na bancada do JN



Foto: Divulgação/Rede Globo

A repetição é outro elemento que corrobora com a manutenção da combinatória tonal dos telejornais, seja pela presença e comportamento dos apresentadores cotidianamente ou pelo cenário, número de blocos, estrutura, bordões, duração, entre outros. Tudo isso contribui para a credibilidade dos programas telejornalísticos e ajudam a conferir o seu tom de seriedade (DUARTE; CURVELLO, 2009). Por fim, em suma, nota-se que os telejornais criam o seu tom com a ajuda dos atores discursivos, figuras que representam os interesses dos enunciadores no produto. No caso do Jornal Nacional, os atores discursivos seriam os apresentadores do programa e os enunciadores seriam representados pela Rede Globo. Assim, o tom principal gerado por esse conjunto é o de seriedade, que cria, indiretamente, uma imagem de distanciamento em torno do telejornal e de grande parte das matérias, visto que não há muitos elementos de identificação e interação com o público, como ocorre em programas de entretenimento, por exemplo.

Dessa maneira, a partir do que foi explorado até aqui, é plausível dizer que o telejornalismo e o Jornal Nacional já foram objetos de análises de muitas pesquisas pelo Brasil, especialmente no âmbito da análise de conteúdo. O JN representa, inclusive, o conjunto mais bem-acabado de marcas que caracterizam um telejornal no Brasil, com sua temática, formato, cenário, apresentadores: tudo contribui para a identificação do programa com o gênero (GOMES, 2005). Isso impulsiona a escolha desse objeto de análise na pesquisa. No entanto, o diferencial da pesquisa é não apenas analisar a editoria internacional do JN, mas sim usar essas informações como base para embasar e categorizar uma proposta de categoria de análise própria — que poderá servir para futuras pesquisas na área: os efeitos de distanciamento, descritos no capítulo de análise de dados.

5. JORNALISMO INTERNACIONAL

O jornalismo internacional, uma das diversas variações da prática jornalística, consiste na cobertura de eventos noticiosos, em diferentes lugares do globo, destinada a pessoas que não tenham acesso físico ou conhecimento geopolítico e cultural com os fatos ocorridos em países estrangeiros (VIANA; LIMA, 2012, p. 1): “a realidade do outro para essa população pode ser acessada através do conteúdo produzido pelo jornalismo internacional”. Segundo Natali (2019, p. 23), o jornalismo já nasceu sob a forma de jornalismo internacional, com informações ligadas a interesses mercantis, deixando em segundo plano, a priori, informações de interesse comunitário. O pesquisador relata que, no século XVI, um banqueiro europeu nomeado Jacob Függer, o qual morava na Alemanha e possuía grande parte de seus negócios na Bélgica, foi responsável pelo repasse de informações úteis entre os países, ficando conhecido em compêndios de história do jornalismo e, até mesmo, pela Enciclopédia Britânica como o criador da *newsletter*, uma espécie de carta com notícias (NATALI, 2011, p. 21).

Seus agentes comprometiam-se a enviar com regularidade a Augsburg [na Alemanha] informações que tivessem alguma utilidade para os negócios. Como, por exemplo, a cotação de determinadas mercadorias nas feiras das quais compravam, vendiam e sobretudo negociavam letras de câmbio. Os agentes também relatavam conflitos regionais e a forma com que esses conflitos, baseados naquela época em questões teológicas, afetavam de maneira bem mais secular o risco de tráfego pelas estradas, as cotações dos pedágios nas alfândegas senhoriais ou o preço das apólices de seguro. Informavam sobre acordos e rupturas dentro da Igreja, sobre coalizões entre nobres menos importantes e seus efeitos no comércio (NATALI, 2019, p. 21).

De acordo com Viana e Lima (2012, p. 3), o acesso aos primeiros dispositivos pré-jornalísticos era essencial, já que as pessoas dependiam da leitura deles para se informar sobre dados políticos e econômicos mais atualizados, orientando-as ainda em suas decisões. “Muitas dessas primeiras formas de jornal se preocupavam principalmente com notícias do estrangeiro, isto é, com eventos que estavam acontecendo, ou já haviam acontecido, em lugares distantes”. Quem lia esses informes ou os escutava pela leitura de outras pessoas conhecia fatos de lugares distantes, os quais nunca poderiam testemunhar diretamente, o que ajudou a criar uma percepção de mundo ampla de locais onde as pessoas possivelmente não

visitariam, mas que tinham potencial relevância em suas vidas (THOMPSON, 1999, p. 65 apud VIANA; LIMA, 2012, p. 3). Desde então, muitas transformações tecnológicas foram sendo intensificadas, de modo gradual, após a Revolução da Imprensa no século XV, com a invenção da prensa móvel de Johannes Gutenberg (VIANA; LIMA, 2012, p. 3).

De acordo com Natali (2019, p. 21), a partir das primeiras décadas do século XVIII, as condições das comunicações se consolidaram em toda a Europa junto do avanço da tecnologia nos correios e da melhora na infraestrutura das estradas. Já o século XIX foi rodeado de ricas e inovadoras experiências tanto para a história econômica quanto para o jornalismo internacional; “os jornais de grande tiragem inventaram a notícia em escala industrial [...]. Em 1800, os jornais eram impressos, em uma folha só, por aparelhos de madeira semelhantes aos utilizados para a fabricação de livros”, e, com o impacto da tecnologia, as tiragens foram, cada vez mais, aumentando e o mundo ficando menor, relata Natali (2019, p. 30). “O impacto da rapidez na transmissão de informações e na distribuição de jornais e revistas foi proporcionalmente bem maior que o da computação e o da internet no final do século XX”, conclui o pesquisador. O jornalismo internacional tem utilizado cada vez mais alguns recursos desde então, como é o caso das agências de notícias.

5.1 Agências de notícias e correspondentes

À medida que o jornalismo foi se estruturando enquanto empresa, a obtenção de informações por preços menores era cada vez mais desejada no mercado, assim surgiu a ideia de que um ou mais repórteres poderiam produzir materiais para vários órgãos de imprensa através da criação de agências de notícias (NATALI, 2019, p. 30). Em 1835, na França, o escritor e jornalista Charles Havas criou uma agência de tradução de informações publicadas por outros jornais europeus para uso dos jornais locais franceses, passando, posteriormente, a captar essas informações com equipes próprias de reportagem (NATALI, 2019, p. 30). A então Agência Havas passou, posteriormente, a ser conhecida como *Agence France-Presse* (AFP), uma das mais prestigiadas do mundo até hoje junto com a norte-americana *Associated Press* (AP) - responsável pelo primeiro despacho por cabo telegráfico transatlântico -, que surgiu em 1846, e a inglesa *Reuters*, criada em 1851. Esta última, inclusive, foi autora do grande furo noticioso do assassinato do presidente norte-americano

Abraham Lincoln: “como a situação política em Washington andava tensa, a agência interceptou sua correspondência quando o barco do correio ainda percorria o litoral da Irlanda, de onde a notícia foi transmitida a Londres por telégrafo” (NATALI, 2019, p. 31).

As agências internacionais procuram recolher e transmitir notícias a nível global. Possuem colaboradores, articulistas, analistas distribuídos em sedes e escritórios em muitas partes do mundo e com isso enviam notícias para as redes centrais, que as distribuem aos diversos media. As primeiras matérias-primas estiveram inicialmente na informação econômica, dados sobre a agricultura e a mineração. Atualmente, as agências investem em tecnologia, correspondentes, análises, cobertura de eventos internacionais, representando grandes conglomerados de comunicação que possuem como estrutura várias empresas em diversos setores, do jornalismo ao entretenimento (VIANA; LIMA, 2012, p. 5).

Com o crescimento das agências de notícias e do envio de jornalistas para países estrangeiros, a figura do correspondente internacional tornou-se cada vez mais comum, especialmente no processo de globalização no século XIX e nos séculos seguintes, explicam Viana e Lima (2012, p. 5); um exemplo disso foi que, entre 1861 a 1865, cerca de 150 correspondentes acompanharam a guerra civil norte-americana. De acordo com Silva (2011, p. 26), os correspondentes internacionais passaram a proliferar na Europa a partir de 1835, aparecendo antes no continente europeu do que nas Américas devido à proximidade entre os países e aos principais centros de poder se encontrarem lá no período, além de o continente europeu conter os primeiros jornais que começaram a operar de modo mais profissional. Desde então, “os acontecimentos políticos na Europa daquela época tinham importância para a imprensa do Brasil [...] por servirem como referência para as contendas políticas e ideológicas do Novo Mundo”, e esse interesse por notícias do exterior foi aumentando ao longo do século XIX no Brasil e nos Estados Unidos, com a chegada de imigrantes na região (SILVA, 2011, p. 27).

O correspondente estrangeiro, enquanto profissional, existe fundamentalmente para relatar a seus conterrâneos aquilo que os pode interessar a respeito das terras além-mar. Conforme explica Antônio Brasil, pesquisador e professor de jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o correspondente é ‘um repórter fixado numa cidade estrangeira – muitas vezes a capital de um país –, sendo responsável por uma região, um país ou às vezes até um continente inteiro. Ele deve enviar matérias regularmente para a redação da sede de seu veículo’ (VIEIRA, 2015, p. 124).

Conforme Memória Globo (2018, p. 9), o correspondente internacional é a testemunha do mundo e desfruta de uma posição singular de observador especial, vendo de perto, muitas vezes, os momentos que entram para os livros de história, “é uma atividade difícil, longe da visão que muitos têm, porque é preciso realizar o seu ofício longe do seu país, numa língua estrangeira, quase sempre com poucos recursos, em situações muitas vezes adversas”. Além disso, ele deve ter um conhecimento bom das questões que movimentam o mundo, uma excelente bagagem cultural, curiosidade, destemor e capacidade de improvisação em situações adversas, como regra geral.

No caso brasileiro, Silva (2011, p. 27) relata que é muito difícil afirmar quem foi o primeiro jornalista enviado especial ao exterior ou o primeiro correspondente da imprensa do país, visto que, conforme diz o pesquisador, a historiografia do jornalismo brasileiro é escassa e, com frequência, de má qualidade. “Provavelmente, o primeiro correspondente internacional do Brasil, nos termos pelos quais a função é aqui definida (trabalho remunerado e estável), foi o célebre João do Rio, pseudônimo jornalístico de João Paulo Alberto Coelho Barreto”, que, em 1918, foi enviado para cobrir a Conferência do Armistício da Primeira Grande Guerra em Versalhes, na França, escrevendo regularmente da Europa durante oito meses, comenta Silva (2011, p. 29). Além disso, Assis Chateaubriand, outro grande personagem do jornalismo brasileiro, foi também mandado para a Europa para escrever de forma remunerada pouco tempo depois: “Chateaubriand recebeu com espanto o convite feito por Edmundo Bittencourt, o dono do *Correio da Manhã* [...], em 1919: passar um ano na Alemanha escrevendo sobre os vencidos na Primeira Guerra Mundial” (SILVA, 2011, p. 29).

Desde então, diversas mudanças e inovações tecnológicas vêm ocorrendo na profissão, o que tem fortalecido o trabalho realizado pelas agências de notícias e alterado significativamente o cotidiano das redações, bem como o perfil dos jornalistas. De acordo com Thompson (1998, p. 135), atualmente, a comunicação acontece em uma escala cada vez mais global, sendo as mensagens transmitidas a longas distâncias com mais facilidade, quase que instantaneamente pelo meio virtual. “A reordenação do espaço e do tempo provocada pelo desenvolvimento da mídia faz parte de um conjunto mais amplo de processos que transformaram [...] o mundo moderno. Estes processos são comumente descritos hoje como globalização”, que se firmou no século XIX, referindo-se à crescente interconexão

entre as diferentes partes do mundo de forma sistemática e recíproca. No entanto, foi no século XX que o fluxo de comunicação e informação em escala global se tornou uma característica regular e penetrante da vida social, mesmo que de forma desigual, com a proliferação de canais de comunicação e o rápido desenvolvimento da transmissão radiofônica e televisiva (THOMPSON, 1998, p. 143).

A digitalização da informação, combinada com o desenvolvimento de tecnologias eletrônicas relacionadas (microprocessadores, etc.), aumentou grandemente a capacidade de armazenar e transmitir informações e criou a base para a convergência das tecnologias de informação e comunicação, permitindo que a informação seja convertida facilmente para diferentes meios de comunicação (THOMPSON, 1998, p. 145).

No período de expansão da rede global de informações, além das agências de notícias, os jornais, tanto de forma isolada quanto em cooperação, passaram a investir em escritórios em outras cidades, distantes de suas sedes (AGNEZ, 2015, p. 315). Entretanto, atualmente, “manter escritórios e correspondentes atuando em diferentes regiões do mundo tem alto custo, ao passo que as tecnologias digitais tornam o acesso mais prático e barato de informações, algumas vezes produzidas gratuitamente por cidadãos” (AGNEZ, 2015, p. 317). Assim, “a popularização da internet em alta velocidade (3G e 4G) associada ao aumento de dispositivos disponíveis a preços acessíveis (notebooks, computadores, celulares, tablets, gravadores, [...]) transforma os cidadãos em potenciais correspondentes” (VIEIRA, 2015, p. 130).

Uma vez que as redações se dão conta desse novo paradigma, concluem que não precisam gastar para manter tantos correspondentes espalhados pelo mundo. Se for o caso, no primeiro momento após um grande fenômeno natural ou acidente, o veículo utiliza as produções amadoras locais e, em seguida, um enviado especial pode viajar rapidamente para fazer a cobertura mais aprofundada, voltando ao país de origem tão logo os editores queiram. Muitas vezes, no entanto, o veículo pode julgar que nem mesmo esse enviado é necessário e que o das agências de notícias, somado ao que é fornecido pelos cidadãos locais é suficiente para fazer a cobertura (VIEIRA, 2015, p. 131).

Com essas questões do cotidiano jornalístico atual, o uso de matérias produzidas por agências de notícias ou *freelancers* se torna cada vez mais constante, especialmente nas coberturas de conflitos, onde o risco à integridade dos jornalistas é alto. Segundo Steiner (2017, p. 112), o trabalho de *freelancers* permite

que os editores de notícias — que deixaram, muitas vezes, de ter correspondentes em tempo integral e escritórios estrangeiros — possam escolher o conteúdo que desejam sem oferecer suporte, seguro ou salário fixo a esses profissionais, barateando os seus custos de produção.

O cargo [de correspondente] tem sofrido pressões de cunho econômico (altos custos de manutenção do profissional no exterior e pouco retorno financeiro para a empresa jornalística); tecnológico (uma vez que o correspondente concorre com a rapidez das agências de notícias e com os próprios cidadãos que, munidos de câmeras, registram os eventos e os divulgam nas redes sociais) e em relação aos riscos de vida (visto que muitas localidades — especialmente no Oriente Médio — são violentas e perigosas para repórteres) (VIEIRA, 2015, p. 132).

Esse processo, gradativamente mais restrito, de enviar e de manter correspondentes internacionais, exige que esses profissionais, que vão para o exterior, sejam multitarefas. “Isso quer dizer que o ideal, em termos econômicos para a redação, é que o correspondente consiga fazer sozinho o trabalho todo, isto é, apurar, escrever, fotografar, filmar, gravar áudio e o que mais seja necessário”, onde os mais adaptados “sobrevivem”. Dessa forma, conclui-se que, ao mesmo tempo que as tecnologias facilitaram a transmissão de informações do correspondente à redação e vice-versa, elas também trouxeram novos desafios para a profissão, que continua em processo de mudança e adaptação do profissional (VIEIRA, 2015, p. 127-128).

Vira esse negócio mecânico que cada vez você enxuga mais. Você precisa reproduzir mais agências, corre o risco de daqui a pouco ter um jornal com tudo prontinho ali pela *Reuters*; aí é só você conseguir abrir o site da *Reuters*, não tem nenhum diferencial, não tem nada de diferente. Então, obviamente que é fundamental a gente ter jornalistas cobrindo o mundo, acho que isso tem que ser de forma ainda maior, sabe? Só que é isso... a gente viu nos últimos anos isso decaindo, né? (PAIVA, 2022).

Segundo o jornalista internacional da Rede Globo, Pedro Aquino Paiva, que forneceu entrevista para compor este trabalho, os correspondentes mais reconhecidos e com mais experiência trabalham com uma equipe. Mesmo que ela seja reduzida, eles não ficam sozinhos na rua, há cinegrafistas. No caso específico de Aquino e de colegas de trabalho próximos a ele, “todo mundo se vira sozinho nos trinta” utilizando celulares, mas ele relata que também possui um kit de luz e um microfone bom. Esta problemática se agrava ainda mais devido à alta do dólar

comparada ao real, conforme explica o jornalista: "quando bate seis reais o dólar, corta-se tudo. Fica cada vez mais precário fazer. Eu sei que não é só com a Globo, todas as emissoras de TV tão cortando [muito] tudo o que têm de internacional, porque não dá... não tem dinheiro pra fazer". Essas restrições frequentes dificultam o fortalecimento das pautas internacionais, gerando diversas consequências não só relacionadas aos efeitos de distanciamento, mas a leitura do mundo de forma mais autônoma pela população brasileira.

5.2 Jornalismo Internacional no JN

A Rede Globo, responsável pelo Jornal Nacional, inaugurou os seus dois primeiros escritórios internacionais em 1973 — em Nova York, com o correspondente Hélio Costa — e em 1974 — em Londres, com Sandra Passarinho —, conforme o projeto Memória Globo (2019, p. 245). Entretanto, enquanto as tecnologias eram atualizadas, a transmissão continuava cara, afinal, “para enviar uma reportagem via satélite para o JN, era preciso agendar um horário com uma emissora ou agência de notícias, [...] e fazer caber todo o material ‘bruto’ gravado” (MEMÓRIA GLOBO, 2019, p. 246). A partir do ano 2000, com o desenvolvimento da fibra óptica e da internet, esses problemas começaram a mudar: “essa tecnologia barateou os nossos custos de transmissão e dispensava a necessidade de uma infraestrutura maior. Assim, nos anos seguintes, [...] a Globo começou a espalhar correspondentes em outros postos” (MEMÓRIA GLOBO, 2019, p. 248). Nos dias atuais, é necessário apenas um smartphone com acesso à internet para que repórteres consigam entrar ao vivo com imagens em alta definição de qualquer lugar do mundo, “isso nos dá uma agilidade que não tínhamos há quinze, vinte anos”, de acordo com Memória Globo (2019, p. 249).

Neste cenário, tendo em vista que a editoria internacional é a que representa o maior volume de notícias dentro das redações e, que “durante todo o dia, são milhares de materiais vindos de diferentes países, por meio da rede informativa representada pelas agências de notícias, correspondentes [...] e jornais de referência”, a sua rotina de produção funciona de modo particular. No caso do Jornal Nacional, objeto de análise desta pesquisa, o expediente da editoria internacional é detalhado por Eric Hart, coordenador de internacional do JN, na obra de Memória Globo (2019, p. 243): “Sete horas da manhã, horário de Brasília. Início de

expediente na redação do Jornal Nacional. [...] Em Tóquio, são sete da noite, e o correspondente na base da Globo na Ásia já acompanhou um dia quase inteiro de notícias no continente”. Este é o primeiro contato que Hart faz ao dar uma rápida olhada nas agências internacionais e sites de notícias. “Se houver assunto que valha, começamos a preparar a matéria”. Neste caso, o coordenador não espera pela reunião de pautas que ocorre às 11h30 da manhã, no Brasil, quando o editor-chefe do JN escolhe os assuntos da edição do dia, devido à diferença de fuso horário.

O processo de contato com os correspondentes segue no sentido inverso ao dos fusos horários, onde a equipe da Rede Globo em Londres — quatro horas a mais que no Brasil na maior parte do ano — ajuda a coordenar a participação dos outros correspondentes na Europa, localizados em Roma e em Paris, cinco horas à frente do Brasil. Além disso, uma hora mais cedo em relação ao Brasil, o escritório de Nova York também é contatado, respondendo ainda pela equipe de Washington. “Juntos, montamos um cardápio de ofertas que apresentamos ao editor-chefe ao lado dos assuntos nacionais na reunião da manhã”, relata Hart (MEMÓRIA GLOBO, 2019, p. 243).

Decidimos então quais assuntos vão merecer reportagens com os nossos correspondentes, e quais devem entrar como um registro, a chamada ‘nota coberta’, lida pelos apresentadores em cima de imagens separadas pelo editor. São decisões que levam em conta a importância do assunto para o nosso público e, também, considerações práticas, relativas ao tempo disponível no jornal. Em dias que fatos no Brasil dominam o noticiário, por exemplo, a notícia de um ciclone na Ásia pode ser dada brevemente. Um relatório da ONU sobre educação no mundo pode ser desenvolvido e explicado por um correspondente, ou resumido em uma nota. Projeções do FMI sobre a economia mundial podem ser analisadas a fundo, destacando as perspectivas para o Brasil, ou dadas na forma de um videografismo com os números. Já uma crise política complexa, como a saída do Reino Unido da União Europeia, fica mais clara se explicada, com mais tempo, por um correspondente (MEMÓRIA GLOBO, 2019, p. 243-244).

A partir dessas escolhas, os jornalistas da Rede Globo no exterior e as equipes nos escritórios começam a preparar as reportagens, gravando imagens e conseguindo entrevistas. Todo esse processo só termina no fim do jornal, visto que o editor precisa estar atento o tempo todo. “Com frequência, algo digno de registro acontece durante o jornal, pode ser uma nota ou uma entrada ao vivo do escritório de Nova York, por exemplo”. Eric Hart explica que, novamente, o fuso horário influencia já que, quando o JN entra no ar, já é de madrugada na Europa, sendo

difícil ter novidades por lá, mas nos Estados Unidos o dia ainda está terminando, então deve-se ter atenção à movimentação do governo americano. Além disso, no Japão, outro dia está começando (MEMÓRIA GLOBO, 2019, p. 244-245).

Como não é possível estar em todos os lugares, Eric Hart comenta que o Jornal Nacional faz também muito o uso de materiais enviados por agências de notícias; “agências como Reuters e APTN (Associated Press Television News) têm escritórios em vários países, produzem o próprio material ou obtêm imagens de emissoras de outros países quando necessário”. Entretanto, o coordenador de internacional do JN ressalta que é fundamental que o correspondente e o editor de texto assistam às imagens das agências antes, pois, “além do fato em si, tem sempre um detalhe, uma cena, um gesto, uma ação, algo capaz de sugerir ideias que ajudem a entender o assunto” (MEMÓRIA GLOBO, 2019, p. 244). Afinal, segundo Hart, a missão dos correspondentes do Jornal Nacional é fazer o noticiário internacional com um olhar brasileiro, tentando traduzir a relevância dos acontecimentos ao redor do mundo para as vidas do público nacional. “O papel de contador de histórias continua o mesmo. E quanto maior for o domínio do jornalista sobre as ferramentas digitais, mais recursos ele terá para contar as suas histórias”, conta em Memória Globo (2019, p. 252).

Apesar desse cuidado para tentar aproximar os espectadores do noticiário internacional no JN, alguns elementos básicos do jornalismo podem acabar se perdendo no caminho ou ficando em segundo plano, como a captação de entrevistas, ou melhor, sonoras — no âmbito telejornalístico — sobre os fatos de quem vivenciou de perto determinados acontecimentos, trazendo histórias humanizadas com personagens comuns, que, muitas vezes, não costumam aparecer no noticiário internacional devido à dificuldade de não estar próximo às fontes e ao uso de materiais advindos de agências de notícias, as quais comumente fornecem discursos oficiais, como de governantes. Isso pode ocasionar conteúdos pouco aprofundados, difíceis de entender e de gerarem identificação com o público geral, o que colabora com os efeitos de distanciamento propostos por esta pesquisa. No próximo capítulo, detalha-se melhor essa proposição a partir da análise de seis edições do Jornal Nacional.

6. ANÁLISE DE DADOS

Tendo como base o que vem sendo discutido por esta pesquisa, o capítulo de análise de dados tem o intuito de descrever e de analisar, na prática, o que pode ser classificado como os efeitos de distanciamento nas coberturas televisivas feitas na área do Jornalismo Internacional, bem como se esses efeitos estão inseridos no Jornal Nacional e, se sim, de que maneira eles ocorrem, conforme o que foi proposto pelo objetivo geral do trabalho. Além disso, este capítulo visa elucidar os objetivos específicos contidos na metodologia da pesquisa, os quais dizem respeito a mostrar como os valores-notícia incidem sobre os efeitos de distanciamento na cobertura internacional; identificar como o tom telejornalístico corrobora com os efeitos de distanciamento; e discutir como a cobertura feita pelo Jornal Nacional contribui para os efeitos de distanciamento no Jornalismo Internacional.

No entanto, para iniciar a categorização dos efeitos de distanciamento e a análise proposta por este capítulo, é necessário entender, em primeiro lugar, o que são os efeitos de sentido que embasam os efeitos de distanciamento. De acordo com Zamin e Schwaab (2007, p. 35), “o sentido deve ser compreendido como algo que está sempre em curso, que se move e se produz por meio de determinações sócio-históricas”, o qual vai depender das relações presentes nos diversos cenários discursivos entre locutores. Os pesquisadores relatam que, considerando que as palavras mudam de sentido conforme as posições de quem as emprega, “todo enunciado é passível de deslocar-se discursivamente do seu sentido, derivar para outro, visto que as palavras refletem sentidos de discursos já realizados, imaginados ou possíveis” (ZAMIN; SCHWAAB, 2007, p. 36).

Neste cenário, o sentido muda seguindo a ideologia de quem o produz e/ou de quem o interpreta, devendo gerar atenção às condições de produção do sentido (FERREIRA, 2005, p. 21 apud ZAMIN; SCHWAAB, 2007, p. 36). No caso de jornalistas, por exemplo, Zamin e Schwaab (2007, p. 38) discorrem que a construção de textos — geralmente em terceira pessoa — e outras convenções do campo tentam apagar os resquícios do lugar social no qual os jornalistas estão inseridos e promover um ‘autodescolamento’ do que é produzido por eles, a fim de fomentar a imparcialidade e a objetividade das notícias; “tal apagamento, porém, é somente efeito, já que sua inscrição em um determinado lugar discursivo implica sempre uma determinação do lugar social”, assim como descrito detalhadamente a seguir.

O entendimento das notícias como construções sociais traz consigo a compreensão de que elas são narrativas marcadas pela cultura jornalística e pela cultura em geral. Assim, ao produzir a notícia, o jornalista estabelece uma série de relações, seja com as fontes, com a sociedade ou com os membros da comunidade profissional. Para cumprir sua função, ele se faz valer das técnicas, gêneros, formatos e processos de edição, por meio dos quais é possível escolher, excluir ou acentuar determinados aspectos dos acontecimentos no discurso. E o faz interpelado ideologicamente, recortando seus dizeres do interdiscurso, a partir das formações discursivas com as quais se identifica e nas quais se inscreve (ZAMIN; SCHWAAB, 2007, p. 39).

Nestas circunstâncias, as narrativas dos jornalistas congregam ainda elementos de sentidos ligados também às organizações ou empresas que trabalham, à relação com as suas fontes e, até mesmo, ao público-alvo que tentam atingir com as informações veiculadas. Isso pode ser relacionado ao conceito de tonalização do discurso no telejornalismo – proposto por Duarte e Curvello (2009, p. 63) e detalhado no capítulo de telejornalismo desta pesquisa –, visto que a escolha de determinado tom ou combinatória tonal emite sentidos pelos quais os enunciadores querem que as suas narrativas sejam reconhecidas. O tom principal dos telejornais é o de seriedade, mas outros tons podem se agregar a ele gerando sentidos diversos, como os efeitos de sentido de verdade, credibilidade e, conforme foi explorado por este trabalho, os efeitos de distanciamento, por exemplo.

6.1 Os efeitos de distanciamento

Neste contexto, esta pesquisa propõe que os efeitos de distanciamento são caracterizados como um conjunto de práticas adotadas pelos telejornais que ocasionam sentidos que distanciam a audiência dos temas retratados pelo Jornalismo Internacional, o que pode acabar banalizando assuntos complexos pela falta de aprofundamento e humanização das matérias, em alguns casos. Dentre esses elementos, pode-se citar o tipo de notícia, o seu tempo de duração e o seu nível de aperfeiçoamento; a presença ou não de imagens de apoio, de OFF's e de passagens de repórteres no local dos fatos noticiados; as sonoras com personagens comuns – que geram maior identificação com o público – ou com fontes oficiais – advindas, muitas vezes, de agências de notícias –; a relação com o Brasil; e a

inserção de artes ou alterações no cenário que facilitem a compatibilidade com o público.

Ao averiguar, congregar e organizar essas práticas, este trabalho elaborou um esquema para análises telejornalísticas dos efeitos de distanciamento no Jornalismo Internacional, podendo servir como método de consulta para futuras pesquisas na área, conforme proposto na tabela a seguir. Os elementos expostos na tabela devem ser analisados em conjunto, tendo em vista que eles podem se complementar e que se faz necessário examinar o contexto em sua completude para pontuar a presença ou não desses efeitos de distanciamento, bem como o seu modo de funcionamento. A tabela traz elementos do discurso telejornalístico que podem conter modulações que contribuem com efeitos de distanciamento, como:

- Gênero ou tipo de notícia;
- Tempo destinado às notícias internacionais no telejornal;
- Presença de imagens de apoio relacionadas à notícia;
- Presença de passagem de repórteres;
- Presença de OFF de repórteres;
- Presença de sonoras na notícia;
- Proximidade (se a notícia busca aproximar o relato do contexto brasileiro);
- Presença de artes, infográficos e outros elementos de intervenção gráfico-visual na notícia.

Esse conjunto de elementos faz parte das possibilidades de combinatórias tonais às quais aludem Duarte e Curvello (2009) e buscam incorporar valores-notícia como proximidade e proeminência, cuja presença ou ausência podem servir como critérios para a caracterização dos efeitos de distanciamento. O intuito dessa proposta é facilitar as investigações nas editorias internacionais dos telejornais brasileiros, mostrar suas especificidades e gerar reflexões sobre o assunto, a fim de indiretamente aprimorar o modo de atuação do Jornalismo Internacional no país e de gerar mais vínculos humanizados em torno das temáticas internacionais repassadas pelos telejornais aos seus públicos.

Tabela 4 - Proposta de caracterização de efeitos de distanciamento no Jornalismo Internacional para operacionalizar análises telejornalísticas

<p>GÊNERO OU TIPO DE NOTÍCIA</p> <p>Matéria; nota coberta; nota corrida; nota pé; ao vivo ou boletim. Averiguar qual o tipo de notícia e seu respectivo aprofundamento dos fatos, bem como se ela está na escalada do jornal.</p>	<p>TEMPO</p> <p>Tempo de duração da notícia. Comparar qual a porcentagem de tempo destinado à editoria internacional no período analisado ao restante do jornal.</p>
<p>IMAGENS DE APOIO</p> <p>Verificar se há ou não a presença de imagens de apoio relacionadas à notícia. Caso haja, se possível, ver se as imagens são ou não advindas de agências de notícias.</p>	<p>PASSAGEM</p> <p>Examinar se há ou não a presença de passagem de repórter na notícia. Caso haja, verificar se a passagem ocorreu dentro ou fora dos locais de acontecimento do fato noticiado.</p>
<p>OFF</p> <p>Olhar se há ou não a presença de OFF de repórter na notícia.</p>	<p>SONORA</p> <p>Analisar se há ou não a presença de sonora na notícia. Caso haja, examinar se a sonora é de pessoas comuns ou de fontes oficiais, como governantes e especialistas.</p>
<p>RELAÇÃO COM BRASIL</p> <p>Procurar se há ou não relação com o Brasil na notícia. Se houver, ver se a relação é direta ou indireta.</p>	<p>ARTES/CENÁRIO</p> <p>Explorar se há ou não a presença de artes, infográficos ou alterações no cenário que se relacionem à notícia.</p>

Fonte: elaboração própria.

Os itens dispostos na tabela foram selecionados por unirem aspectos que, se não estiverem presentes nas notícias telejornalísticas internacionais, podem possivelmente gerar sentidos de distanciamento na audiência. Em síntese, a análise conjunta desses componentes em um telejornal, em período de tempo delimitado, vai verificar a maior ou menor incidência dos efeitos de distanciamento em suas

coberturas internacionais. Na prática, os efeitos de distanciamento foram averiguados por esta pesquisa através de um estudo de caso qualitativo e quantitativo e da análise de conteúdo em seis edições do Jornal Nacional, entre os dias 09, segunda-feira, a 14 de maio de 2022, sábado. Essa delimitação considerou a atualidade das notícias e o recorte temporal no qual a pandemia de Covid-19 não estivesse mais no noticiário de modo tão frequente e prioritário como antes, visto que assim, em tese, sobraria mais espaço para a prática do Jornalismo Internacional.

6.1.1 Os efeitos de distanciamento na cobertura internacional do JN

Antes de iniciar o quadro analítico propriamente dito, as notícias internacionais foram separadas por numerações correspondentes aos respectivos dias de análise, no qual segunda-feira foi o 1º dia de análise; terça-feira, o 2º dia; quarta-feira, o 3º dia; quinta-feira, o 4º dia; sexta-feira, o 5º dia; e sábado, o 6º dia. A divisão foi realizada no intuito de facilitar a identificação das matérias e a posterior análise destas. Na plataforma do Globoplay, onde é possível encontrar as edições brutas do Jornal Nacional, bem como de seus VT's recortados, as notícias foram fragmentadas para identificação seguindo os seus respectivos títulos na plataforma. A seguir, é possível identificar essas notícias, bem como os seus valores-notícia, por meio de um número de identificação equivalente ao dia que a notícia foi ao ar e à própria notícia – não necessariamente em ordem temporal de veiculação – (Exemplo: 1.1, 1.2, 1.3, etc), conforme detalhado na tabela abaixo.

Tabela 5 - Identificação das notícias da editoria internacional do Jornal Nacional no período analisado pela pesquisa

Nº de identificação das notícias	Títulos das notícias	Valores-notícia
1.1	Organização Meteorológica Mundial alerta para mudanças no clima	Conhecimento
1.2	Primeiro-ministro do Sri Lanka renuncia	Polêmica
1.3	Filho de ex-ditador lidera apuração preliminar	Polêmica;

Nº de identificação das notícias	Títulos das notícias	Valores-notícia
	da eleição para substituir Rodrigo Duterte na presidência das Filipinas	Surpresa
1.4	Manifestantes atiram tinta vermelha em embaixador da Rússia na Polônia	Conflito; Tragédia/Drama
1.5	Dezenas de ataques marcam os 2 meses e meio da invasão russa à Ucrânia	Conflito; Tragédia/Drama
1.6	Putin volta a defender invasão da Ucrânia como resposta a suposto ataque da Otan	Conflito; Tragédia/Drama
1.7	Duas maiores cidades da China apertam ainda mais restrições para conter o aumento de casos de Covid	Impacto
1.8	Atletas ucranianos lideram as Surdolimpíadas no Brasil	Entretenimento/ Curiosidade; Tragédia/Drama; Conflito; Proximidade
1.9	Alta nos juros dos Estados Unidos	Conhecimento
1.10	Conmebol anuncia multa para torcedores de times	Curiosidade; Justiça
2.1	Rússia intensifica bombardeios à Ucrânia	Conflito; Tragédia/Drama
2.2	Pela 1ª vez em 59 anos, rainha Elizabeth não discursa na abertura do parlamento, no Reino Unido	Raridade; Surpresa; Proeminência
2.3	Retrato de Marilyn Monroe feito por Andy Warhol é leiloado pelo equivalente a R\$ 1 bilhão	Conhecimento/ Cultura
2.4	Povos Indígenas, sociedade civil e empresas pedem que EUA aprovem fundo de proteção de florestas	Governo
2.5	Alunos de projeto social do interior de SP representam Brasil em feira de tecnologia nos EUA	Conhecimento; Surpresa; Proximidade
2.6	Confiança dos brasileiros na ciência é maior do que a média global, mostra pesquisa	Conhecimento; Proximidade

Nº de identificação das notícias	Títulos das notícias	Valores-notícia
3.1	Greenpeace impede entrada de navio com 60 mil toneladas de soja do Brasil na Holanda	Polêmica; Conflito
3.2	Ucrânia suspende fornecimento de gás russo que passa por seu território	Conflito; Tragédia/Drama
3.3	Jornalista palestina-americana morre durante operação do exército de Israel, na Cisjordânia	Conflito; Tragédia/Drama
4.1	Conselho de Direitos Humanos da ONU aprova abertura de investigação sobre suspeitas de violações cometidas por soldados russos na Ucrânia	Conflito; Tragédia/Drama
4.2	Autoridade Palestina rejeita pedido de Israel por investigação conjunta sobre morte de jornalista da Al Jazeera	Conflito; Tragédia/Drama
4.3	Finlândia anuncia que pedirá para entrar na Otan	Conflito; Polêmica
4.4	Mortes por Covid nos EUA se aproximam de 1 milhão	Impacto
4.5	Coreia do Norte declara emergência nacional severa	Impacto
4.6	Fifa inicia o Tour da Taça da Copa do Mundo	Entretenimento
5.1	Elon Musk diz que processo para a compra de Twitter está suspenso, depois volta atrás	Proeminência; Polêmica
5.2	Militares da Ucrânia afirmam ter imposto revés considerável aos russos no leste do país	Conflito; Tragédia/Drama
5.3	Centenas de manifestantes protestam contra morte de jornalista no Chile	Conflito; Tragédia/Drama
5.4	Rainha Elizabeth aparece em público durante desfile de cavalos reais, no Castelo de Windsor	Proeminência; Entretenimento/ Curiosidade
5.5	Palestinos participaram de enterro de jornalista morta durante operação militar israelense	Tragédia/Drama
5.6	Em Portugal, cerca de 200 mil fiéis católicos celebram dia de Nossa Senhora de Fátima	Conhecimento/ Cultura; Proximidade;

Nº de identificação das notícias	Títulos das notícias	Valores-notícia
		Impacto
5.7	Elefantas são transferidas de zoológico argentino para santuário no Brasil	Curiosidade; Proximidade
5.8	Atletas brasileiros se destacam nesta sexta-feira	Entretenimento/ Curiosidade; Proximidade
6.1	Atirador mata dez pessoas em supermercado no estado de Nova York	Conflito; Tragédia/Drama
6.2	Autoridades da Ucrânia informam que soldados russos deixaram Kharkiv	Conflito; Tragédia/Drama
6.3	Por unanimidade, Conselho de Segurança da ONU condena morte de jornalista na Cisjordânia	Justiça; Conflito; Tragédia/Drama
6.4	Sobe para 42 número oficial de mortes por Covid na Coreia do Norte	Impacto
6.5	Americanos fazem protesto contra possibilidade de criminalizar o aborto	Conflito; Justiça
6.6	Britney Spears anuncia que perdeu bebê no início da gravidez	Proeminência
6.7	Índia proíbe venda de trigo para o mercado internacional	Impacto

Fonte: elaboração própria.

Nota-se que a segunda-feira, 1º dia de análise, contou com 10 notícias internacionais; a terça-feira, com seis; quarta-feira, três; quinta-feira, seis; sexta-feira, oito; e sábado, sete. No total, foram contabilizadas 40 notícias na Editoria internacional do Jornal Nacional durante a semana analisada. Este estudo de caso irá averiguar, ao longo deste capítulo, como os efeitos de distanciamento das notícias – apresentados detalhadamente pelo quadro analítico abaixo – incidem ou se relacionam com três categorias distintas: os valores-notícia, o tom telejornalístico e o jornalismo internacional feito pelo JN, a fim de manter a conformidade com os objetivos específicos desta pesquisa.

Tabela 6 - Análise dos efeitos de distanciamento na editoria internacional do Jornal Nacional entre 9 a 14 de maio de 2022

<p>GÊNERO OU TIPO DE NOTÍCIA</p> <p>19 notas cobertas (uma ao vivo); 16 matérias; e cinco notas corridas. Dos 40 conteúdos no total, oito matérias e uma nota coberta ao vivo estiveram também na escalada do jornal.</p>	<p>TEMPO</p> <p>Durante o período analisado, a editoria internacional dispôs de 60'19" de um total de 288'48" das edições do telejornal, o equivalente a 20,89% destinado ao Jornalismo Internacional.</p>
<p>IMAGENS DE APOIO</p> <p>35 notícias contaram com imagens de apoio; e outras cinco não. Das 35 com imagens de apoio, 28 utilizavam materiais de agências de notícias; e outras sete não, estimativamente.</p>	<p>PASSAGEM</p> <p>24 notícias não recorreram a passagens de repórteres; e outras 16 utilizaram do recurso. Destas últimas, oito estavam em locais vinculados aos fatos noticiados e oito não estavam.</p>
<p>OFF</p> <p>24 notícias não recorreram a OFF's de repórteres; e outras 16 utilizaram do recurso.</p>	<p>SONORA</p> <p>26 notícias não utilizaram sonoras; e outras 14 fizeram uso do recurso. Destas, 13 notícias tiveram sonoras de fontes oficiais; e quatro notícias contaram também com sonoras de pessoas comuns.</p>
<p>RELAÇÃO COM BRASIL</p> <p>27 notícias não tiveram relação com o Brasil; e outras 13 possuíam ligação. Destas 13, quatro contam com relação direta com o país.</p>	<p>ARTES/CENÁRIO</p> <p>33 notícias utilizaram de artes, infográficos e/ou adaptações de cenário; e outras sete não usaram dos recursos.</p>

Fonte: elaboração própria.

Como primeiro elemento que pode caracterizar se a cobertura internacional feita pelo Jornal Nacional contribui para os efeitos de distanciamento, temos o **gênero ou tipo de notícia**. Observa-se que as notas cobertas obtiveram a maior

incidência entre os tipos de notícias divulgadas, com 19 aparições, o equivalente a 47,5% do total de assuntos veiculados no período. Logo após, estão as matérias, com 40% ou 16 aparições. Em seguida, as notas corridas ocupam 12,5% deste noticiário internacional, com cinco notícias. Já a entrada ao vivo ocorreu uma única vez entre as 40 notícias transmitidas na semana, o que corresponde a 2,5% de incidência.

A partir disso, é possível perceber que a maioria das notícias da Editoria Internacional do Jornal Nacional não conta com um nível alto de aprofundamento dos fatos, visto que há maior ocorrência de notas, não de matérias. No telejornalismo, a matéria jornalística é o elemento que fornece o relato mais amplo dos acontecimentos, mostrando suas causas, correlações e repercussões (REZENDE, 2000, p. 157 apud BOAVENTURA, 2020, p. 59); já a nota coberta é lida pelo apresentador no estúdio e coberta por imagens; e a nota corrida, também conhecida como nota pelada, é lida pelo apresentador sem nenhum recurso de imagens para ilustrar o que está sendo dito; “o texto [das notas] deve ser curto, trazendo apenas as informações mais importantes do fato noticiado” (BOAVENTURA, 2020, p. 63).

Em relação ao **tempo de duração das notícias**, a cobertura internacional ocupa 20,89% do total de tempo das edições do Jornal Nacional no período. Assim, dos 288 minutos e 48 segundos do telejornal durante a semana, 60 minutos e 19 segundos são destinados à área internacional em média. Segundo Carolina Cimenti, correspondente internacional da Rede Globo que forneceu entrevista em profundidade para complementar a fundamentação desta pesquisa, é frustrante o pouco tempo do jornalismo internacional em veículos tradicionais como o JN, pois os assuntos não são simples e os repórteres querem transmitir eles de forma agradável e bonita, com infográficos e fontes que vivenciaram os fatos. “O tempo é o que, ao invés de eliminar a informação, a gente sempre vai eliminar o charme da maneira de narrar a história em geral” (CIMENTI, 2022). No entanto, a jornalista explica ainda que a delimitação do tempo é necessária, conforme é detalhado abaixo.

Eu entendo que tem que ter essa edição e que esse tempo limitante acaba me ajudando a colocar em ordem o que realmente precisa ser dito, sabe? Às vezes, eu gostaria que tivesse um pouquinho mais de flexibilidade, mas até tem... o Jornal Nacional é um bom jornal. Quando eles não estão lotados, eles entendem a importância daqueles 15 segundos a mais só pra poder botar um sobe som no fim e pra entrar uma última ‘informaçõzinha’.

Então, eu acho que é uma regra do jogo que é chata [o tempo limitado], mas que ajuda a deixar mais palatável o que a gente faz (CIMENTI, 2022).

Em concordância com Carolina Cimenti (2022), o jornalista internacional da Rede Globo Pedro Aquino Paiva, em entrevista para esta investigação, expõe que a limitação temporal das notícias internacionais, veiculadas em jornais brasileiros, está relacionada à noção de proximidade, isto é, aquilo que é mais importante para a população local, porque a cobertura internacional compete com notícias nacionais que têm mais impacto para a realidade do país. Entretanto, isso também vai variar de acordo com os principais acontecimentos que norteiam o mundo. Algo a ser justificado pelos critérios de noticiabilidade, que estarão relacionados aos efeitos de distanciamento adiante. Além disso, apesar do curto tempo para as notícias internacionais no JN, Pedro Aquino Paiva opina que isso não é algo que afete muito, sendo o tempo suficiente (PAIVA, 2022). Todavia, ao nortear a questão com os efeitos de distanciamento, nota-se que esses 20,89% de tempo de telejornal designado ao noticiário internacional podem contribuir para acentuar a falta de profundidade e humanização dos temas e, assim, ocasionar sentidos de distanciamento na audiência.

A gente tem um VT muito maior quando tem invasão do Congresso nos Estados Unidos, que não é qualquer coisa. Se tem um pacote econômico, ok... vamos falar, mas não merece tanto tempo quanto uma notícia, sei lá, sobre uma guerra do tráfico no Rio de Janeiro, que eu acho que importa muito mais pra quem tá do Brasil assistindo. E, assim, mesmo sendo menores, são VTs satisfatórios. Eu acho que é um tempo suficiente, acho que não é algo que afeta muito (PAIVA, 2022).

Outro aspecto que esta pesquisa propôs para caracterizar os efeitos de distanciamento é a ausência ou não de **imagens de apoio** para contextualizar e aproximar os telespectadores dos fatos. No caso do Jornal Nacional, a coleta de dados demonstrou que 35 das 40 notícias continham imagens de apoio, isto é, apenas 12,5% dos acontecimentos não utilizaram esse recurso. A importância dada às imagens é justificada pelo livro *Jornal Nacional: 50 anos de telejornalismo*, onde é narrado que as imagens são o coração das histórias na televisão: “a televisão encerra em si uma carga enorme de emoção. Um sorriso em plano fechado na televisão é uma gargalhada; um piscar de olho, um editorial, um libelo, dependendo das circunstâncias. Há silêncios que têm o peso de mil palavras” (MEMÓRIA

GLOBO, 2019, p. 38). Assim, a narrativa visual do JN busca contar histórias com imagens, sons e textos de forma complementar e significativa; as imagens não servem apenas para ilustrar as narrações (MEMÓRIA GLOBO, 2019, p. 390).

Contudo, este trabalho averiguou que das 35 notícias com imagens de apoio, 28 delas utilizavam materiais captados por agências de notícias, estimativamente. Esse é um dos pontos que pode gerar problema no Jornalismo Internacional, já que a imprensa latino-americana não tem acesso direto aos fatos que relata no geral, e as suas fontes acabam sendo agências devido ao baixo número de correspondentes no exterior. “Deste modo, o trabalho nas editorias que cobrem assuntos internacionais consiste basicamente na reciclagem da informação para convertê-la aos padrões de cada veículo”, o que dificulta, até mesmo, o procedimento de checagem de informações com fontes primárias e, ainda que tenham acesso direto a essas fontes, os jornalistas podem encontrar outra dificuldade relacionada ao controle de informações por parte de governos, especialmente em zonas de conflitos internacionais (STEINBERGER, 2003, p. 30 apud SOUTO, 2010, p. 87).

Como pode, então, cada jornal, individualmente, competir com tais empresas [agências] altamente especializadas? É difícil para os veículos de notícias gerais concorrerem com a velocidade e a quantidade do conteúdo produzido pelas agências transnacionais. Elas contam com centenas de profissionais por todo o mundo, enquanto os veículos de notícias sequer conseguem manter algumas dezenas de correspondentes. É assim que, aos poucos, o uso maciço dos serviços das agências parece estar diminuindo a necessidade da existência dos correspondentes estrangeiros (VIEIRA, 2015, p. 130).

Segundo o jornalista internacional Pedro Aquino Paiva (2022), o uso das agências de notícias, geralmente, serve para cobrir as matérias ou notas dos telejornais brasileiros: “se a gente não tem essas imagens, a gente teria que ter uma equipe gigantesca aqui de cinegrafistas cobrindo tudo, então ter isso tudo no banco é absolutamente fundamental se não, não seria possível em termos de orçamento fazer o negócio”. Antes, Pedro comenta que as equipes utilizavam também sonoras de agências para compor os conteúdos internacionais, mas notaram que isso era algo que não estava mais fazendo sentido, pois os mesmos entrevistados eram vistos em vários jornais de diferentes emissoras, já que as agências vendiam os seus materiais a uma gama diversa de atores.

Neste contexto, a correspondente Carolina Cimenti relata ainda que os profissionais da imprensa não têm saída quanto ao uso de agências de notícias para o noticiário internacional, porque há uma alta demanda de material para ser produzido e enviado todos os dias a diferentes jornais no Brasil, o que tornaria inviável fazer 100% das matérias. “Mas é óbvio que quando a produção é nossa [...], fica mais pro brasileiro [...]. Quando a gente pega uma sonora [de agência], corta e faz aquela colagem numa reportagem com outras informações, eventualmente afasta um pouco, né?” (CIMENTI, 2022), o que tende a fomentar os efeitos de distanciamento.

Quando a gente tá aqui fora, explicar, colocar a pauta e a informação dentro do contexto é tão importante quanto a pauta em si, porque a gente pode falar sobre a inflação nos Estados Unidos, mas o que que importa pro brasileiro a inflação nos Estados Unidos? Tem que explicar que aquilo está dentro de um contexto que vai importar pra política, que vai importar pra economia, depois pode acabar importando pra economia diretamente do Brasil, que os Estados Unidos é importador de produtos brasileiros e assim por diante. Então tem que ter sempre um contexto. Nesse sentido, às vezes, ter fontes que não são só especialistas e tal, mostrar um pouco o dia a dia mesmo eu acho que ajuda a fazer esse contexto, a falar das pessoas, do que elas estão fazendo, do cotidiano. Então eu acho que a gente tenta balancear um pouco assim (CIMENTI, 2022).

A falta de correspondentes no exterior também é algo a ser notado nas **passagens de repórteres**. Durante a coleta de dados desta pesquisa, viu-se que apenas 16 das 40 notícias contaram com passagens, isto pode ser traduzido também que seis em cada 10 notícias não utilizaram o recurso. Além disso, dos 16 conteúdos que usaram de passagens, oito contavam com repórteres em locais vinculados aos fatos noticiados na hora da passagem e outros oito não, o que pode conspirar a favor dos efeitos de distanciamento.

Nesta conjuntura, de modo complementar à passagem, estão ainda os **OFFs de repórteres**, onde 24 notícias não fizeram uso deles e outras 16 sim. As passagens e os OFF's são recursos comuns das matérias telejornalísticas, que exigem um nível de contextualização e aprofundamento maior. Então, todas as 16 matérias do Jornal Nacional no período contaram tanto com OFF quanto com passagens. No entanto, esse número é baixo comparado à totalidade de notícias internacionais do telejornal no período, ou seja, aos 40 conteúdos — isso corresponde a 40% do total de conteúdos internacionais no período de coleta.

Além disso, entre os efeitos de distanciamento, as **sonoras** compõem uma das principais áreas que podem gerar identificação com os telespectadores, podendo servir para humanizar a cobertura internacional e atenuar os sentidos de distanciamento, especialmente quando se tratam de pessoas comuns e não de fontes oficiais, como especialistas ou governantes. Na coleta dos dados desta pesquisa, notou-se que 26 notícias não utilizaram nenhum tipo de sonora e outras 14 sim, ou seja, 65% dos conteúdos internacionais não contaram com entrevistas.

Esse índice é ainda mais baixo se referenciado apenas aos relatos de pessoas comuns – e não de fontes oficiais –, no qual 90% do total dos conteúdos da amostra não contaram com o público diretamente afetado pelos fatos. Assim, apenas quatro dos 40 conteúdos internacionais produzidos pelo JN dispuseram de entrevistas com pessoas comuns. Os temas que contaram com essas sonoras mais humanizadas foram de assuntos diretamente relacionados ao Brasil, feitos diretamente em território nacional, como notado nas matérias de numeração 1.8, 2.5, 2.6 e 5.7. Dessa forma, as coberturas internacionais realizadas, de fato, fora do país não possuíram, em sua grande maioria, sonoras com pessoas comuns. Isso vai de encontro ao que é comentado na obra de Memória Globo (2019, p. 245), a qual cita que colher relatos de quem viveu diretamente os fatos é um dos elementos básicos do jornalismo que não sofreu tantas mudanças ao longo do tempo, norteados os trabalhos do JN.

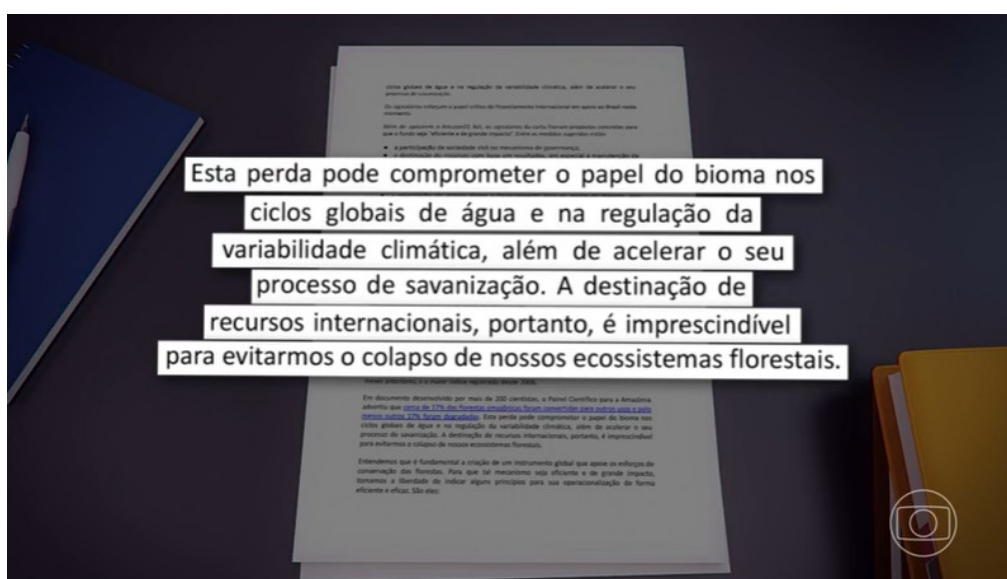
Ao ler os jornais, é fácil identificar o reflexo desses discursos institucionais na cobertura do noticiário internacional. No tratamento dos fatos as matérias refletem claramente essas fontes discursivas institucionalizadas. Há os interesses da política externa dos países envolvidos no fato, que se expressam através dos discursos da diplomacia; há os interesses econômicos, que se expressam através das autoridades governamentais da área; há opiniões supostamente independentes dos ‘observadores’ internacionais; e, na eventualidade de guerra, há avaliações da ordem estratégico-militar (STEINBERGER, 2003, p. 27 apud SOUTO, 2010, p. 88).

A incidência de temas acerca dos quais é possível estabelecer uma **relação com o Brasil** é outro elemento da proposição de efeitos de distanciamento. Neste sentido, a pesquisa averiguou que 27 notícias não tiveram relação com o país; e outras 13 sim. Destas últimas, quatro contaram com relação direta com o Brasil, sendo justamente as quatro citadas acima, que dispuseram de sonoras com pessoas comuns, brasileiras. Entretanto, essa questão, de certo modo, diverge do

que a correspondente internacional Carolina Cimenti (2022) detalha sobre a seleção de pautas no exterior: “importa mais o que vai ter alguma consequência pro brasileiro, isso eu acho que é o número 1”. Na prática, apenas 32,5% das notícias internacionais demonstraram, em algum elemento de sua textualidade, relação com o Brasil no período analisado por esta pesquisa. Isso pode ser justificado por diferentes fatores, incluindo os valores-notícia do que foi veiculado, algo que foi explorado adiante neste capítulo.

Outro ponto dos efeitos de distanciamento é a presença ou não de **artes, infográficos ou adaptações no cenário do telejornal** que auxiliem no procedimento de conexão com o público sobre os conteúdos abordados. Este trabalho notou que 33 das 40 notícias internacionais do Jornal Nacional fizeram uso de pelo menos um desses recursos visuais, isto é, 82,5% dos conteúdos contaram com esses componentes. Abaixo, estão alguns exemplos do que foi utilizado pelo JN para compôr as notícias, tendo em vista que esses elementos são úteis para evitar o distanciamento dos telespectadores daquilo que é exposto pelo telejornal, especialmente em temas complexos que contêm dados, documentos, entre outros. Defende-se que esse tipo de recurso pode produzir um efeito de imersão nas evidências documentais apuradas pela produção/reportagem, como ocorre, por exemplo, na Figura 5, em que se apresenta um fragmento de documento.

Figura 5 - Exemplo de arte no Jornal Nacional



Fonte: captura de tela do Globoplay.

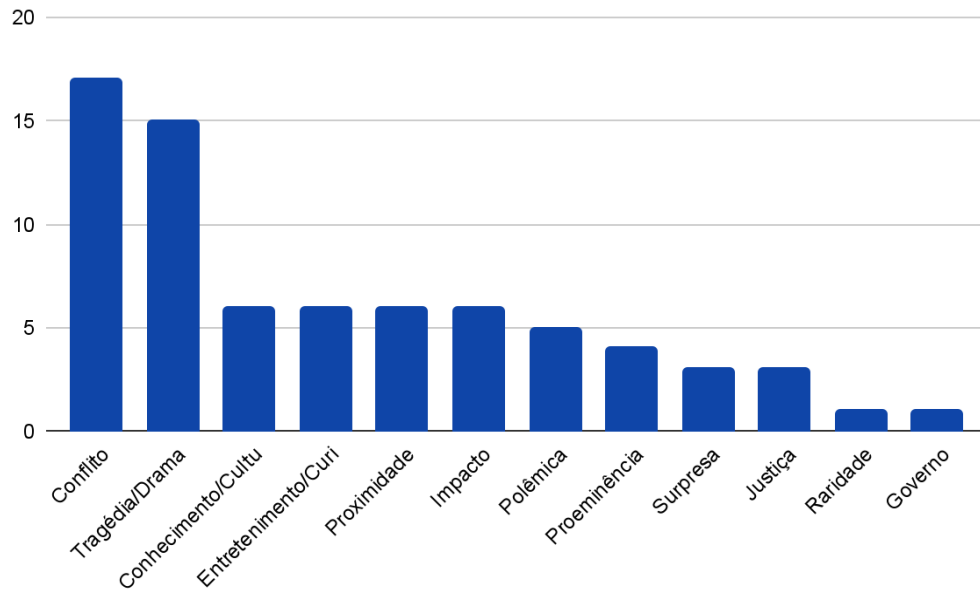
O fragmento é apresentado já traduzido e surge como um esforço, da reportagem e também da equipe de edição, em aproximar o telespectador de detalhes relevantes da compreensão do tema — neste caso, o acesso ao documento é parte importante dessa compreensão. A própria mobilização da equipe de arte do telejornal para a produção de peças gráficas que exigem tratamento de pós-produção pode ser lida como um indício da importância que o Jornal Nacional atribui ao tema.

6.1.2 Os efeitos de distanciamento e os valores-notícia

Após essa análise inicial de dados sobre como a cobertura internacional acontece no Jornal Nacional, ressalta-se que as notícias são produzidas por pessoas que operam um reservatório de repertórios, de significados culturais e de modelos discursivos dentro de um sistema cultural, frequentemente, de modo inconsciente (SCHUDSON, 1995, p. 14 apud FRANCISCATO, 2013, p. 13). Dessa forma, os critérios de noticiabilidade são uma parte fundamental neste processo de significação e na construção de sentidos. Os valores-notícia determinam a seleção dos acontecimentos e, ao mesmo tempo, a seleção de fatos noticiosos também determina os valores-notícia, ou seja, valores-notícia seriam causa e consequência da seleção (SILVA, 2005, p. 106). Pensando nessa importância, este trabalho buscou também analisar de que forma esses valores-notícia incidem na editoria internacional do maior telejornal do país, isto é, o que é considerado importante no mundo para o público brasileiro através do olhar de um telejornal de referência.

A partir da coleta de dados desta pesquisa, averiguou-se que, no noticiário internacional do Jornal Nacional, os assuntos mais recorrentes foram: Conflito, em 17 notícias; Tragédia/Drama, em 15; Conhecimento/Cultura, Entretenimento/Curiosidade, Proximidade e Impacto, seis cada; Polêmica, cinco; Proeminência, quatro; Surpresa e Justiça, três cada; Raridade e Governo, um cada; ressaltando que a maioria das notícias examinadas contém mais de um valor-notícia baseado na Tabela 1, proposta por Gislene Silva (2005). A maioria das notícias que contaram com a temática de Tragédia/Drama também estavam vinculadas ao Conflito, especialmente na disputa entre Rússia e Ucrânia, a qual tem ocupado parte relevante do noticiário internacional em 2022.

Gráfico 1 - Dados dos valores-notícia no Jornal Nacional



Fonte: elaboração própria.

A correspondente da Globo Carolina Cimenti (2022) relata, em entrevista que integra este trabalho, que a crise entre esses países demorou um pouco para emplacar de fato, principalmente no Jornal Nacional: “começou a se transformar numa coisa menos local pro Leste Europeu e mais internacional... talvez exista uma guerra que pode ter muitas consequências, é um país [Ucrânia] que faz fronteira com a Rússia e muitos países da União Europeia”. A jornalista complementa o assunto com o sentimento de frustração, pois, às vezes, ao notar o desenrolar de fatos como este, ela já lidava com o anseio de ter um espaço para explicar o assunto, no entanto “demora um pouco para quem decide achar que aquilo realmente importa para a Dona Maria”, um exemplo de personagem fictício que representaria o público brasileiro que assiste ao JN.

Até pra ser honesta, fiz matéria sobre isso [Rússia e Ucrânia] no meu plantão de ano novo pro Jornal Nacional, mas muito assim com um tempo curto, uma curiosidade: 'a Rússia tá com uns soldados lá em volta'. E, de duas semanas pra cá [14 de fevereiro de 2022], houve um interesse muito maior. 'A gente precisa falar sobre isso, a gente precisa explicar bem onde é a Ucrânia, o que tá acontecendo, o histórico da Ucrânia, o histórico da Rússia. A Rússia tem muito gás, a Europa depende desse gás' (CIMENTI, 2022).

Outra questão citada pela jornalista é que, ao morar no exterior, os jornalistas acabam sugerindo pautas locais, as quais, muitas vezes, não interessariam aos telespectadores brasileiros, como uma discussão de lei no Congresso Americano, por exemplo. Apesar disso talvez ser um fato de grande interesse, que possa ter consequências, não possui tanta importância se comparado a tudo o que é preciso passar como informação, no resto do mundo e no Brasil, para o(a) brasileiro(a). “Então, acaba não tendo muito espaço pra algumas coisas que seriam importantes, mas que não consegue botar tudo. Mas, às vezes, a gente consegue, né?” (CIMENTI, 2022).

Pedro Aquino Paiva (2022), jornalista internacional da Globo, explica ainda que deve haver mais reflexão sobre a escolha de pautas fora do Brasil, com a descentralização da produção internacional. “Não é só Estados Unidos também, porque, se a gente pega correspondentes que aparecem com muita frequência mesmo, é tudo Estados Unidos, Londres e Ilze Scamparini na Itália. Sei lá, não existe ninguém cobrindo África, sabe?”. Ao ser questionado dos possíveis motivos para isso ocorrer, o profissional acredita que seja uma junção de vários fatores, como a concentração dos pólos financeiros nos Estados Unidos e na Europa — com grande capacidade de impactarem o restante do mundo —; a herança colonial racista; entre outros. “Hoje, a gente tem mais enviado nos Estados Unidos do que na América Latina. E eu tenho certeza que o que acontece na Argentina ou no Chile impacta o Brasil tremendamente, e a gente tem uma cobertura fraquíssima sobre América Latina”, exemplifica.

Dessa forma, o panorama dos valores-notícia na editoria internacional do Jornal Nacional, exposto durante o tempo de análise desta pesquisa, demonstrou que os conteúdos têm focado em temas de Conflito e de Drama/Tragédia, utilizando, nesses casos, vários materiais advindos de agências de notícias, visto que o jornalismo de conflito é uma prática perigosa, da qual dificilmente a Rede Globo envia correspondentes a localidades afetadas, como o exemplo recente da Ucrânia. Unindo esses fatores, nota-se que essas notícias, quando não estão em formato de notas, colocam os repórteres em passagens distantes das zonas afetadas, quase sem a presença de personagens comuns para exemplificar os fatos, fazendo uso exacerbado de discursos oficiais de governantes ou de especialistas. Isso pode ser traduzido através dos efeitos de distanciamento, os quais geram sentidos que tendem a distanciar, assim, a audiência. Não só pela distância física do Brasil em

relação aos outros países, mas pela provável falta de conexão entre os telespectadores com aquilo que é relatado por meio da prática desses efeitos.

6.1.3 Os efeitos de distanciamento e o tom telejornalístico

Tendo em vista o que foi tratado até aqui, esta pesquisa irá analisar ainda um dos fatores eminentes que interferem nos efeitos de distanciamento: o tom telejornalístico ou combinatória tonal, dispositivo sintático-semântico que determina qual a forma que a narrativa de determinado programa de TV gostaria de ser reconhecida, baseando-se na relação entre a harmonização de subgênero, o tema da emissão, o público-alvo, o tipo de interação que se pretende manter com ele, entre outros (DUARTE; CURVELLO, 2009), assim como já foi explanado no Capítulo de Telejornalismo.

Figura 6 - Cenário padrão atual do Jornal Nacional



Fonte: Divulgação/Globo

Quanto ao cenário do JN, predominantemente azul, ele conta com uma bancada superior central, cercada por um cilindro de vidro, onde ficam os dois apresentadores com computadores discretos. A redação está logo atrás deles, e lá os demais membros da equipe trabalham em tempo real, até quando o jornal entra no ar, ao vivo. O processo de construção desse cenário foi detalhado no livro *Jornal*

Nacional: 50 anos de telejornalismo, seguindo as tendências tecnológicas: “queríamos palavras, imagens e objetos fluando em vários planos, envolvendo os apresentadores. [...] Nada do que precisávamos estava pronto, nas prateleiras. Cada item teve que ser customizado, adaptado ou mesmo criado para o projeto” (MEMÓRIA GLOBO, 2019, p. 358).

Figura 7 - Cenário adaptado do Jornal Nacional para retratar conflito entre Rússia e Ucrânia em 2022



Fonte: Divulgação/Globo

Desse modo, a partir da coleta de dados do Jornal Nacional, nota-se que, apesar do telejornal estar tentando aproximar mais os telespectadores nos últimos anos – priorizando textos redigidos com foco na linguagem oral, recursos visuais, interações e adaptações de cenário – (MEMÓRIA GLOBO, 2019, p. 47), os tons de seriedade, formalidade e neutralidade, por exemplo, continuam sendo fortemente reforçados nas falas, no próprio cenário e nas abordagens levadas pelo JN à sua audiência na cobertura internacional, o que pode corroborar com a produção de efeitos de distanciamento. Ressalta-se, no entanto, que essa combinatória tonal

parece se fazer necessária dentro do telejornalismo, a fim de promover elementos que gerem, indiretamente, maior credibilidade ao que é noticiado.

Acrescenta-se, assim, que o objetivo geral do trabalho de descrever e de analisar a categoria dos efeitos de distanciamento foi cumprido. Como dito neste capítulo, esses efeitos são um conjunto de práticas adotadas pelos telejornais que ocasionam sentidos que distanciam a audiência dos temas retratados pelo Jornalismo Internacional. Esses elementos são congregados pelo tipo de notícia, o seu tempo de duração e o seu nível de aperfeiçoamento; a presença ou não de imagens de apoio, de OFF's e de passagens de repórteres no local dos fatos noticiados; as sonoras com personagens comuns ou com fontes oficiais; a relação com o Brasil; e a inserção de artes ou alterações no cenário, por exemplo.

A partir disso, a análise dos dados notou que, dentro do noticiário internacional do Jornal Nacional, os efeitos estiveram presentes, em maior ou menor nível, 1) no tipo de notícia: 60% notas – sem aprofundamento dos fatos – e 40% matérias; 2) na sua duração: 20,29% do tempo das edições foi destinado ao jornalismo internacional; 3) nas imagens de apoio: aproximadamente 28 das 35 notícias que contavam com imagens de apoio utilizaram materiais de agências; 4) na passagem: 60% dos conteúdos não usaram o recurso; 5) no OFF: 60% dos conteúdos também não usaram o recurso; 6) na sonora: 65% das notícias não tiveram entrevistas e, das que tiveram, apenas quatro foram com pessoas comuns; 7) na relação com o Brasil: 67,5% das notícias não tinham relação com o país; 8) nas artes/cenário: 17,5% dos conteúdos não usaram esses recursos. O debate em torno desses dados culminou ainda no cumprimento do objetivo específico: discutir como a cobertura feita pelo Jornal Nacional contribui para os efeitos de distanciamento no Jornalismo Internacional.

Além disso, os outros dois objetivos específicos também foram alcançados. Em primeiro lugar, ao mostrar como os valores-notícia incidem sobre os efeitos de distanciamento na cobertura internacional, foi visto que o valor-notícia de conflito foi o mais presente, somando 17 conteúdos, o que incide nos efeitos de distanciamento, já que, majoritariamente, essas notícias não têm relação com o Brasil, não utilizam sonoras de pessoas comuns e não contam com passagens de repórteres em locais vinculados aos fatos noticiados, por exemplo. Em segundo lugar, ao identificar como o tom telejornalístico corrobora com os efeitos de distanciamento, as combinatórias tonais em torno da prática do JN seguem

reforçando os efeitos de distanciamento através da postura adotada pelo telejornal, como na sua linguagem formal, na disposição do cenário e nas abordagens dos conteúdos, isto é, no seu modo de fazer jornalismo internacional.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o que foi exposto e discutido até aqui, conclui-se que o objetivo geral do trabalho de descrever e de analisar a categoria dos efeitos de distanciamento foi cumprido, notando-os na cobertura internacional do Jornal Nacional durante o período de tempo averiguado. Como dito anteriormente, esses efeitos são caracterizados por um conjunto de práticas adotadas pelos telejornais, as quais ocasionam sentidos que tendem a distanciar a audiência dos temas retratados pelo Jornalismo Internacional. Propõe-se que alguns elementos podem ser observados para verificar a incidência de efeitos de distanciamento no noticiário telejornalístico: o gênero ou tipo de notícia; o seu tempo de duração; a presença ou não de imagens de apoio, de OFF's e de passagens de repórteres no local dos fatos noticiados; as sonoras com personagens comuns ou com fontes oficiais; a relação com o Brasil; e a inserção de artes ou alterações no cenário, segundo detalhamento na Tabela 4, no capítulo de análise de dados.

A partir disso, a análise averiguou que, dentro do noticiário internacional do Jornal Nacional, os efeitos estiveram presentes, em maior ou menor nível, em todos esses aspectos. O debate em torno dos dados coletados culminou ainda no cumprimento do objetivo específico: discutir como a cobertura feita pelo Jornal Nacional contribui para os efeitos de distanciamento no Jornalismo Internacional. Além disso, os outros dois objetivos específicos também foram alcançados. Em primeiro lugar, buscou-se mostrar como os valores-notícia incidem sobre os efeitos de distanciamento na cobertura internacional. Também era um objetivo do trabalho identificar como o tom telejornalístico corrobora com os efeitos de distanciamento. Dessa forma, a problemática da pesquisa também foi respondida, visto que há presença dos efeitos de distanciamento na cobertura internacional do Jornal Nacional no período estipulado, o que acaba ocasionando a banalização de temas complexos, com a falta de aprofundamento da maioria dos conteúdos e a ausência de aspectos que ajudem a humanizar as pautas.

Essas questões geram ainda consequências para a prática do jornalismo internacional pelos veículos de comunicação brasileiros, pois a disseminação desses conteúdos serviriam para complementar a percepção e o conhecimento de mundo dos telespectadores, o que seria ligado também a repercussões a nível nacional, e isso seria dificultado a partir das problemáticas expostas. Afinal, ao se manter bem

informada sobre o que acontece fora do país, a audiência poderia relacionar acontecimentos diversos ao contexto do Brasil, aprimorando o seu senso crítico e desenvolvendo repertório sobre temas variados.

A cobertura jornalística realizada em países como o Brasil se vê, então, diante das possibilidades trazidas pela revolução da informação e por este paradoxo que lhe é inerente. A pesquisa em Comunicação e áreas afins sobre este tipo de cobertura que traduz o mundo para o público brasileiro é importante para compreender a formação da opinião pública sobre eventos cuja repercussão e impactos há muito deixaram de estar circunscritos ao espaço territorial do Estado-nação. A análise do jornalismo internacional deve, então, levar em conta as peculiaridades deste campo e as condições de produção na notícia desta editoria em nossas redações (SOUTO, 2010, p. 87).

Esses esforços tiveram como premissa a percepção de que é possível, dentro dos limites de uma monografia de conclusão de graduação, a proposição de um modelo teórico-metodológico para a análise do telejornalismo internacional. A partir disso, novas pesquisas poderiam ser realizadas nesta área, como um estudo de percepção da audiência quanto aos efeitos de distanciamento, investigando de que modo tais elementos são testemunhados pelos telespectadores e as consequências disso para eles. Afinal, o intuito deste trabalho é facilitar as investigações dos efeitos de distanciamento nas editorias internacionais dos telejornais brasileiros, mostrar suas especificidades e gerar, assim, mais discussões sobre o assunto, o que, indiretamente, aprimoraria o modo de atuação do jornalismo internacional no país e geraria mais vínculos humanizados em torno dessas temáticas.

REFERÊNCIAS

AGNEZ, Luciane Fassarella. O jornalismo internacional entre mudanças e permanências. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, [S.L.], v. 12, n. 2, p. 314, 24 ago. 2015. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).
<http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2015v12n2p314>.

ALMEIDA, Francisco Antônio Oliveira de. **Jornalismo Internacional e as Notícias do Brasil**: práticas de produção de conteúdo, enquadramentos e valores-notícia. 2018. 364 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2018.

Bardin, Laurence. **Análise de conteúdo**. 1 ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOAVENTURA, Luís. Formatos clássicos de notícias utilizados nos telejornais do Brasil: o que dizem os manuais e o que mostra a prática do Jornal da Globo. In: SOUSA, Jorge Pedro (org.). **Jornalismo e Estudos Mediáticos**: memória III. Porto: Publicações Universidade Fernando Pessoa, 2020. p. 1-244. ISBN 978-989-643-160-0.

Carlomagno, M.; Rocha, L. Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. In: **Revista Eletrônica de Ciência Política**, Curitiba, v. 7, n. 1, p.173-188, 2016.

COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do Telejornalismo**: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012. 248 p.

DUARTE, E. B.; CURVELLO, V. Telejornais: quem dá o tom?. **E-Compós**, v. 11, n. 2, 26 jan. 2009.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de Codificação em Jornalismo**: redação, captação e edição no jornal diário. 5. ed. São Paulo: Ática, 2008. ISBN: 978 85 08 03799-5.

FRANCISCATO, Carlos E. As fronteiras do campo do jornalismo: uma análise a partir da notícia como objeto de estudo. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 22., Salvador, 2013. **Anais** [...]. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2013.

GLOBO, Memória. **Jornal Nacional**. 2022. Elaborado por Globo Comunicação e Participações S.A. Disponível em:
<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/>. Acesso em: 23 abr. 2022.

GLOBO, Rede. **Globoplay**. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/>. Acesso em: 5 mar. 2022.

GOMES, Itania Maria Mota. Modo de endereçamento no telejornalismo do horário nobre brasileiro: o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., Rio de Janeiro, 2005. **Anais**

[...]. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2005.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**: acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal. 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101794_informativo.pdf. Acesso em: 21 abr. 2022.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Loyola. Acesso em: 01 jun. 2022., 2005.

MARTINS, Simone Teixeira. A Construção da Notícia: sobre a influência da tv - e do telejornalismo - no Brasil. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 14., Rio de Janeiro, 2009. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2009.

MEMÓRIA GLOBO (org.). **Jornal Nacional**: 50 anos de telejornalismo. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019. 457 p.

MEMÓRIA GLOBO (org.). **Correspondentes**: bastidores, histórias e aventuras de jornalistas brasileiros pelo mundo. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2018. 532 p.

MORAES, Roque. Análise de Conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MOREIRA, Fabiane Barbosa. **Os valores-notícia no jornalismo impresso**: análise das características substantivas das notícias nos jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo. 2006. 157 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019. 127 p. ISBN: 978-85-7244-272-5.

REIS, Rodrigo Nascimento; REIS, Thays Assunção; FERREIRA, Virgínia Diniz. Proposta Metodológica: categorias para o estudo da interatividade. **Revista Científica de Comunicação Social do Centro Universitário de Belo Horizonte**, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 26-46, ago. 2016.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Correspondente Internacional**. São Paulo: Contexto, 2011. ISBN: 978-85-7244-640-2.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 95-107, jan. 2005. ISSN 1984-6924. Disponível em: <<https://antigo.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2091>>. Acesso em: 04 abr. 2021. Doi: <https://doi.org/10.5007/%x>.

SOUTO, Fhoutine Marie Reis. Desafios para a análise do jornalismo internacional. **Aurora. Revista de Arte, Mídia e Política**, São Paulo, v. 0, n. 7, p. 1-86, 2010.

Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/3906>. Acesso em: 4 maio 2021.

STEINER, Linda. Poderão as pessoas comuns cobrir conflitos?: o potencial das tecnologias dos novos media. **Mediapolis: Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público**, [S.L.], v. 1, n. 4, p. 101-133, 9 nov. 2017.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa; LEITE JUNIOR, Edson Francisco. As mudanças no dispositivo de visibilidade do telejornalismo durante a pandemia do novo coronavírus. In: OLIVEIRA, Hebe Maria Gonçalves de; GADINI, Sérgio (org.). **Jornalismo em tempos da pandemia do novo coronavírus**. Aveiro: Ria Editorial, 2020. p. 328-346.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**. Uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. 261 p.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005. 1 v.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005. 2 v.

VIANA, Bruno César Brito; LIMA, Maria Érica de Oliveira. Além das fronteiras: uma breve reflexão sobre a trajetória do jornalismo internacional. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 14., 2012, Recife. **Anais [...]**. Recife: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2012. p. 1-12.

VIEIRA, M. C. N. Correspondente Internacional: estudo sobre a atual conjuntura da profissão. **Revista Alterjor**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 123-134, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/aj12-a09>. Acesso em: 4 abr. 2021.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso**: Planejamento e Métodos. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZAMIN, A.; DAL MAGRO, J. DESERTOS DE INFORMAÇÃO NO JORNALISMO INTERNACIONAL BRASILEIRO. **Aturá - Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, v. 3, n. 2, p. 129-143, 14 maio 2019.

ZAMIN, Ângela Maria; SCHWAAB, Reges Toni. Relações entre lugar discursivo e efeitos de sentido no discurso jornalístico. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 33-41, jun. 2007.

APÊNDICE A – ENTREVISTA COM CAROLINA CIMENTI

ENTREVISTA COM CAROLINA CIMENTI, JORNALISTA INTERNACIONAL DA REDE GLOBO, REALIZADA EM 14 DE FEVEREIRO DE 2022 PELA PLATAFORMA ON-LINE ZOOM

SERRÃO: Você pode começar me falando um pouco sobre a sua carreira? Por que você escolheu ser uma correspondente internacional?

CIMENTI: Na verdade, eu acho que sempre é meio acidental assim, porque, claro, todo mundo que estuda jornalismo glamouriza muito o correspondente, porque mora fora, viaja, em geral tá em um lugar menos acessível pra população. Então tem toda uma glamourização assim. E meu pai era italiano, nascido na Itália, mas cresceu no Brasil. Os pais dele foram pro Brasil quando ele tinha 1 ano e pouco. E o meu pai morreu quando eu tinha 17 anos.

CIMENTI: Quando eu tava na faculdade, no fim da faculdade, teve um momento que eu tinha algum contato com a família do meu pai na Itália e eu me dei conta que eu ia perder o contato com essas pessoas, que eu nem falava italiano. Normalmente, quando eu ia pra lá e visitava eles, meu pai é que fazia mais assim o meio de campo, a tradução e tal. Ou com as pessoas mais jovens eu falava inglês.

CIMENTI: E aí eu decidi que seria bacana eu passar um tempo na Itália, me aproximar mais desses parentes e tal, foi isso que eu fiz e foi super legal. Só que eu me formei em jornalismo, tinha um emprego no Portal Terra em Porto Alegre, tinha carro, namorado. Tudo meio esquematizado já assim.

CIMENTI: Daí eu decidi fazer três meses de curso de italiano em Roma e eu acabei nem cursando, eu acho que eu fui uma semana no curso. Eu tinha uma amiga de infância morando em Roma na época, trabalhando numa produtora de TV e logo ela sugeriu que eu fosse lá pedir um 'freela', trabalhar lá também.

CIMENTI: E eu consegui um estágio não remunerado na rádio vaticana, não me lembro se eram três meses ou dois. E consegui um emprego pra organizar o arquivo de fitas, de imagens dessa produtora de TV.

CIMENTI: E aí eu larguei o curso e acabei ficando dois anos em Roma, quer dizer fiquei dois anos em Roma, aprendi italiano muito rapidamente. Depois eu mudei pra Bruxelas pra fazer um estágio no parlamento europeu. Depois eu mudei pra Londres, porque a minha ex-chefe de Roma casou com o meu então futuro chefe na CNBC, que é um canal americano de finanças, e aí ela me chamou pra trabalhar lá.

CIMENTI: Enfim, acabei ficando 12 anos fora do Brasil até voltar em 2013. Mas tudo começou meio acidentalmente pra fazer um curso de italiano e fui deixando a vida me levar.

CIMENTI: Eu trabalhei uns anos na Globonews no Rio, que eu voltei pro Brasil depois de 12 anos e achei que eu tava muito distante, que tava numa boa fase. Ia ter olimpíada, copa, um monte de coisa. Aí eu pensei, bom nem sei mais quem é celebridade quem não é, vou aproveitar e vou voltar e tal, meu casamento tava acabando.

CIMENTI: Eu voltei pro Brasil, fiquei três anos e de novo, por um pequeno acidente... dessa vez não foi acidente, foi um atentado terrorista.

CIMENTI: Eu tava em Paris passando uma semana de férias e aconteceram os atentados terroristas em Paris. Eu tava no estádio de futebol onde um dos terroristas se explodiu e acabei entrando no ar, e se transformou numa cobertura enorme de vários dias em Paris e depois em Bruxelas; enfim, aí ajudou...

CIMENTI: Eu tinha gostado muito de ter voltado pro Brasil, de estar trabalhando no Rio e tal, mas eu já tava lá há três anos e tava já com uma formiguinha assim querendo voltar pro exterior, porque sempre, logo que eu cheguei, eu me senti como se eu fosse uma gringa no Rio de Janeiro.

CIMENTI: Depois de um tempo eu comecei a me acostumar, e aí comecei a ver que aquela coisa do tiroteio eventual na linha amarela não é tão eventual. Comecei a ver mais a realidade assim.

CIMENTI: E aí aconteceu essa cobertura quando eu tava de férias e eu usei as línguas, eu aprendi francês depois que morei em Bruxelas, então eu usei muito francês. Voltei a trabalhar bastante em inglês, apurando. Tinha morado em Bruxelas, em Paris nunca morei, mas tinha viajado muito a Paris, então eu me senti muito em casa fazendo aquela cobertura.

CIMENTI: E aí, quando eu voltei, várias pessoas comentaram comigo: 'nossa você tem que voltar pro exterior, você é muito boa trabalhando e apurando como repórter no exterior'. E tavam abrindo uma vaga nos Estados Unidos e eu já tinha morado aqui também.

CIMENTI: Aí eu pensei que ia unir o útil ao agradável. Era uma fase que eu tava boa assim de pedir alguma coisa, um reconhecimento, tava abrindo essa vaga e eu pensei: 'olha talvez realmente eu seja mais correspondente do que eu imaginava'. Pedi pra me mandarem e me mandaram.

CIMENTI: Então, eu acho que é muito difícil assim planejar uma carreira como correspondente internacional, mas pra mim foi acontecendo e eu me sinto muito confortável estando longe do Brasil, estando longe de casa, convivendo com a saudade.

SERRÃO: Legal, Carolina. Bem diferente assim, que experiências... parece que realmente tinha que ser, porque logo que você estava em Paris aconteceu o atentado, né? Há quanto tempo que você trabalha na Globo?

CIMENTI: Desde 2013 quando eu voltei pro Brasil.

SERRÃO: E você já atua como correspondente já há 12 anos antes disso, é isso?

CIMENTI: Antes disso, eu tava morando fora há 12 anos, não como correspondente. Eu, no início, estava fazendo estágio na rádio vaticana e fazendo estágio, nos primeiros dois anos, nessa produtora de TV, que é uma produtora de TV de um americano em Roma. Então por isso era mais fácil, eu trabalhava em inglês e eu tinha mais familiaridade com inglês do que com italiano na época. Hoje, eu acho que é parecido assim.

CIMENTI: Mas, aí depois, quando eu voltei pra Bruxelas, eu fiz estágio de seis meses no parlamento europeu. Depois, eu fiquei freelando lá pra veículos brasileiros, pra vários veículos brasileiros. O Brasil tinha muita revista na época, que fecharam, das quais eu trabalhava. Escrevia pras revistas, depois comecei a fazer correspondência pra BBC Brasil em Bruxelas.

CIMENTI: E aí foi quando a minha chefe me chamou pra trabalhar na CNBC em Londres, aí foi uma experiência interessante, porque eu não tinha experiência em televisão. Então, em - deixa eu lembrar - 2001, eu fui pra Roma; em 2003, eu fui pra Bruxelas; em 2005, eu comecei a trabalhar pra CNBC como assistente de produção, eu era *booker*, então não era correspondente, né?

CIMENTI: Eu fazia o básico do básico do básico da produção, que era agendar os entrevistados, pré-entrevistar os entrevistados, dar ideia de pauta e também assim marcar o táxi que ia buscar eles ou marcar o satélite, se a entrevista fosse ser em outro país, esse tipo de coisa, agendar o cinegrafista pra ir a algum lugar, bem super básico. Só que eu comecei a me destacar, porque eu conseguia agendar entrevistas muito [difíceis]... que eu não sei se eles tentavam antes e não conseguiam ou se ninguém tentava com muita veemência assim e eu comecei a ir muito bem.

CIMENTI: E o meu primeiro marido, que eu namorava na época, ele morava em Bruxelas. Era italiano, mas morava em Bruxelas. Então, eu tava morando em Londres fazendo esse trabalho de produção e ele em Bruxelas, e a gente se encontrava nos finais de semana. Mas eu tava tentando achar um jeito de voltar pra Bruxelas, porque ele tinha um emprego mais estável, tinha um salário mais alto, enfim... história da vida das mulheres, né? Ter que se adaptar a vida do homem.

CIMENTI: Mas aí o que aconteceu foi que ele me pediu em casamento e, logo depois, o cara que era correspondente da CNBC em Bruxelas, que era um holandês, foi demitido. Aí eu pedi pros meus chefes, assim, 'olha esse trabalho que eu tô fazendo de produção aqui eu posso fazer lá, no escritório de lá e mais, eu posso...' nunca imaginei entrar no ar, né? Eu falei pra eles 'e além disso eu poderia gravar entrevistas, colocar entrevistados na frente da câmera, fazer coisas, assim, que vocês pudessem usar as sonoras que eu gravasse.

CIMENTI: No início, eles nem cogitaram, mas aí uma semana depois eles falaram 'é, realmente, tu tem casa lá, fala a língua, tu tem fontes, então tá'. E aí decidiram me mandar por um mês pra uma experiência, acabei ficando dois, três, quando a gente viu eu encerraram o meu contrato em Londres, me contrataram em Bruxelas e eu fui ficando.

CIMENTI: Só que aí veio a crise - de novo a sorte das oportunidades - de 2007, 2008 quando o primeiro banco quebrou, que foi o *Bernstein 's*, antes do *Lehman Brothers*. No dia que o *Bernstein's* quebrou - era um canal de finanças a CNBC, é um canal de finanças -, eu tava com um cinegrafista numa reunião de ministros das finanças europeus. Eles se reúnem uma vez por mês, normalmente em Bruxelas, e calhou de ser naquele dia, eu tava lá dentro. Logo depois das reuniões deles, todos eles dão coletiva, se cruzam no corredor, falam com a imprensa e tal. Então eu tava muito no lugar certo.

CIMENTI: E aí eles [CNBC], me ligaram e falaram 'Carolina, *Bernstein 's* acabou de cair'. Começou a chegar assim no telefone, ainda eram telefones não tão avançados, mas eu tinha um blackberry e em algum momento eu percebi que tava rolando alguma coisa. E aí eles me falaram 'entrevista todos que você puder, pergunta sobre isso, sobre a saúde do sistema financeiro mundial'.

CIMENTI: E eu já vinha, há alguns meses, por insistência da minha chefe, fazendo testes pra entrar no ar, porque ela dizia que eu era muito apaixonada, vendia a pauta muito bem, vendia muito de União Europeia, então ela achava que eu ia ser uma boa repórter. E eu fazia muito timidamente, porque inglês não é a minha primeira língua e eu achava 'essa mulher tá louca, isso nunca vai acontecer', mas sei lá,

vamo fazer, vamo ver. Cada vez que eu fazia e me assistia, eu me achava o fim da picada.

CIMENTI: E aí, nesse dia, eles me ligaram e disseram ‘olha você conseguiu entrevista com alguém?’, eu falei ‘consegui, sete entrevistas, sete ministros e tal, tô mandando pra vocês’, e eles disseram ‘tá bom, você manda pra gente, a gente vai cortar umas partes e depois você vai entrar no ar pra falar’. Aí eu fiquei ‘como assim?’, aí eles ‘é, pra aprender a nadar tem que se jogar na água se não, não aprende a nadar, e hoje é o dia que você vai pular na água’. Aí eu entrei no ar chamando as minhas entrevistas e tal, e aí nunca mais saí do ar. Então ali sim eu me transformei em correspondente internacional. E aí eu fiquei cinco anos trabalhando com eles. Depois, voltei pra Londres, continuei trabalhando ainda com a parte de produção também e já não lembro mais qual era a tua pergunta, porque que eu tô falando tanto.

SERRÃO: Era basicamente isso, você respondeu. E como que funciona essa rotina de produção no exterior? Vocês têm um pouco mais de dificuldade de encontrar fontes? Eu acredito que pra você tem sido um pouco mais fácil, porque você já tava... foi um caminho, uma construção ali. Não chegou de paraquedas, talvez, né? Mas como que você vê essa rotina? Tem alguma diferença em relação aqui ao Brasil? É mais complicado?

CIMENTI: No Brasil, a gente tem uma estrutura muito grande de produção e tudo, pauteiro, etc. Aqui é tudo mais enxuto, então todo mundo tem que produzir, todo mundo tem que dar ideia de pauta. No Brasil, se o repórter é meio passivo, todo dia que ele chega na redação alguém já pensou numa pauta, alguém já imprimiu uma folha de produção e aí a pessoa vai ser informada, onde ela vai, qual é a pauta, com quem que ela vai falar.

CIMENTI: Aí claro, quando a gente tá na rua, a gente vai apurando, conhecendo mais da história e das pessoas, colocando um pouco nosso naquela produção. Mas já há uma pré-produção.

CIMENTI: Aqui muitas vezes existem produtores, claro, mas são assim três produtores pra um monte de pauta, um monte de repórter, um monte de jornal. É diferente. Então a gente tem que ser muito mais assim de botar a mão na massa mesmo pra todo tipo de coisa, inclusive procurar a fonte. Eu acho isso bom, porque se não o trabalho acaba ficando meio que faltando essa parte assim, sabe? Quando já tá tudo mastigado... só entra no carro, vai, faz a pauta, escreve e volta.

CIMENTI: No Brasil, a gente tem uma grande vantagem: todo mundo sabe o que é a Globo, todo mundo sabe o que é o Jornal Nacional. Pode gostar ou não gostar, pode falar globolixo ou pode gostar e ficar feliz de dar entrevista, mas é um desafio a menos.

CIMENTI: Aqui é super complicado, porque a gente tem a ambição de ter o mesmo tipo de abertura, o mesmo tipo de alcance que a gente tem no Brasil, só que não tem. Algumas pessoas já ouviram falar da Globo, algumas pessoas dão bola pra dar entrevista pro público brasileiro, mas muita gente é assim 'ah, tô ocupada demais pra dar uma entrevista agora de 20 minutos pra um público que, sei lá, nunca nem fui pro Brasil, não tenho interesse nenhum'. Então às vezes exige mais trabalho de convencimento da fonte.

CIMENTI: Porém, eu acho que também tem outra coisa, quando a gente tá aqui fora, explicar, colocar a pauta e a informação dentro do contexto é tão importante quanto a pauta em si, porque a gente pode falar sobre a inflação nos Estados Unidos, mas o que que importa pro brasileiro a inflação nos Estados Unidos? Tem que explicar que aquilo tá dentro de um contexto que vai importar pra política, que vai importar pra economia, depois pode acabar importando pra economia diretamente do Brasil, que os Estados Unidos é importador de produtos brasileiros e assim por diante. Então tem que ter sempre um contexto. Nesse sentido, às vezes, ter fontes que não são só especialistas e tal, mostrar um pouco o dia a dia mesmo eu acho que ajuda a fazer esse contexto, a falar das pessoas, do que elas tão fazendo, do cotidiano. Então eu acho que a gente tenta balancear um pouco assim. A gente tava falando, né? A dificuldade de aproximar a pessoa das pautas.

CIMENTI: Nesse sentido, eu acho que usar a agência [de notícias]... a gente não tem saída, a gente não consegue. O número de matérias que a gente tem que produzir todos os dias pra tantos jornais, não tem como a gente produzir 100% todas as matérias que a gente faz. Mas é óbvio que quando a produção é nossa, a entrevista foi feita pela gente e tal, fica mais pro brasileiro, pra nossa audiência. Quando a gente pega uma sonora, corta e faz aquela colagem numa reportagem com outras informações, eventualmente afasta um pouco, né?

CIMENTI: Mas são trabalhos parecidos. Eu só acho que aqui tem esse esforço maior de explicar quem somos, o porquê queremos falar, aí às vezes o entrevistado fica desconfiado e pergunta 'tá, mas vocês são a favor do Trump? O canal de vocês é a favor do Bolsonaro?', então tenta entender onde, nessa polarização de hoje, a TV Globo se encontra, onde a gente se encontra. E aí tem essa complicação a mais.

CIMENTI: Por outro lado, o Brasil é um país muito simpático pras pessoas, né? Então eu imagino que deve ser mais difícil a vida do jornalista de um país menor, sei lá lituano, que daí realmente a pessoa fica 'tá bom, até falo, mas pra que que eu vou gastar meu tempo pra falar pra um lituano, sabe?'. Então eu acho que o Brasil nesse sentido nos ajuda um pouco, mas é diferente.

SERRÃO: Entendi, imaginei que fosse assim mesmo, mas é bom escutar assim a sua experiência. Como que se dá a escolha de pautas no estrangeiro? Quais os critérios de noticiabilidade vocês geralmente utilizam? Porque vocês estão fazendo uma matéria de fora aqui pro público brasileiro, como vocês escolhem?

CIMENTI: Eu acho que tem, principalmente em momentos assim mais cheios de notícias e breaking news que é a pandemia, importa mais o que vai ter alguma consequência pro brasileiro. Isso eu acho que é o número 1, né? Claro que a gente quer dar todas as informações, a gente quer falar, sei lá, do genocídio de algum país, de alguma coisa que esteja acontecendo... e isso é muito importante, mas se tiver algum brasileiro ali no meio é óbvio que isso vai ter um impacto, uma importância maior. Então tem esse número 1 assim, o brasileiro tá interessado nisso.

CIMENTI: Tudo que era questão, por exemplo, de bloqueio de viagem, ter que tomar vacina pra entrar, tem que fazer teste não sei quando... isso tem muito interesse, porque todos os dias têm centenas, milhares de brasileiros vindo pra cá ou querendo voltar daqui pra casa, etc.

CIMENTI: Então, né? O fato número 1 é a importância do que acontece pro brasileiro e depois 2: tem um conflito, que a gente... eu, por exemplo, tô morando aqui desde 2016, então eu já tenho uma vida aqui. Tive uma filha aqui que vai pra escola, amigos locais, tenho vizinhos, etc.

CIMENTI: Então, às vezes, a gente quer dar atenção pra uma coisa que quando vende a pauta, na reunião de pautas, dizem 'não, isso é muito local, isso aí é pro RJTV de Nova York, não é pra gente', o que às vezes é, sei lá, uma coisa do congresso americano passando uma lei ou discutindo uma lei ou a Suprema Corte discutindo proibir o aborto.

CIMENTI: Apesar de ser uma coisa de grande interesse e que possa ter consequências fica muito pequeno perto de tudo que é preciso passar como informação no resto do mundo e no Brasil pro brasileiro. Então acaba não tendo muito espaço pra algumas coisas que seriam importantes, mas que não consegue botar tudo. Mas, às vezes, a gente consegue, né?

CIMENTI: A própria crise agora Rússia e Ucrânia demorou um pouco pra emplacar assim realmente no Jornal Nacional, principalmente. Entrou mais na Globonews no início, eu me lembro que falei bastante sobre isso no Globonews Internacional com o Guga e com o Lins no meu plantão de ano novo, então tem bastante tempo já.

CIMENTI: Até pra ser honesta, fiz matéria sobre isso no meu plantão de ano novo pro Jornal Nacional, mas muito assim um tempo curto, uma curiosidade 'é a Rússia tá com uns soldados lá em volta' e, de duas semanas pra cá, houve um interesse muito maior. 'A gente precisa falar sobre isso, a gente precisa explicar bem onde é a Ucrânia, o que tá acontecendo, o histórico da Ucrânia, o histórico da Rússia. A Rússia tem muito gás, a Europa depende desse gás'.

CIMENTI: Começou a se transformar numa coisa menos local pro Leste Europeu e mais internacional, talvez exista uma guerra que pode ter muitas consequências, é um país que faz fronteira com Rússia e muitos países da União Europeia, assim por diante.

CIMENTI: Então às vezes é meio frustrante, a gente já tá vendo a coisa acontecer, já quer ter um espaço grande, etc e demora um pouco pra quem decide achar que aquilo realmente importa pra Dona Maria. Mas, em geral, acaba tendo esse momento eureka assim: 'ah não pera aí, isso realmente importa'. E aí é bom que a gente já tava correndo atrás da bola, já tava se informando, já tava fazendo alguma coisa em relação ao assunto.

SERRÃO: Você cita também essa questão do tempo, né? Eu acredito que pra jornais como o Jornal Nacional, que tem um tempo estabelecido ali que demanda uma certa quantidade de matérias, isso interfira. Como que isso afeta a elaboração dessas pautas? Como que você vê essa relação do tempo com a construção das matérias no jornalismo internacional?

CIMENTI: Com certeza, é a coisa mais frustrante que tem, porque às vezes sei lá a gente tem 1'30", 1'45" ou 2' pra explicar uma coisa. Nada é simples, e a gente não quer explicar assim que nem professor dando aula, a gente sempre quer colocar de uma forma agradável, bonita, que tenha um gráfico, que tenha alguém ajudando a explicar, que tenha alguém que passou por aquilo, né? Tal personagem, que não é um personagem, é uma pessoa.

CIMENTI: Então o tempo é o que em invés de eliminar a informação, a gente sempre vai eliminar o charme da maneira de narrar a história em geral. O tempo limita muito nisso. Mas também eu acho que, se não houvesse a limitação do tempo, tem muita chance das coisas ficarem muito chatas, porque é como um chefe meu fala 'a vida sem edição é chata, né?'. Você pegar o BBB editado faz rir, chorar, é incrível, deixa bravo... mas pegar o BBB e ficar assistindo o dia inteiro aquelas câmeras não editadas, nossa é de cortar os pulsos, é muito chato a vida não editada. E eu acho que é a mesma coisa pro jornalismo.

CIMENTI: Claro que o repórter nunca quer que mexam na matéria, escreveu acha que tá genial, aí chega lá o editor 'não entendi essa frase, acho que isso aqui não precisa falar, isso aqui tá ocupando muito tempo'. Aí uma frase que o repórter já imaginou que ia ler assim 'a Ucrânia blabla', o cara chega e fala 'isso aqui já tá na cabeça e blablabla'. E aí de repente a frase se transformou 'a Ucrânia blabla', sabe assim perdeu a poesia, um recorte um pouco mais fotográfico, sei lá.

CIMENTI: Mas eu acho que, se não fosse assim, ia ser muito chato o Jornal Nacional. Eu acho que, quando tem coisa demais de Brasília, fica aqueles VTs de 6, 8 minutos falando dos escândalos ou de alguma coisa que alguém falou, e aí toda a polêmica em torno, um monte de gente falando do que aquela pessoa falou, eu acho que às vezes fica chato demais.

CIMENTI: Então eu entendo que tem que ter essa edição e que esse tempo limitante acaba me ajudando a colocar em ordem o que realmente precisa ser dito, sabe? Às vezes eu gostaria que tivesse um pouquinho mais de flexibilidade, mas até tem. O Jornal Nacional é um bom jornal. Quando eles não são tão lotados, eles entendem a importância daqueles 15 segundos a mais só pra poder botar um sobe som no fim e pra entrar uma última informaçõzinha. Então eu acho que é uma regra do jogo que é chata, mas que ajuda a deixar mais palatável o que a gente faz.

SERRÃO: Sim, com certeza. Eu não tinha parado pra pensar por esse lado também. Basicamente são essas as perguntas, tinham algumas outras questões sobre agências de notícias que você já falou anteriormente. Eu não sei se tem algo que eu não perguntei que você ache que é importante destacar sobre esse trabalho como correspondente no exterior.

CIMENTI: Eu às vezes tenho a impressão que... eu vejo muito valor, por exemplo, no Jorge Pontual, que tá aqui há, sei lá, 30 anos, é óbvio que tem muito valor ele tá aqui tanto tempo. Ele tem uma vivência de todos os tipos de coisa da vida desde que ele chegou, que pouca gente na nossa redação tem. Isso traz um valor muito grande pra o que ele faz, etc. Mas às vezes eu acho que o correspondente que fica tempo demais longe perde também um pouco do contato com o público, a audiência,

o que as pessoas tão vivendo e sofrendo. Por mais que a gente vá várias vezes por ano no Brasil pra ver a família, pra ver os colegas, pra isso e pra aquilo é diferente.

CIMENTI: Eu nunca vou esquecer a primeira vez que eu voltei pro Brasil pra visitar várias redações pensando em voltar e alguém me falou 'não, mas você não tem noção do que foi o mensalão' e eu comecei a falar 'não, claro que eu tenho, eu acompanhei, via todos os dias os jornais', aí 'não não, você não tava aqui pra entender o tamanho da revolta das pessoas, o que que aquilo significou'. De fato, eu não tava. Eu tava vivendo a crise de 2007 e 2008 em Bruxelas e Londres, vendo o mundo desmoronar enquanto o Brasil não tava nem perto de ter crise. Foi ter bem depois.

CIMENTI: Então assim essas duas coisas me conflitavam muito, porque eu vejo muito valor em tá aqui e ficar mais íntima dessa realidade, dessa língua, dessas pessoas pra contar essa história, mas ao mesmo tempo eu acho que o correspondente arrisca meio que falar sozinho quando ele vai perdendo um pouco o contato com a sua audiência. E não tem como não perder contato não estando no Brasil.

CIMENTI: Então é um trabalho complicado, porque a gente tem que fazer jornalismo pra nossa audiência e a gente tem que consumir muito jornalismo do Brasil pra continuar sendo um brasileiro quase como se tivesse vivendo no Brasil, com as suas aflições e as suas angústias, porque aqui são outras. Por mais que às vezes sejam parecidas, são outras.

CIMENTI: Então eu acho que esse é o maior desafio, essa é a questão mais complicada. Quando eu não tinha filha e não tava casada, era uma delícia porque eu acordava lia o Estadão, lia a Folha, lia O Globo e aí depois lia New York Times e Washington Post... era maravilhoso, chegava na redação super bem informada. Ainda tomava café da manhã vendo um jornal da TV americana, tava sempre super ligada.

CIMENTI: Mas quando a vida também acontece, tem outras pessoas também dependentes e quer viver a vida que não é só trabalhar, fica muito difícil continuar nesse contato diário com o que tá acontecendo no Brasil um pouco além do que só

mostra o Jornal Nacional, né? Então pra mim esse é um desafio assim que ao mesmo tempo eu acho maravilhoso, porque eu sou nerd de notícia, adoro tá ouvindo podcast, vendo jornal, lendo... mas por outro lado é angustiante porque tá sempre faltando alguma coisa. Sempre mal informada em alguma coisa. Então eu acho que essa é uma angústia que eu acho que vive com o correspondente.

APÊNDICE B – ENTREVISTA COM PEDRO AQUINO PAIVA

ENTREVISTA COM PEDRO AQUINO PAIVA, JORNALISTA INTERNACIONAL DA REDE GLOBO, REALIZADA EM 28 DE JANEIRO DE 2022 PELA PLATAFORMA ON-LINE ZOOM

SERRÃO: Você pode começar me falando um pouco sobre a sua carreira? Por que você escolheu ser um correspondente internacional?

PAIVA: Eu sempre gostei muito de acompanhar os Estados Unidos, principalmente política americana. Não sou uma pessoa apaixonada pelos Estados Unidos, não é essa minha questão, mas eu acho que tudo que acontece nos Estados Unidos tem um efeito, um impacto muito grande no resto do mundo. Eu sempre gostei de política americana, então, no ano retrasado, eu criei um perfil no instagram pra explicar um pouco, desmistificar um pouco o processo eleitoral americano, que, sim, é uma bagunça, uma zona. Muito diferente do nosso pelo menos. Na minha avaliação, pior... mas enfim, tentando traduzir aquilo pro Brasil.

PAIVA: De quatro em quatro anos, existe esse interesse do mundo inteiro de entender o que está acontecendo nas eleições dos Estados Unidos, mas eu acho que 2020 foi um pouco diferente por ser uma eleição que era uma disputa Donald Trump vs. qualquer coisa. E ainda mais pro Brasil, que existe obviamente aí uma comparação muito semelhante com o que a gente vive no Brasil, todo mundo querendo saber se Donald Trump iria conseguir se reeleger ou não, porque isso de certa forma também impacta na reeleição do Bolsonaro.

PAIVA: Eu criei esse perfil pra falar sobre política americana, esse negócio foi crescendo e, por conta desse perfil, eu fui chamado pra ser produtor de um jornal da Globo Internacional, que, na verdade, ele tem uma diferença sobre o correspondente tradicional, porque ele é um programa da Globo feito para brasileiros que moram fora do Brasil. Então não é reportar notícias dos Estados Unidos pra fora, mas é reportar notícias dos Estados Unidos pra dentro, pros brasileiros que moram aqui, só que muitas vezes não têm acesso à mídia tradicional americana, porque muitos dos brasileiros que moram nos Estados Unidos nem falam inglês. Então é uma forma de

passar essa notícia local pros brasileiros que moram aqui. E lá trabalhei como produtor e também algumas vezes como repórter, fazendo uma matérinha ou outra e um quadro chamado Top 5 que eu faço, mas basicamente isso. Nosso jornal atualmente está suspenso, a gente não sabe se ele vai continuar existindo, mas tamo aí nessa torcida.

SERRÃO: Você já chegou a fazer matérias para a mídia tradicional aqui do Brasil ou é realmente voltado ao Globonews?

PAIVA: Não, pro Brasil nunca. Durante a faculdade eu fiz um milhão de estágios, nenhum deles era em jornalismo. Difícil conseguir um estágio em jornalismo. Então, a minha primeira experiência trabalhando, de fato, com jornalismo foi o America News. Sempre trabalhei falando dos Estados Unidos pros Estados Unidos. Mas inclusive eu trabalhava antes, do Brasil, fazendo isso, eu tava no Brasil pegando coisas dos Estados Unidos pra falar com gente dos Estados Unidos. Então era engraçado, agora eu estou aqui, é um pouco mais fácil.

SERRÃO: Legal, bem legal mesmo. Diferente, você tá abrangendo um nicho que às vezes não é tão comum. Há quanto tempo você trabalha na Globo?

PAIVA: Sim, eu comecei em dezembro de 2020.

SERRÃO: Foi o mesmo período que você começou a ser correspondente então, né?

PAIVA: Sim.

SERRÃO: Certo, você começou essa sua carreira de correspondente já nos Estados Unidos ou você já passou por alguns outros países?

PAIVA: Não, eu comecei estando no Brasil, falando de Estados Unidos no Brasil, porque a pandemia permitia isso, né? Você filma em casa, então a sua casa pode ser em qualquer lugar. Eu não mentia que eu estava nos Estados Unidos, mas também a gente nunca dizia que eu não estava. Mas obviamente agora, com o passar da pandemia, se tornou importante tá aqui.

SERRÃO: Você fica mais em Washington ou você cobre os Estados Unidos por completo? Tem alguma zona específica?

PAIVA: Fico em Nova York, é, enfim, centro de tudo, é perto de DC. É Nova York, que é onde quase todo mundo fica.

SERRÃO: Certo, como que funciona essa sua rotina de produção no exterior? Quais as principais diferenças em relação ao Brasil? É mais complicado fazer entrevistas aí? O que você vê disso? Como vocês trabalham no dia a dia?

PAIVA: Então, eu não tive experiência no Brasil fazendo um trabalho semelhante, mas eu acredito que aqui seja bem mais difícil por um fator. Se você é um produtor da Globo no Brasil, você liga pra qualquer lugar e fala 'oi, é da Globo, queremos fazer uma entrevista'. Todo mundo quer dar entrevista pra Globo. Aqui, toda pessoa que a gente pensa em falar 'ai vamo conversar' - a gente já tentou várias vezes Alexandria Ocasio, a gente já tentou várias vezes, enfim, figuras importantes da política - é sempre uma tarefa exaustiva de explicar o que é a Globo, que canal é esse, porquê que ele é importante. Precisamos mostrar 'olha gente, números, é o maior canal de TV da América Latina, um dos cinco maiores do mundo, é relevante', porque ninguém sabe o que é, e ninguém mesmo.

PAIVA: Então, não importa o quão grande seja a grande mídia que você trabalha, ninguém sabe o que é Folha de São Paulo, ninguém sabe o que é Estadão, ninguém sabe o que é Globo, ninguém sabe o que é nada. Então, é muito mais difícil você convencer as pessoas, principalmente essas figuras importantes, essas figuras grandes. Outras até é um pouquinho mais fácil, mas é isso. É uma situação engraçada, porque, ao mesmo tempo que você trabalha para uma grande mídia, é como se você tivesse trabalhando para uma mídia independente, porque não é CNN, não é NBC, não é EBC, não é nada que as pessoas conheçam de fato. E não é nem também um canal internacional que, de fato, as pessoas conhecem, não é uma BBC, não é uma Al Jazeera. De fato, as mídias brasileiras não chegam aqui.

SERRÃO: Dada essa dificuldade, como vocês fazem? Vocês procuram material de

agências de notícia aí ou não, vocês realmente produzem o próprio conteúdo?

PAIVA: Utilizamos agências de notícias, mas num lugar de ‘vamos ter ideia, vamos pensar a pauta’, mas é tudo produzido aqui. O nosso jornal, por exemplo, tem uma série de repórteres que trabalham só pra esse jornal, trabalhavam, porque ele mudou um pouquinho de formato agora. Mas é isso, todo mundo produzia do seu local. A gente usa as agências principalmente pra material pra cobrir.

PAIVA: A gente usa vídeos das agências, tanto NBC quanto da Reuters, que a gente usa bastante também pra cobrir. A gente, por exemplo, há um tempo atrás, pegava entrevistados de agências, mas a gente percebeu que não fazia muito sentido, porque eram uns entrevistados que, às vezes, a pessoa [telespectador] vê essa mesma pessoa falando na NBC, falando na CNN, então a gente passou a utilizar só entrevistados brasileiros ou portugueses também, entrevistados em língua portuguesa no geral.

PAIVA: Se a gente vai falar sobre furacão na Flórida, a gente vai achar algum brasileiro que estuda meteorologia nos Estados Unidos pra falar sobre isso, pra também dar voz à comunidade.

SERRÃO: Entendi, então não necessariamente essa fonte precisaria estar residindo nos Estados Unidos, né? No caso, poderia ser uma pesquisadora aqui do Brasil que poderia dar uma entrevista como a gente tá fazendo agora?

PAIVA: Sim, a gente evita. O ideal é ser um brasileiro que more nos Estados Unidos, mas às vezes não consegue, vai um brasileiro do Brasil mesmo que é muito mais fácil da gente conseguir. A sorte é que os Estados Unidos têm, enfim, muitos brasileiros.

SERRÃO: Como você vê essa relação do correspondente internacional com as agências de notícias? É um trabalho mais conjunto, você acha?

PAIVA: Essa parte das imagens pra cobrir o VT é um negócio absolutamente fundamental, porque, se a gente não tem essas imagens, a gente teria que ter uma

equipe gigantesca aqui de cinegrafistas cobrindo tudo. Tipo vamos fazer uma reportagem sobre vacinação em Nova York, vai ter que ter alguém filmando rua, gente andando, entrando no metrô, vai ter que ter gente filmando gente sendo vacinada, vai ter que ter gente indo na press conference gravar o prefeito falando. Então ter isso tudo no banco é absolutamente fundamental, se não não seria possível em termos de orçamento fazer o negócio.

SERRÃO: Fala um pouco sobre isso, puxando pra essa parte do orçamento. Eu acredito que com o advento da tecnologia o trabalho do correspondente ficou muito mais fácil, porque você não necessariamente depende de satélite como era antigamente, mas, ainda assim, a equipe é reduzida no exterior?

PAIVA: Os correspondentes maiores que a gente vê todos os dias cotidianamente no Jornal Nacional, no Jornal Hoje, no Jornal da Globo, no Fantástico trabalham com uma equipe, uma equipe reduzida, mas existe ali. A pessoa não tá sozinha na rua, eles deixam um cinegrafista.

PAIVA: O nosso programa é assim a base da pirâmide. Eu, nenhum repórter nosso tem equipe, então é todo mundo 'vai de celular e vai... grava no celular, tenha um bom celular, bota um bom microfone', obviamente tem um padrão de qualidade que passa pela pessoa da Globo que decide sobre padrão de qualidade, porque determinadas coisas não podem passar porque a qualidade tá ruim. Mas, assim, todo mundo se vira sozinho nos trinta. Eu, tudo o que fiz até hoje foi gravando no meu celular. Obviamente, eu tenho um kit de luz, tenho um microfone bom, mas assim all by myself com meu celular.

PAIVA: Esse problema se agrava ainda mais, porque obviamente tem o advento da tecnologia, mas a gente também tem o dólar a quase seis reais, né? A Rede Globo, por exemplo, é uma companhia brasileira, o seu dinheiro é o real. Então, assim, quando bate seis reais o dólar, corta-se tudo, fica cada vez mais precário fazer. E isso eu sei que não é só com a Globo, todas as emissoras de TV tão cortando pra caramba tudo o que tem de internacional, porque não dá, não tem dinheiro pra fazer.

SERRÃO: Você acha que esse corte... enfim, você acha que isso afeta o jornalismo

brasileiro de certo modo? Eu entendo que seja uma parte mais internacional, mas, para entender o mundo como um todo, a gente acaba relacionando muitas coisas, até como você falou do Donald Trump em relação ao Bolsonaro na eleição. Como que você vê isso?

PAIVA: Com certeza, eu acho que é fundamental a gente ter uma mídia internacional, principalmente pra gente poder conseguir ler o mundo de forma mais autônoma, com brasileiros fazendo essa leitura, porque se não vira esse negócio mecânico que é cada vez você enxuga mais. Você precisa reproduzir mais agências, corre o risco de daqui a pouco ter um jornal com tudo prontinho ali pela Reuters; aí é só você conseguir abrir o site da Reuters, não tem nenhum diferencial, não tem nada de diferente. Então, obviamente que é fundamental a gente ter jornalistas cobrindo o mundo, acho que isso tem que ser de forma ainda maior, sabe? Só que é isso, a gente viu nos últimos anos isso decaindo, né?

PAIVA: Não é só Estados Unidos também, porque, se a gente pega correspondentes que aparecem com muita frequência mesmo, é tudo Estados Unidos, Londres e Ilze Scamparini na Itália. Sei lá, não existe ninguém cobrindo África, sabe? Não existe enviado especial brasileiro pra África. Então eu acho que deveria também se descentralizar um pouco essa produção internacional.

SERRÃO: Por que você acha que ocorre essa centralização? Seria realmente porque os assuntos principais que “nortear” as decisões mundiais acontecem em determinados pólos ou o que você acha que pode ocasionar isso?

PAIVA: Eu acho que é um pouco de tudo, eu acho que é porque é onde tá o dinheiro... obviamente o que acontece nos Estados Unidos e na Europa tem um poder muito maior de impactar o resto do mundo, mas eu acho que tem também uma herança racista, uma herança colonial nossa de só querer olhar pro norte. Hoje, a gente tem mais enviado nos Estados Unidos do que na América Latina. E eu tenho certeza que o que acontece na Argentina ou no Chile impacta o Brasil tremendamente e a gente tem uma cobertura fraquíssima sobre América Latina.

PAIVA: Eu acho que é um casamento de tudo, obviamente que existe a questão do

dinheiro, do centro de poder, mas existe também uma posição de eterno vira-lata de só querer retratar o norte global e ligar o foda-se pro debaixo.

PAIVA: E essas escolhas de pauta aí no estrangeiro, principalmente nos Estados Unidos, quais os critérios de noticiabilidade que vocês geralmente buscam utilizar? O que chama a atenção de vocês? Por que determinado assunto pode virar pauta ou não?

PAIVA: O nosso programa, por ter uma característica muito específica de ser um programa para a comunidade brasileira nos Estados Unidos, e o nosso foco principal são coisas que estão acontecendo nos Estados Unidos que afetam a vida da comunidade brasileira. Então um negócio que não seria muito noticiado no Brasil aqui é.

PAIVA: Por exemplo, o estado de Nova York passou a emitir carteira de motorista mesmo pra imigrantes indocumentados, independente do seu status migratório, você pode ir lá no DMV no Detran daqui e tirar sua carteira de motorista. Isso não é uma notícia que interesse o brasileiro que mora no Brasil, mas, pro brasileiro que mora nos Estados Unidos, essa notícia é fundamental, é um negócio que muda a vida das pessoas. Então isso é um negócio que entra aqui.

PAIVA: Agora tem outras coisas que são grandes, que vai ser importante pra mandar pro Brasil, mas que aqui também é fundamental, como, por exemplo, a invasão ao Capitólio no 6 de dezembro. É um negócio que tá na boca de todo mundo e o brasileiro tem que tá por dentro do que tá acontecendo, não podem tá isolados do resto do país. Então eu diria que o principal é: coisas que afetam a vida do brasileiro aqui, sejam elas grandes ou pequenas, entendendo a comunidade brasileira como uma comunidade imigrante - na sua maioria, imigrantes indocumentados, trabalhando de forma ilegal no país -, então a gente tenta focar mais nesses pontos.

SERRÃO: Apesar de você trabalhar especificamente nesse programa, que é voltado pro brasileiro aí nos Estados Unidos, como você vê essa relação de tempo nas matérias na editoria internacional dos programas de notícias aqui no Brasil, por

exemplo? [...] Você acha que afeta o desenvolvimento das matérias? A profundidade daqueles assuntos?

PAIVA: Não se aprofunda tanto quanto coisas locais, mas eu acho que é um negócio que faz sentido, vai sempre naquele funil do que é importante. Obviamente, na vida do brasileiro é mais importante o que está acontecendo no Brasil, mas, assim, existem momentos e momentos. A gente tem um VT muito maior quando tem invasão do congresso nos Estados Unidos, que não é qualquer coisa. Se tem um pacote econômico, ok, vamos falar, mas não merece tanto tempo quanto uma notícia, sei lá, sobre uma guerra do tráfico no Rio de Janeiro, que eu acho que importa muito mais pra quem tá do Brasil assistindo. E, assim, mesmo sendo menores, são VTs satisfatórios. Eu acho que é um tempo suficiente, acho que não é algo que afeta muito.

SERRÃO: As perguntas basicamente são essas, eu não sei se tem algo que eu não perguntei que você ache que é importante destacar sobre o trabalho no exterior...

PAIVA: Bem, não sei, eu acho que tem um lugar assim que as pessoas poucas vezes pensam sobre... que é a vida da pessoa que tá aqui, né? Porque querendo ou não somos imigrantes, imigrantes em vários países com problemas de imigrantes que todo imigrante tem, que é não ganhar um salário suficiente pra viver em um país em dólar, que é tá longe da família, longe de amigos. É uma vida nova, né? Muitas pessoas vêm com uma perspectiva de 'farei minha vida nesse lugar pra sempre' e a gente vê vários, brinquei da Ilze Scamparini, mas tá lá há quantos anos? Não sei, desde que eu nasci, eu lembro dela lá falando em frente ao Vaticano. Então é isso, é uma transformação de vida muito radical e eu acho que tem essa subjetividade aí dessas pessoas que tão fora. Eu tô adorando esse momento, mas tem os seus perrengues, muitos.

SERRÃO: Só uma última pergunta que agora me veio à cabeça falando sobre isso. Você já, obviamente, sabia falar inglês, né?

PAIVA: Sim. Então, obviamente também, o conhecimento de línguas é fundamental para aquelas pessoas que gostariam de ser um correspondente, né? Fora a parte da

linguagem, o que mais você acha que um jornalista deveria ter para ser correspondente? Precisa ter conhecimento sobre o país?

PAIVA: Eu acho que, com certeza, ter conhecimento sobre o lugar, porque chegar num lugar sem saber nada... 1 que você nem vai chegar lá, porque tem muita gente querendo isso; 2 que, enfim, sua vida vai ser muito mais difícil. Você precisa ter a língua com certeza, porque você chega num país pra já começar a trabalhar, então não existe esse tempo pra você conseguir produzir as coisas no lugar. Mas é importante também você já conhecer e já ter noção daquilo, porque é você ter noção sobre o que você quer falar.

PAIVA: A Editoria Internacional é tudo, é até meio engraçado, porque internacional é o que? Internacional é economia, internacional é esporte, internacional é religião, internacional é guerra... então, se você é uma pessoa que não quer falar de guerra, então não seja correspondente em Israel. Se você é uma pessoa que não quer falar de religião, então não seja um correspondente na Itália. É isso, tem coisas e coisas. Nos Estados Unidos, há um tempo atrás, eu não sei se a Globo ainda tem, mas tinha correspondente em Los Angeles, então é isso... se você não gosta de falar de Cultura, não seja correspondente em Los Angeles. E por aí vai, onde você está também dita um pouco sobre o que você fala, obviamente. Correspondente nos Estados Unidos também vai falar de guerra, vai falar de guerra no Afeganistão, guerra no Iraque... passa-se por tudo, mas existem locais mais vinculados a determinados temas, né? Então acho que faz sentido você entender onde você tá pisando, onde você tá entrando.

SERRÃO: Como você se preparou? Nessa parte de você entender os Estados Unidos, é algo bem complexo. Você já tinha essa ideia em mente?

PAIVA: Cara, não. Nunca tive esse pensamento, mas ao mesmo tempo é isso. Desde criança, eu era uma criança meio aficionada em países no geral, e aí eu tive minhas fases de cada país. Eu já fui uma criança aficionada pela Argentina, louca pela Argentina, sabia tudo da Argentina. Já fui uma criança aficionada por Portugal, adorava saber tudo de Portugal, por Japão e, enfim, Estados Unidos.

PAIVA: Estados Unidos foi assim uma coisa que eu comecei a adorar, querer pesquisar tudo e entender a maluquice que era esse país, isso lá pelos meus 14 anos. Então pra mim isso já era assim muito natural e durante a faculdade sempre me interessei muito por ler o New York Times, ler o The Washington Post, entender o que acontecia na política americana, porque no Brasil eu trabalhava com política, então eu adorava saber tudo o que tava acontecendo. Então isso acabou sendo um processo natural assim pra mim, e aí com o passar do tempo, quando eu criei esse instagram, foi o momento que eu falei ‘cara, eu acho que eu quero morar lá’. Foi quando eu entendi ‘olha, dá pra fazer esse negócio’, porque pra mim sempre foi algo assim meio tipo inalcançável, sabe? Nunca nem passou pela minha cabeça, então, quando eu vi que era um negócio que dava, eu falei ‘uau, quero’. Foi quando eu comecei a pensar mais profissionalmente sobre isso.